

Namallo Ortigas



AS

FARPAS

VOLUME 5

EDITORIA
LISBOA



AS FARPAS

RAMALHO ORTIGÃO

AS FARPAS

TOMO V

65 - -

A RELIGIÃO E A ARTE



LISBOA

DAVID CORAZZINI

EDITOR DE

40, Rua da Atalaya, 52,

Est. do Ant. de Valle

1888

BANIA

Rua da Alameda, 50



Officinas da Lacerda

I

«Se Deus approva, que tenha a bondade de se deixar ficar sentado... Está approvedo.»

Tal é, resumidamente exposta, a commoda maneira de votar por meio da qual, não só o congresso catholico reunido recentemente em Lisboa, mas muitos dos concilios ecclesiasticos que precederam este, se mettem de gôrra parlamentar com os legisladores do céo e constatam a approvação da Divindade ás deliberações tomadas pelos clerigos. Para esses cavalheiros, — papas, bispos, conegos, simples padres de enterro ou sacristães—Deus é absolutamente a mesma cousa que é para o sr. Fontes a sua maioria regeneradora, o que quer dizer: uma entidade encarregada de assistir á apresentação dos decretos e de dar o sim.

Nos sermões de penitencia das nossas villas e aldeias o truque é o mesmo que nos concilios, mas reforçado com um cordel.

O orador sacro, encarregado pela remuneração de 37600 em dinheiro e um prato de especiones com vinho fino, de refrescar para commodidade das almas em cada uma das domingas quaresmaes os ardores do purgatorio, irrigando de eloquencia e de latinidade esse recinto de clarificação espiritual, começa por pôr Deus no throno do altar mór, sob a figura do Senhor dos Passos escondido atraz de uma cortina rôxa, e dirige-se em seguida para a cadeira da verdade, acompanhado de uma ponta do barbante com que se ha de puxar a cortina. No final da prédica, á peroração, o ecclesiastico, depois de haver enxugado a um dos lenços extendidos sobre o parapeito do pulpito os 37600 de transpiração escurrida pela frente e pela região cervical, pega no cordel, volta-se para a cortina, faz uma vénia, e diz:

«Senhor! se minha debil voz, echoando n'este auditorio conspicuo, a cuja frente diviso o veneravel vulto do illustre conselheiro de Estado honorario, presidente d'esta benemerita irmandade, — se minha debil voz, digo, conseguiu levar ao vosso coração amantissimo a convicção do arrependimento em que se acham immersas as almas que ora vedes prostradas a vossos pés, dignae-vos, Senhor, de apparecer

para ouvirdes nossos votos. Aparecei, Senhor! Porque não appareceis?!»

E por meio da bem conhecida e sempre efficaz figura de rhetorica intitulada obsecração, — um dos mais arrojados e vehementes de todos os tropos, — o orador, dirigindo-se sempre á cortina, com bola de mão para a lacrimosidade dos fieis, faz sentir a estes por tabella que é mistér que elles soluçem durante alguns minutos para que Deus lhes appareça e lhes perdôe. Os fieis então desatam em suspiros de corrente pranto, e o ecclesiastico, acabando enfim por lhes dar Deus de presente, cae elle mesmo prostrado de commoção e de espanto na borda do pulpito, como se nunca em sua vida lhe houvesse apparecido um tão portentoso milagre como esse de se correr a mesma cortina que occulta a imagem do Senhor dos Passos, a que elle tem por officio puxar os cordeis em todas as quaresmas, á razão de trinta e seis tostões por tarde, além do beberete.

Nos congressos dispensam de ordinario o barbanete corroborativo da oratoria sacra.

Apenas nomeada a mesa que tem de presidir aos debates, os clerigos persignam-se, abancam, põem deante de si os rapés, e passam desde logo a redigir a acta, dando como presente, entre as pessoas do clero, a do divino Espirito Santo, representado sob

a forma de volátil symbolico e para este effeito invisivel.

Emquanto a fazer approvar pela Divindade, dada como presente na acta, tudo aquillo que elles se lembram de resolver em commum, consideram os clerigos — e mui judiciosamente segundo se nos afigura — que é inutil estar a puxar-lhe por guitas, tendo com Deus a mesma maçada que se tem com as marionettes.

N'esse presupposto o que os padres decidiram foi o seguinte :

«Sempre que Deus houver de rejeitar alguma das nossas resoluções, que se manifeste n'esse sentido. Não se manifestando, entende-se que está de accôrdo.»

Com o que, dão a palavra aos srs. membros que tenham que propôr cousas para approvar.

Ora Deus, na sua qualidade de ser supremamente sabio, segue, como é notorio, o systema habitual de não se manifestar nunca, quer seja para approvar, quer seja para desapprovar aquillo que um maior ou menor numero de padres, reunidos para esse effeito, determinem expôr-lhe.

É claro que lhe não faltava agora mais nada, ao grande bom Deus, senão sahir de toda a parte, onde consta achar-se, para vir alli assim á capella do

marquez de Castello Melhor, ou a qualquer outra, estabelecer dialogo com o padre Viegas ou com o padre Garcia Diniz, para o fim de os cumprimentar ou de os mandar á fava pelos seus discursos!

Succede portanto que de todas as vezes que alguns sacerdotes, em folga por falta de missas ou de enterramentos, se aggregam a alguns seculares mordidos pelo bicho carpinteiro do zêlo, e decidem juntos decretar mais fervor á devoção das massas afim de que estas mandem dizer mais missas ou se façam enterrar mais vezes, Deus, misericordioso e benigno, sorri de indiferença ineffavel nas profundidades immaculadas do azul e deixa o clero decretar, exactamente com a mesma longanimidade com que deixa a herva crescer.

Não affirmaremos porém em absoluto que esta enorme frescata de chinquillo, esta semcerimonia de bisca emparceirada com o Eterno pelos sacerdotes, não possa uma ou outra vez offerecer alguns ligeiros perigos, apertando-se de mais com o fiado.

Toda a familiaridade tem limites. Deus de quando em quando se pronuncia, posto que indirectamente, no sentido de recordar essa discreta maxima áquelles religiosos que abusam, dando-se ares de privar ainda mais com o céu do que privam com o proprio botequim do Martinho.

Ainda ha pouco em o parlamento hispanhol se deu um facto proprio para provocar em nosso espirito amargas conjecturas sobre os inconvenientes de nos tornarmos nojosos á força de sermos nimiamente prolixos em nossas intimidades com o Divino.

É de saber que o augusto pretendente D. Carlos, depois de haver consumido nas roletas do exilio, com o bello sexo estrangeiro e em devoções castelhanas, os bens da sua corôa, se achou reduzido ao mais invejavel estado de pureza christã, não tendo de seu senão facturas de fornecedores que pagar, a benção apostolica de Sua Santidade, e o direito divino.

Para sustentar esse direito nas côrtes da nação hispanhola havia um deputado especialmente incumbido de narrar á Peninsula tudo aquillo que Deus continuava a fazer pelo mui catholico principe D. Carlos, desde que D. Carlos, com a sua fôrca desarmada e posta em penhor n'um banco de Londres, deixára de fazer por Deus cousa que se visse suspensa por corda no espaço.

Pois bem, o que ultimamente succedeu foi que : o deputado alludido, ao principiar a usar da palavra para mais uma vez introduzir a divindade n'uma fala aos de Castella, cahiu subitamente morto.

Os anjos haviam-o chamado ás alturas, extendendo-lhe do empyreo o ascensor de Jacob a que na ter-

ra damos o nome vulgar mas expressivo de apoplexia.

Acontecem d'estas ás vezes!

Os fieis, a poder de mandarem os philosophos ao diabo, arriscam-se um pouco a acabar como o hispanhol, fulminados repentinamente pelo Altissimo, ao reconhecer-se que effectivamente não estão satisfeitos com a marcha que modernamente teem tomado as cousas sobre a esphera terrestre.

O mais vulgar porém, da parte de Deus, é a indifferença imperturbavel pelo ardor, ainda o mais comichoso, d'aquelles que servem a sua igreja, pon-do-se de Deus á esquina para a gente e vibrando a religião como a grande moca benzida com que atiram á testa de quantos andam a ganhar a sua vida por este mundo, emquanto suas excellencias estão em folga temporal nas sacristias, locupletando-se de bemaventurança futura e de hostias quotidianas.

Assim como nós outros fundamos camisarias ou estancos, fundam elles agencias e succursaes do céu por sua conta, despachando os requerimentos dos candidatos a anjos, designando em dias de juizo trimestraes, como os exames de frequencia, os eleitos e os réprobos, e sentando desde logo uns á mão direita e outros á mão esquerda do bem conhecido

redactor principal e leitor unico da *Nação*, o sr. Fernando Todo Pedroso.

Garibaldi, por exemplo, escusa de pensar em entrar jámais no céu com a sua formosa camisola, cujo vermelho ardente poria ao longo da Via Lactea um rubor d'aurora. Garibaldi que se aguenta como puder nas profundidades do inferno, pequeno de mais talvez para conter toda a paixão de liberdade que encheu na terra o seu coração maldito. Elle levou uma fava preta do Todo Pedroso sr. Fernando, e S. Pedro está prevenido.

Os doze pescadores, que, á voz de Jesus falando-lhes na montanha, abandonaram as redes para levar palavras de consolação a todos os opprimidos atravez do universo, não queriam ao pé de si lá em cima esse official do mesmo officio, que tantas vezes abandonou a barca amarrada ao rochedo de Caprera para ir com uma espada na mão arriscar a pelle, não já para consolar por meio de sermoneiros da liberdade perdida, como nos apologos da Biblia, mas para pôr definitivamente a liberdade onde estava a oppressão. S. Paulo, que procedia litterariamente, por meio de epistolas, como madame de Sévigné, não consentiria de boa mente que se puzesse ao lado da sua penna platonica a espada cheia de bôccas de um companheiro que pro-

curou como pôde fazer por obras n'esta vida o que elle apenas prometteu em doces palavras para a outra.—Assim o decidiram, pitadeando-se de commum accôrdo sobre o caso, o reverendo Viegas e o reverendo Garcia Diniz, em conselho de sacristia, sob a presidencia de Todo Pedroso.

O nobre conde de Santiago, pelo contrario, é recebido por aclamação, com a sua chapeleira e o seu ripanso, no comboio expresso, organizado por estes senhores, do Passeio Publico para a Bemaventurança. Esse piedoso fidalgo está nomeado secretario do congresso catholico, o que lhe dá no seio da christandade honras antecipadas de seraphim. Com o privilegio de redigir as actas do sagrado concilio o nobre conde acha-se concomitantemente investido no direito de poder andar d'azas, desde já, por este mundo. Mais alguns mezes de fervor e de secretariado da parte de s. ex.^a, e poderemos alimentar a esperanza de o vêr ainda atravessar o Chiado como o atravessam os perús, isto é — em pennas. A natural pudicicia de s. ex.^a lhe vedará porém talvez o circular entre os viventes vestido unicamente com os espanadores dorsaes destinados ao convivio dos cherubins no gallinheiro celeste.

O aspecto do recente congresso catholico do Pas-

seio Publico (lado occidental) tal como os noticiarios nol-o descrevem parece-nos de uma pompa particularmente modesta, destinada a não excitar represalias da parte do sr. França Neto.

Meia duzia de padrecas, com as suas sobrecasas dominicaes e os seus chapéos altos anediados de novo para decoro das corôas subjacentes, mais outros tantos seculares vestidos de preto e puxados á substancia do panno fino pela benzina expurgante, postos todos em volta de uma mesa a assoarem-se uns para os outros com emphase, dão-nos menos a idéa de um ajuntamento triumphante de convicções victoriosas do que o painel de um simples ciprestal sentado, — com defluxo.

Além de solicitar a benção apostolica, o congresso catholico de Lisboa resumiu os seus trabalhos em duas unicas resoluções: fundar uma universidade catholica e requerer dos poderes publicos que por meio da sua policia elles façam respeitar nas ruas as pessoas dos ecclesiasticos, presentemente apupados pela multidão, segundo elles mesmos dizem, sempre que apparecem em publico revestidos de habitos sacerdotaes. O que, a ser exacto, é precisamente a mesma cousa que succedia em Paris ao padre Lacordaire no tempo da Restauração. Notando-se que a Restauração foi de todos os governos em França aquelle que mais protegeu o clero,

fica-se em duvida sobre se a intervenção do governo será o meio efficaz de garantir aos ecclesiasticos a deferencia e o respeito, que ninguem jámais lhes recusa nos paizes de liberdade religiosa, em que o Estado é atheu, como na America do Norte.

Se compararmos o espirito e o aspecto d'esta assembléa catholica com algumas reuniões do mesmo genero celebradas na Europa durante o decurso dos ultimos annos, somos obrigados a confessar que o prestigio do sacerdocio decae de um modo sensibilizador.

No congresso belga, por exemplo, reunido em Malines no mez de agosto de 1863, o numero dos adherentes era de 3:000. Na cathedral de Saint-Rombaut, o cardeal-arcebispo Sterchx celebrou a missa solemne d'abertura, depois da qual os membros do congresso seguiram em procissão para a vasta sala das sessões, engrinaldada de festões de rosas e empavezada de trophéos de todas as bandeiras da christandade como uma enorme nau em triumpho. No tôpo do salão o estrado destinado á mesa era coberto por um docel de velludo carmezim franjado d'ouro sobre o qual se destacava na doce pallidez do marfim uma imagem de Jesus cravado de brilhantes na cruz d'ebano. Esbeltos soldados da milicia papal, em grande uniforme, de

capacetes rutilantes e bigodes recurvos, fazem álas tendo ao tiracollo as bandas symbolicas de seda branca e ouro. O alto clero que vem tomar assento na assembléa passa em pompa, gravemente, por cima do tapete de Smirna desenrolado ao longo da sala. Á frente, os cardeaes com as suas purpuras roçagantes; depois os bispos inglezes, os de Gand, de Tournay, de Namur, apoiados aos seus baculos, e os sacerdotes do rito armenio, de grandes barbas, chapéos altos sem abas com véos rôxos, empunhando as suas longas bengalas de castão de ouro.

Foi no congresso de Malines que De Montalembert, o antigo collaborador do abbade Lamennais, proferiu o seu monumental discurso sobre a Igreja livre no Estado livre. De Montalembert acreditava ainda na possibilidade de uma alliança entre o espirito scientifico do mundo moderno; e o seu discurso é n'esse intuito um manifesto de uma rara eloquencia apaixonada, profundamente convicta.

«Em toda a parte excepto na Belgica — disse elle — os catholicos são inferiores aos seus adversarios na vida publica, porque os catholicos não souberam ainda congrassar-se com a grande revolução que ge-rou a nova sociedade, a moderna vida dos povos. Em presença da sociedade moderna os catholicos sentem-se timidos e confusos; têm-lhe medo. Não

apprenderam por emquanto a conhecer, a amar a sociedade em que vivem. Muitos estão ainda, pelo coração e pelo espirito, ligados ao antigo regimen, isto é, a um systema que não admittia nem a egualdade civil, nem a liberdade politica, nem a liberdade de consciencia. O antigo regimen tinha o seu lado grande e bello; não pretendo julgal-o aqui, e muito menos pretendo condemnal-o. Basta-me reconhecer-lhe um defeito, mas esse capital: está morto, e nunca mais resuscitará.»

Em seguida Montalembert demonstra que n'este seculo a Egreja ou ha de cessar de existir ou ha de viver na democracia e na liberdade. A Egreja, ou não tem mais que fazer no mundo, ou tem que contribuir ainda como nos tempos que fizeram a gloria do seu passado, para a perfectibilidade do espirito humano, intervindo no progresso pelo combate da livre razão contra todas as usurpações, contra todos os privilegios, contra todas as tyrannias exercidas sobre a inviolavel fraternidade humana.

A liberdade é uma só, unica, indivisivel e sagrada, expressa pelo predominio dos poderes espirituaes sobre os poderes temporaes, representada na parte dynamica pela sciencia, na parte estatica pela religião.

Na sciencia a liberdade consiste no direito de descobrir a verdade e de a proclamar sem disfarce e

sem restricção alguma como base das relações do homem com o homem na independencia absoluta da revelação e da fé. Na religião a liberdade consiste, como dizia Guizot, no direito que tem a consciencia humana de não ser governada nas suas relações com Deus por decretos ou por castigos humanos.

«Catholicos — disse Montalembert — se quereis a liberdade para vós, entendei-o bem, é preciso que a queiraes igualmente para todos os homens e debaixo de todos os céos. Se a pedirdes para vós unicamente, não a tereis nunca: dae-a em toda a parte onde fordes escravos.»

Esta energica apologia da liberdade, entusiasticamente applaudida, levou o congresso de Maniles a ridigir nos seguintes termos uma das resoluções da assembléa :

«É do interesse dos catholicos, assim como de todos os cidadãos que sinceramente querem a liberdade, o substituir quanto possivel a intervenção e a omnipotencia do Estado pela energia creadora e pelo principio expansivo do espirito de associação.

Vejam os agora quaes foram os resultados praticos d'esse grande impulso de eloquencia destinada a fazer entrar o catholicismo no movimento liberal da moderna civilisação. Os destinos da Egreja n'este fim do seculo xix estão profundamente ligados a

esse facto culminante na historia das idéas clericas.

O que succedeu no congresso de Malines foi que os cardeaes e os bispos abandonaram a reunião no dia immediato áquelle em que Montalembert fizera o elogio da alliança da egreja catholica com a sciencia e com a liberdade.

Compareceram apenas nas sessões subsequentes os membros obscuros do baixo clero, os quaes movidos de um generoso impulso democratico continuavam a applaudir Montalembert, não sem perguntarem a si mesmos com certa inquietação o que se pensaria em Roma dos discursos e das resoluções do congresso belga. A resposta não se fez esperar. Tres ou quatro mezes depois Pio IX escrevia ao arcebispo de Munich uma carta, em que pela maneira mais formal censurava a audacia dos catholicos que ousavam reunir-se em congressos para proclamarem por sua conta a *liberdade da sciencia*.

Esta missiva, pouco terna para com os congressistas de Malines, não obistou a que elles se reunissem ainda uma vez em agoste de 1864. Montalembert não compareceu. Falaram o padre Hyacinthe e o arcebispo Dupanloup n'um sentido que, apesar de moderado, não pareceu sufficientemente retrógrado a Sua Santidade. O Papa respondeu as utopias liberaes do congresso com a publicação do *Syl-*

labus e da encyclica *Quanta cura*, cortando assim pela raiz, e de uma vez para sempre, toda a illusão de um accôrdo entre o espirito ecclesiastico e o espirito da civilisação.

Em presença d'esses factos, os congressistas de Malines tinham duas resoluções que tomar: submeter-se a acceitar a doutrina da encyclica e do *Syllabus*, ou reagir e protestar. O primeiro caso era a retractação vergonhosa de todos os principios affirmados e de todas as aspirações manifestas no congresso; o segundo caso era a revolta e o scisma no gremio da Igreja.

N'esta conjuntura escabrosa o congresso preferiu dissolver-se.

Desde esse dia o destino do catholicismo ficou fixado.

Entre os interesses do clero e os interesses da civilisação ha uma barreira que os proprios padres, ainda os mais instruidos e os mais liberaes, julgaram impossivel transpôr.

Ora desde que não pode ser um alliado, o que está evidentemente demonstrado, o padre é um inimigo. Para o combatêmos a nossa primeira obrigação é tomar conhecimento das forças de que elle dispõe para nos prejudicar. Sobre este ponto a resolução tomada pelo congresso do Passeio Publico

de pedir a intervenção da policia civil para evitar que o povo troce o clero, tranquillisa-nos satisfatoriamente.

Torquemada requerendo para a queima dos sacrilegios um lampejo emprestado ao chifarote do habil Antunes é um symptoma doce. O congresso propõe-se morder os impios com a condição de que os impios lhe ponham as prêsas. É a S. Bartholomeu a troco de um dentista. Se os querem vêr cantar o côro dos punhaes, cedam-lhes o Vitry.

A unica cousa grave e perigosa para a sociedade no congresso catholico de Lisboa, é que, segundo parece, esse congresso foi divertido. As senhoras pelo menos assim o entenderam concorrendo em grande numero a todas as sessões.

Que attractivos especiaes tem a classe ecclesiastica para captivar assim as adhesões da mulher?

Investigando este phenomeno, vêmos em primeiro logar que ha em Portugal tres especies distinctas de padres:—o padre das missões, o padre d'aldeia e o padre de sala.

Os padres das missões subdividem-se em dois grupos differentes: os aventureiros e os mysticos:

Os aventureiros viajam ordinariamente para a Africa por especulação temporal, por amor á vida

d'emigrante, á lavoura dos tropicos, ao lucro mercantil, á intriga da politica colonial e á batota ultramarina. De quando em quando, ao apparecerem-lhes á mão, arrebanhados, alguns centos de pretos mansos e somnolentos, baptisam-os em massa, cerimonia tocante a que os pretos se submettem ador-mecidos como verdadeiros justos, conscios por experiencias feitas de que essa operação, altamente civilisadora posto que inoffensiva, os não torna nem mais nem menos pretos do que elles são.

Os mysticos, mais raros, são pessoas doentes da allucinação do martyrio. A sua ambição suprema consiste em serem comidos ás fatias fritas, em mandioca, pelas raças anthropophagas. Logo que se julgam sufficientemente temperados com o latim preciso para excitar a gula cannibalesca e assaz tenros de carne pela vida de capoeira nos comedouros dos seminarios, vestem-se com os trajas de D. Basilio no *Barbeiro de Sevilha*, mettem um Breviario dedaixo do braço e embarcam para regiões inhospitas e selvagens.

Uma vez em communicação com os infieis, nunca mais cessam de lhes metter o Breviario em cruz entre a bocca e o prato, até conseguirem realisar a sua aspiração suprema, que é não restar d'elles mais que uma batina e um par de sapatos, deitados para dabaixo da mesa juntamente com as cascas dos le-

gumes, e dois cannibaes a palitarem os dentes, e a dizerem um para o outro :

— Saboroso padre? benza-o, Manipanso!

O padre d'aldeia é d'ordinario o melhor dos homens.

A sua rudeza montezinha colloca-o ao abrigo de todas as subtilezas ennervantes da penitencia requintada e dos pequenos peccados elegantes e estonteadores.

As suas intimidades com a sã natureza dão-lhe o instincto de uma bôa religião alegre e repicada, com arcos de murta no adro tapetado de espadanas, de funcho e de rosmaninho, na festa do orago, com morteiros á missa cantada, n'uma vasta satisfação de cajados reluzentes, de sapatorros novos nos rapazes, de barbas feitas nos velhos, e de mangas arregaçadas, de linho branco e fresco, nas queijadeiras postadas em fila no arraial.

Na quaresma conduz de sobrepeliz uma grave e simples via-sacra á roda da egreja, de cruzeiro em cruzeiro, até a grade do cemiterio.

Pelo Natal, ao terminar a missa da festa, toma do altar a ingenua e rosada imagem de um pequeno Jesus rechunchudo, de refeginhos nos artelhos e nos pulsos, e ao som da gaita de folle, passeia-o sob um chuveiro de beijos humidos e repenicados, por

entre as brôas de pão-pôdre, os cabazes d'ovos e os casaes de capões, que atravancam a passagem por entre os fieis ajoelhados na nave.

Nos dias ordinarios engrola a missa das almas ao romper do dia n'um latim abreviado, mastigado á pressa, e vae podar as cepas, sachar o cebolo, enxertar os limoeiros ou caçar as perdizes, palmilhando o monte, saltando vallados, e regressando a casa ao toque das Ave-Marias, com os perdigueiros adeante, a espingarda na bandoleira; dando as boas noites para a direita e para a esquerda ao atravessar a aldeia; batendo no hombro aos homens, beliscando na cara as raparigas com a bôa jovialidade carnal do seu velho confrade de Meudon o reverendo Rabelais.

O padre de sala grassa principalmente na aristocracia das cidades, cujas casas frequenta por um resto de tradição antiga nas familias nobres, onde o capellão era de rigor nos accessorios da *mise-en-scene*, como o bolieiro, o creado de farda e a preta.

As meninas nobres, que hoje lêem o *Figaro* e os romances de Daudet, não tomam completamente a serio essa reliquia heraldica. O padre da casa é para ellas um simples utensilio de character profano, recreativo e caturra. Troçam-o como um grotesco inofensivo, e inutilisam-o como um serviçal de sexo

neutro, collocado na serie zoologica da herilidade entre a creada de quarto e o homem. Encarregam-o de certas compras racionadas, que não sabe fazer um simples moço de recados sem o curso dos seminarios.

É o padre que vae ao Seixas buscar as lãs para bordar, segundo os matizes da amostra, que leva o bracelete a compôr ao Leitão, e o *chignon* para frisar ao Godefroy. É elle que acompanha ás lojas de dia, e ás visitas sem cerimonia á noite. Leva os agasalhos: ajuda a vestir os paletots, ata os sapatos cujas fitas se deslaçam no caminho, e paga os bilhetes do Tramway com dinheiro que se lhe fornece para isso.

Não está persistente n'uma só casa, como nas antigas capellarias. Anda aos dias. Aos domingos vae jantar a casa das F., onde serve ao *croquet* ou ao *lawn-tennis* no jardim, e onde marca as carambolas no bilhar á noite. Ás segundas feiras chaperona a licção de desenho das meninas S. Ás terças acompanha a viscondessinha de X. ás suas devoções a S. Luiz e a outros logares. Ás quintas dão-lhe chá preto e pão torrado com manteiga para ir fazer perna ao whist da velha baroneza Z.

Aos serões, em tórno do candieiro, depois de despejado o sacco das mexeriquices que traz das casas d'onde vem, vê as gravuras das *Illustrações*, ou

dorme. As meninas procuram ás vezes arrancal-o ao torpôr da sua digestão ou da sua ignorancia, ambas igualmente crassas :

— Padre José, esperte ! não se faça ainda mais môno do que é ; scintille para ahi um bocado ; tenha faisca, ainda que seja em latim, ou em cantochão !

E perante o olhar d'elle, esbugalhado, vermelho, attonito, ellas, em inglez, umas para as outras, picando o *crochet* :

— Cada vez mais bruto ! uma lastima ! um cumulo !

Quem precisa de padre e o não tem á mão, pede-o emprestado, como se pede emprestado ao vizinho um alicate ou um martello. Sophia, que está em Cintra, escreve para Lisboa a uma amiga :

«Resolvemos abrir duas portas na sala de jantar sobre o jardim. Preciso de olheiro para os operarios. Cede-me padre Antonio por oito dias. Dá-lhe dinheiro para o omnibus e manda-m'ó amanhã sem falta.»

Ás vezes o padre de sala desaparece por algum tempo da circulação, posto na escada com a respectiva bagagem, — uma camisa, um pente, dois pares de piugas embrulhadas n'um jornal—, e uma pontuada de bengala nos rins em estímulo de velocidade para a porta da rua.

Alguem á noite pergunta :

— Que é feito do padre João ?

E o dono da casa, levantando os olhos do jorna que lê a um canto, responde lentamente :

— Mandei-o rinchar para as lezirias. Começava a achar-se folgado de mais para se continuar a ter á argola. É o que lhe fiz sentir esta manhã por meio de uma ligeira admoestação corporea.

— Mas o physico do sacerdote é inviolavel e sagrado !

— Por isso tambem não foi pelo lado *cruzes* que eu o admoestei, foi pelo lado *cunhos*.

De resto, entre as familias distinctas de Lisboa, quando alguem quer casar-se, confessar-se com decencia, ou receber soccorros espirituaes para morrer com elegancia, vae aos Inglezinhos ou manda pedir a S. Luiz dos Francezes a visita do reverendo Abbé Miel.

O padre extrangerio tem sobre o padre indigena a vantagem de não se haver abandalhado nas eleições, de não ir para a platéa de S. Carlos applaudir a opera e dizer graçolas ás senhoras suas confessadas, que estão nas bancadas ao pé d'elle, de não andar pelas casas particulares com as piugas e com as fraquezas embrulhadas em papeis, e de não misturar nunca — a não ser no sigillo do santuario

—o bacalhau norueguez do preceito abstinencial com o lombo de porco da carnalidade gentilica e pecaminosa.

Além do que, como veem feitos de fora, não consta na confidencia dos lisboetas nem nas revelações mais desabotoadas das villegiaturas de Cintra ou de Cascaes qual a especie de pau de laranjeira com que elles foram manufacturados.

Apesar porém de todas as apreciaveis inferioridades que tão vantajosamente recommendam os clerigos lusitanos á estima e á tranquillidade dos partidos liberaes e dos chefes de familia, vêmos que, apenas quatro padres annunciam um dos seus *meetings* ao Eterno, logo oitocentas senhoras, duzentas por padre, acodem a engrandecer essa manifestação com o effeito scenico dos seus encantos.

Que os revolucionarios obtenham outro tanto, se são capazes!

Confronte-se, por exemplo, o club Gomes Leal com a sacristia dos condes de Castello Melhor. Que contraste!

Aquelle club reunirá facilmente nas suas sessões todas as gravatas vermelhas do partido e todas as blusas do bairro. Emquanto aos logares reservados ás damas, será mais difficil preencher-os. Logo que D. Angelina Vidal haja tomado assento na assem-

bléa, a commissão encarregada de conduzir as senhoras ao santuario da poesia revolucionaria poderá tirar as luvas, accender os cigarros e desabotoar os colletes, que não terá mais ninguem para conduzir.

A razão d'este phenomeno significativo é que os padres e os padristas, por menos espertos e menos habéis que sejam, têm por baixo de si a levantal-os mais alto do que todos nós, oito seculos de talento, de discussão e de controversia, que fizeram da theologia o maior dos monumentos do espirito. Os seus doutores, os seus martyres, os seus here-siarchas e os seus apóstatas representam no dominio do pensamento o triumpho mais maravilhoso d'essa grande força chamada o estudo.

A antiga tradição, a auctoridade consagrada, o respeito adquirido, trespassado pela hereditariedade de geração em geração, torna hoje facil o officio de continuar a manter nas consciencias os habitos do respeito e a pratica da devoção.

O mal dos revolucionarios na propaganda moderna consiste no grave erro de suppôr que se pode ir para livre pensador assim como geralmente se vae para padre, isto é, por simples estupidez.

Ora ser padre, quando se não tem cabeça para ser qualquer outra cousa mais util, é corrente, é commodo, faz arranjo ás familias com filhos tapados para contas, e não tem perigo nenhum.

Na Igreja quem não sabe outra coisa diz missas. Na Revolução quem não sabe mais nada diz asneiras. Esta é a diferença.

As mulheres, que em geral não conhecem os chefes da Revolução, assim como também não conhecem os da Igreja, que nunca lêram Diderot nem Proudhon nem Michelet, como igualmente não lêram nunca S. Paulo nem Santo Agostinho nem S. Thomaz, obrigadas a examinar pelos caracteres inferiores e a escolher pelos elementos subalternos, preferem a missa, e fazem bem. Na incapacidade, bem como na pornographia, o latim attenua.

O erro dos padres nas suas relações com o seculo—pedimos licença para lh'o dizer—está unicamente em tentarem ainda algumas vezes exprimir-se em vulgar. Para prestigio da classe e decoro d'elles, aconselhamos ardentemente a suas excellencias o uso exclusivo das linguas mortas,—convindo porém exceptuar de tal numero o latim de Molière, pois consta haver alguns velhos latinistas que ainda entendem esse.

II

Acha-se ainda na Alfandega — dizem — uma partida de agua de Nossa Senhora de Lourdes perante a qual, como producto sujeito ás leis do imposto, hesita a opinião dos classificadores de generos importados.

Admittido que a agua de Nossa Senhora de Lourdes tenha operado, como se affirma, a cura de uma paralytica, é claro que tal agua não pode deixar de ser considerada senão como — droga.

Droga medicinal, a agua de Nossa Senhora de Lourdes abre um capitulo novo nos systemas hydrotherapicos.

Este capitulo precisa de ser ratificado pela observação scientifica. Para tal fim importa estabelecer nos hospitaes uma enfermaria especial, uma enfermaria de doentes incuraveis, para ensaio do novo systema.

Como agente therapeutico crêmos que a agua de Nossa Senhora de Lourdes não pode, decentemente, esquivar-se a esta prova.

Se sobre as suas propriedades medicinaes essa agua accumula o privilegio sobrenatural de um elixir milagroso e divino, dupla razão para que em nome da fé se lhe instaure um processo de identidade.

Pela nossa parte, ó boa agua — inoffensiva, benéfica talvez, talvez divina! — não duvidamos de ti. O que nos succede apenas — é que te não conhecemos. E queríamos ter essa vantagem.

Se antes de te acreditarmos como enviada do céo, te pedimos que te sujeites á pequena formalidade de uma apresentação prévia, estamos — bem vês — dentro dos usos e das praxes do século de que somos filho.

Se querias que, sem a precedencia d'esta cerimonia, corressemos a ir receber-te á Alfandega ao regaço do sr. Nazareth, em procissão de penitencia, vestidos de farricôcos, com os pés nus, um cilicio nos rins e um osso de defuncto atravessado na bôcca, porque não vieste mais cedo, ó boa agua, um pouco mais cedo a este mundo velho? Se és miraculosa, e portanto omnisciente, dize, agua amiga, porque tão tarde chegaste?

E se o fizeste de proposito, se o teu fim é convencer o tempo actual, porque o não convences, — quando se te não pede mais —, tal como elle é, tal como elle se acha?

Antigamente, querida, os milagres therapeuticos e os da infusão da sciencia, a vista aos cegos, o ouvido aos surdos, o andar aos paralyticos, o saber aos nescios, faziam-se pelas estradas fora, nas romarias aos santos, no adro das egrejas á hora do sahir da missa, na portaria dos conventos no acto da distribuição do caldo.

Hoje nós modificamos o scenario, — o que nos não impede de acceitar com egual gôsto o milagre quando o milagre apparecer.

Pede-se apenas uma cousa: é que elle tenha a bondade de se produzir nos sitios que nós agora destinamos para o receber. Porque o milagre deve comprehender que cada um tem o seu officio, o seu trabalho, o seu modo de vida, e não podemos andar todos a fazer romagens aos santos longinquos, nem a ir para os mosteiros comer o caldo dos outros.

Os logares actualmente consignados para o exame e averiguação dos milagres são os observatorios astronomicos e meteorologicos, os gabinetes de physica, os laboratorios chimicos, os amphitheatros anatomicos, as escholas e as academias.

O teu logar, ó agua beneficente, é na barra das aulas, defronte das cadeiras de pathologia, de therapeutica, de clinica e de pharmacia, o teu logar é nas enfermarias dos hospitaes de estudo, na pre-

sença da faculdade, no meio da reunião dos cursos medicos.

Por uma ou outra casa particular, applicada ás escondidas, ministrada por padres ignorantes, recebida por devotas analphabetas, tu não poderás já-mais affirmar-te nem na sciencia mais orthodoxa nem na fé menos instruida. Porque, se as devotas nos disseram que, posta em compressa sobre a columna vertebral, tu fizeste falar uma muda ou caminhar uma paralytica, nós diremos que o agente therapeutico n'este caso foi a simples *força synergica* do enfermo, a sua vontade vivamente excitada pela imaginação ou pela confiança, a qual basta, segundo a mais authentica historia peregressa de muitos casos pathologicos, para determinar a cura do hysterismo e da nevrose. E sendo assim, ó sympatheticã agua da Minha Senhora de Lourdes, eu posso com boa razão duvidar que a tua efficacia, benzida pelo clero, seja superior á de uma simples pilula de miôlo de pão fabricada por mim.

Ora se tu houveres sido applicada authenticamente em casos diagnosticados e prognosticados pelos clinicos, quando o teu milagre se der, os medicos responderão á minha duvida:— Não foi o synergismo que operou a cura, porque o caso proposto não é o de uma lesão organica.

E nós então curvaremos a cabeça, ajoelharemos

humilhados deante de ti, e devolver-te-hemos á chimica para que ella te analyse, para que segregue successivamente os elementos que te constituem, até chegar ao *Princípio Divino*, que até agora ninguem presentia senão no sacrario da consciencia e que n'esse momento será transmittido á Egreja, unificada pela sciencia em todo o mundo, para que ella o exponha á adoração do universo, ao lausperenne da criação inteira.

Em todo o caso, ó agua de Nossa Senhora de Lourdes! ó agua de Nossa Senhora de la Sallette! nós te saúdamos e te bemdizemos.

A circumstancia industrial de terem feito de ti, por ignorancia, por superstição ou por cubiça, um mesquinho artigo da *toilette* benzida, um succedaneo mystico de *João Maria Farina*, não obsta a que tu continues a ser um dôce presente da Creação affectiva e amante.

Que importa que não cures? Corres, e é o que basta!

Tens fertilizado e abastecido os campos sequiosos e áridos. Tens feito brotar na frescura da tua corrente os suaves musgos avelludados, os morangos saborosos, as violetas, as madresilvas, as cousas mimosas e affaveis. Tens feito nascer o pão no trigal, e tens ajudado a fabrical-o nos moínhos. Tens ma-

tado a sêde aos grandes principes e aos obscuros vaqueiros, aos bellos cavallos das finas raças e aos miseraveis cães immundos e chagosos, a todos os animaes que andam na terra e a todas as aves que passam no céo. Tens sido finalmente a boa amiga liberal, compadecida e amovel da grande natureza. Por isso te queremos e te abençoamos, carinhosos e agradecidos.

Beijem-te na tua nascente os raios vivificantes do sol! Enlacem-te as auspiciosas influições da lua! Saúde-te o canto alegre diligente e matinal das cotovias e dos melros! E que o bom Deus te veja sempre no fiozinho marulhoso do teu curso, e te guie para o bem, isto é, para o trabalho, para a labutação espumosa dos açudes, para os operosos engenhos hydraulicos, para as fabricas, para as regas e para as fontes!

III

Lêmos na *Gazeta da Beira* que os padres missionarios que ultimamente haviam prégado na Guarda levaram d'aquella cidade a quantia de *tres contos de*



réis, producto da venda de bentinhos, cruzeiros, rosários, breves pontifícios para a celebração de casamentos independente de quaesquer formalidades, etc.

Isto não é servir a Deus; é pôr Deus a servir; é utilizar a divindade. Estes sacerdotes não prestam culto: cultivam. Deus é para elles o motor da atafona em cujos alcatruzes sobe do poço da credulidade popular o dinheiro espremido da algibeira dos fieis. Saccam letras sobre a salvação eterna e descontam-as a doze vintens pagos á vista n'este mundo. Fazem beneficios na côrte celeste e vendem as senhas a pataco á porta das sacristias. Têm uma agencia de passagens de recreio, a preços reduzidos, para o Paraiso, mas não admittem bilhetes de ida e volta para que não venham a desferrar-se nas orelhas dos vendilhões os que não acharem logar no mundo para o espectáculo da bemaventurança—promettida e paga. Mostram Deus por dinheiro, como se mostra um bicho de feira: sómente—não têm bicho que mostrar.

xy

Ora entre descrever da divindade e armar em modo de vida uma semelhante agiotagem e falcatrua ao divino, a descrença é menos impia.

Negar Deus pode ser uma convicção religiosa; vendel-o é uma ladroagem sacrilega.

Roga-se aos atheus que peçam a Deus misericórdia—para os missionarios.

IV

Não, senhores, o casamento não é, como denotam suppôr os que combatem o celibato ecclesiastico, um freio para a incontinnencia.

Pedimos ás pessoas que têm tido a bondade de receitar ultimamente ao clero o casamento, considerando este como a triaga soberana contra o terceiro peccado mortal, a fineza de serem um pouco menos injustos com a sua sociedade, e um pouco menos torpes com a sua familia.

Seria muito para desejar, como cousa demasiadamente delicada para andar entre os dedos dos compositores de periodicos, o abstermo'-nos de cotejar as vantagens que nossas mães poderiam ter tirado das suas nupcias, com os inconvenientes que os senhores ecclesiasticos poderiam ter achado nos seus votos.

Porque a veneranda verdade, superior a toda a grosseria de polemica, é esta :

O casamento não pode nem deve ser — por emquanto ao menos — considerado como uma dádiva de bordel feita pela hypocrisia das instituições á fatalidade dos temperamentos.

Não nos importa saber e desprezamo'-nos de indagar a questão baixa e sórdida que a carta do padre Jacintho levantou na imprensa: Se o padre precisa ou não precisa da mulher. Senhores jornalistas, o unico problema que n'este ponto a nossa dignidade nos consente resolver ou estudar, é: Se o padre precisa ou não precisa — da familia.

A familia não é a alcôva, é o lar domestico.

Perante o preceito canonico do celibato ecclesiastico, o que a nós mesmos nos perguntamos é o seguinte:

Se o padre, na sua residencia parochial, nos campos, ao pé da sua egreja, junto dos cemiterios, só com a sua consciencia elevada e com a plenitude perfeita do seu dever, pode conservar-se permanentemente indifferente ao amor — ao amor na mais alta, na mais philosophica, na mais pura accepção d'esta palavra — ao facto intimo, profundo, transcendente, de amar e de ser amado.

Se se pode humanamente dar com a pureza do character com a nobre sensibilidade das grandes almas a indifferença egoista, celibataria, catholica, pe-

las vivas e poderosas fecundações da natureza que rodeiam o padre no ermiterio.

Se a necessidade de se sacrificar por alguém, de se transmitir, de se perpetuar, no lar, na familia, nos filhos, não poderá um dia converter-se em uma paixão profunda e fatal.

Se finalmente a inveja, a inveja terrivel, mordente, devoradora, implacavel, não rebentará um dia ou outro na alma solitaria do parcho, cingindo-a e envolvendo-a como a hera envolve os troncos sêcos e estereis, perante as dedicações, as responsabilidades, os sacrificios, as alegrias que lhe são vedadas a elle, condemnado a contemplal-as, a bendizel-as, a abençoa-l-as, quando ellas passam constantemente aos seus olhos tristes e ardentes, personalizadas nas mães que levam os seus filhos pela mão, nos noivos que se beijam nas espessuras dos arvoredos, nos trabalhadores que jantam á sombra dos campos com as suas mulheres, nos velhos que fazem saltar nos joelhos os seus pequenos netos ás résteas do sol de inverno, á porta das cabanas.

E perguntamos por ultimo se esta inveja, procedente da chaga aberta na mais nobre fibra do nosso coração, não pode levar o padre, principalmente o padre meridional, ardente e solitario, imaginoso e mystico, ás profundidades tragicas da perversão, ás allucinações tenebrosas em que se geram os mons-

tros? e se as medonhas flagellações bestiaes que ensanguentam as paginas do catholicismo e a historia das relações da Igreja com a sociedade, em Portugal e na Hispanha, não serão apenas os resultados naturaes d'estas causas remotas, no intimo tão humanas e tão sympathicas—o delirio da solidão, a raiva do amor?

Ha porém a considerar: que a familia é tambem uma religião; no lar domestico o marido e o pae cumprem um sacerdocio da mais alta responsabilidade, árduo e austero. O lar domestico é o templo em que se sacrifica ao culto da honra e á religião da solidariedade. O padre que ingere nos deveres com Deus os deveres com a familia, não simplifica o rigor dos seus encargos, complica-os com encargos novos e com novos rigores; e, para aligeirar o peso de uma responsabilidade, contrae outra. Deseja-se saber agora, se quem não tem força para um, pode ter força para dois, e se poderá inculcar se capaz do mais quem não foi capaz do menos.

Não dá garantias de ser marido bom quem foi padre máu.

Na familia, como na religião, temos o direito de indagar se o neophyto traz pura a consciencia do dever, e provada a força precisa para o cumprir.

Parece que os srs. padres solicitam o casamento. Não basta. É preciso que quando por um lado o sacerdote queira a família, por outro lado a família queira o sacerdote.

Ora sem divagarmos em conjecturas, citaremos um facto estatístico: durante um anno doze ecclesiasticos foram degredados para a Costa de Africa por traição ao voto e offensas á moral.

Individualmente, sabemos bem e folgamos de o dizer com respeito, ha sacerdotes exêmplares e dignos, que seriam exêmplares maridos e dignos paes: estes estão incluídos em o numero dos que nem solicitam nem discutem o casamento. Como classe porém a ecclesiastica deverá fixar a nossa consideração pelas suas convicções e pelos seus principios indo para a Africa um pouco mais em missão — e um pouco menos em degredo.

V

O sr. padre José de Sousa Amado tem hoje a bondade de nos prevenir por meio de uma carta publicada no *Diario de Noticias*—de que breve-

mente cahirão sobre Lisboa *terríveis flagellos*, consequencia da divina indignação excitada por *actos publicos contra a moral e contra a religião*. Estes actos, segundo o mesmo sr. padre Amado, são os que praticam as mulheres pelo facto de — *cantarem nas egrejas!*

Suppúnhamos que desde os primeiros tempos do catholicismo tinham as freiras e as monjas elevado ao céu as preces, os louvores e as graças, cantando juntas nas egrejas, sem que por esse facto viessem accusal-as de terem promovido por meio dos exercicios do côro os flagellos que padeceram as gerações de que ellas fizeram parte.

Mas uma vez que o sr. padre Amado nos declara tão formal e terminantemente que se acha auctorizado por S. Paulo, e outros, a expulsar do templo as típles assim como Jesus expulsou d'elle os vendilhões, achamos bem que cada um se submetta, e que as senhoras da irmandade de Santa Cecilia, das Filhas de Maria e do Sagrado Coração se resignem a depôr as partituras das suas proximas novenas nas mãos puramente masculinas, tão gloriosas e tão lusitanas, do baritono Lisboa—o qual temos a honra de apresentar a suas excellencias.

Ha um leve inconveniente, que decerto terá sido

já devidamente ponderado pelo illustre e benemerito sr. padre Amado:

É que, com a ausencia das mulheres, nos vão faltar completamente os sopranos agudos indispensaveis para a execução cabal de innumeraveis trechos da musica sagrada!

N'este ponto porém estamos certos que os cantores ecclesiasticos, e á frente d'elles, com toda a certeza, o proprio sr. padre Amado, não recusarão á musica de egreja o sacrificio, aliás insignificante, de se sujeitarem áquella pequena operação que, se não mentem as gloriosas tradições musicaes da capella xistina e a clara fama das vozes de Girolamo Rosini e de Farinelli, os tornará facilmente aptos a substituirem os sopranos femininos— com grandes vantagens da religião e da moral— como o dicto sr. padre Amado muito bem diz.

Qual será o cantor sagrado assaz tibio para recusar ás imperiosas necessidades do canto-chão e ás suas, o fazer a si mesmo por dever musical aquillo que a rainha Lythusa e Semiramis foram as primeiras a mandar fazer aos outros por simples capricho gentilico da phantasia?!

E depois d'isto assim estabelecido, segundo os desejos do sr. padre Amado— o qual dentro de pouco tempo estará talvez habilitado a cantar na opera

Romeu a parte de Julieta — que os celestes flagellos vão a quem de direito, e que, tanto na terra como nas alturas, pese exclusivamente sobre a cabeça neutra do chantre a responsabilidade terrível do moteto!

Estavam escriptas com mão piedosa e cirurgica as linhas antecedentes quando sobre o mesmo ponto do capitulo anterior lêmos uma nova carta escripta pelo sr. padre Brito.

Ao contrario do reverendo Amado, declara agora o theologo Brito que as mulheres podem continuar a cantar nas egrejas sem que offendam por tal acto a religião catholica nem cavem mais fundo do que elle está o sulco por onde he de vir a Lisboa a torrente do divino castigo.

Vêmos que o sr. Brito funda a sua opinião no mesmo texto de S. Paulo em que o sr. Amado basea a opinião opposta á do sr. Brito. De onde parece quererem-nos fazer acreditar que S. Paulo, por consideração com estes dois doutores, foi do parecer de ambos.

Seria talvez opportuno que o digno prelado d'esta diocese lembrasse aos dois polemistas que elles estão obrigando um dos maiores Santos da Igreja a uma figura mediocrementemente satisfatoria.

Como quer que seja lembramos aos senhores ecclesiasticos a conveniencia de chegarem com a possível brevidade a um accôrdo qualquer, porque no côro da egreja da Lapa e em outros, uma multidão elegante, rica e burgueza, tomando a religião por um laço ao mesmo tempo celeste e aristocratico, espera.

Que a liturgia se apresse a decidir se têm de debandar ou não estas delicadas *matinéés* cantantes ao divino. As senhoras, de vestidos de velludo ornados de marta zibelina, com violetas no seio, e os homens em *toilette* de etiqueta, abotoadós em azul sobre colletes brancos e luvas côr de perola, cochicham, riem, procédem a apresentações, trocam entre si camelias e *boubons à la vanille*. E, emfim, se se não dá breve o signal para que rompa a novena, ninguém, nem o bom Deus, nem o dôce e pallido Jesus, que os contempla da sua cruz, agonisante e moribundo, extranhará que elles — os piedosos servos e servas de Maria — comecem naturalmente por organisar — um *cotillon!*

VI

A questão religiosa, esta pobre questão lymphatica, abstémia, de humores frios, alimentada a agua benta, localisou-se durante a época dos banhos no sitio da Ponte de Algés, e aqueceu algum tanto o seu insipido sangue branco com a viração maritima, com os jejuns a marisco, e com o largo sol de Deus, astro de uma indiferença impia e magnanima por todas as controversias theologicas.

Eis algumas notás sobre a ultima phase balnearia da questão a que nos referimos :

Um ministro protestante, o sr. padre Miranda, que ha poucos annos abjurou o catholicismo, naturalizando-se hispanhol e tomando esposa e bigode na egreja evangelica, fundara na quinta da Piedade, em S. José de Riba-Mar, uma eschola cujos alumnos eram não sómente ensinados mas vestidos e calçados gratuitamente pela generosidade do fundador.

Desde que esta noticia chegou, levada em parte pela fama, em parte pelos leiteiros de Carnaxide e

pelas lavadeiras de Linda-a-Velha, ás aldeias circumvizinhas, uma enorme sêde de saber se manifestou n'aquellas redondezas.

Todos queriam apprender o alphabeto na eschola do padre Miranda, pelo menos até á lettra em que a intelligencia do alumno, segundo o regulamento escholar, penetrava nos dominios dos sapatos novos.

Alguns, esporeados nos ilhaes por uma curiosidade scientifica quasi illimitada, pretendiam embrenhar-se a toda a brida na senda dos conhecimentos humanos até arrancarem do estudo uma das vestimentas cosidas aos serões da eschola pela familia do hereje.

O clero do patriarchado comprehendeu então que este systema adoptado por um intruso era prejudicialissimo para as ovelhas, pela razão de não as pôr em bom costume.

No aprisco catholico a ovelha estava habituada a não se approximar do pastor senão para o legitimo fim de ser conscienciosamente tosquiada em nome de Nosso Senhor Jesus Christo. Tosquia pela Paschoa, tosquia pelo Natal, tosquia pelo Advento, tosquia ao nascer, tosquia ao morrer, etc. De sorte que, nada mais tumultuario, nada mais dissolvente das praxes estabelecidas e consagradas do que a subita apparição infernal d'esse pastor clandestino que chamava a si a ovelha não para lhe ir ao pêlo, mas,

pelo contrario, para lhe raspar a tinha, para lhe afa-
gar a lã, para lhe servir a fina herva tenra do
b-á-bá e a dôce cama appetecida dos fortes sapatos
de bezerro e das frescas blusas de riscado de li-
nho.

Subiu então ao pulpito o sr. prior de Carnaxide,
de roquete e estola; persignou-se em latim, fez ge-
nuflexão ao Sacramento, assoou-se, tossiu, collocou
dois lenços sobre o parapeito da tribuna sagrada, e
disse pouco mais ou menos o seguinte:

«Amados irmãos! Na eschola da Ponte de Algés
está o proprio diabo em pessoa sob a figura de um
damnado hereje tentando as creaturas sob o pretext-
to fementido de as ensinar a lêr, escrever e contar.
Qual outro flagello mandado por Deus ao povo de
Israel, etc., etc... se assim ousou exprimir-me, etc.,
etc... assim elle, sahido dos seios tenebrosos do
mais horrendo peccado etc., etc. O seu contacto
apodrenta, a sua palavra empesta, o seu olhar dis-
solve. Onde elle respira o inferno chupa e engole...
Oh! meus amados ouvintes!... Ah! meus estima-
dos irmãos!... Sabio e illustre auditorio!... Todo
aquelle que se approximar do heretico tem a sua al-
ma irremissivelmente perdida... etc., etc.»

Desde esse dia as mulheres de Carnaxide que
passavam pela quinta da Piedade entoavam em cô-

ro o Bemdito, a ladainha de Todos os Santos, os versos de S. Gregorio, a Magnificat, e outras rezas de esconjuros e de penitencia.

No entanto — profundo resultado da contraposição da eloquencia sagrada e da perspectiva de um fato novo! — os alumnos do padre Miranda augmentavam cada vez mais. A vasta sala da eschola era pequena para os conter. A veloz machina Singer de Madame Padre Miranda, mordendo duzentos pontos por minuto, era insufficiente para devorar as costuras de tantos vestuarios.

Debalde o prior de Carnaxide puxava do alto da cadeira parochial os ribombos mais temerosos do catarrho oratorio! Debalde extendera elle sobre o pulpito todos os seus tropos e todos os seus lenços da China! «Tudo inutil — escrevia o solícito cura para a sede do patriarchado — as almas estão no mais agudo estado de rebellião. E todavia tudo quanto a eloquencia do nosso sagrado ministerio, correndo a flux dos meus labios, podia fazer, se tem feito para dissuadir os illusos das tentações refalsadas do inimigo.»

Não! uma cousa havia esquecido ao illustre sacerdote no emprego dos seus meios suasorios: deixar cahir dos seus labios, não completamente a flux, mas de quando em quando, como pequenas e escolhidas imagens methaphoricas, gottejando, algumas

blusas de riscado e alguns pares de sapatos de bom couro de Salvaterra — com duas solas.

N'estas circumstancias desesperadas, algumas senhoras catholicas, cujos nomes a imprensa publicou, deliberaram oppor á eschola protestante do padre Miranda em S. José de Riba-mar uma eschola catholica parallela na Ponte de Algés.

Para este fim promoveu-se um bazar de prendas, cuja venda se effectuou em Algés e em Paço d'Arcos. Todas as principaes senhoras da sociedade a banhos desde o Dá-Fundo até Cascaes concorreram sollicitamente para esse piedoso mercado, enviando bonitos de toda a especie, bonecos do Wurtemberg, caixas de pastilhas, *sachets*, perfumaria, estatuetas de *biscuit*, pregadeiras de setim cobertas de frioleira e guarnecidas de renda, pufs e almofadas de *crochet* inglez feitas a lã encarnada e preta com applicações de casimira bordada a seda verde e côr de ouro, pequenos cabazes de flôres, vasos com begonias, e plantas vivas, ornamentaes, de grande folhagem exotica.

Dispuzeram-se estes artigos em étagères forradas de panno patente branco, com filetes de fita azul; armaram-se os balcões; collocaram-se os candieiros Carcel, de globos fôscos, espargindo uma grande luz suave, côr de opala. Por fora o edificio da es-

chola illuminou-se com lanternas venezianas suspensas de festões de murta; polvilhou-se a estrada de areia encarnada; e veiu a banda de infantaria 5 tocar o hymno do Rei, as arias de *Barbe-Bleue* e os cançans de *Belle Helene* e de *Giroflé*.

Por detraz dos balcões as senhoras promotoras do bazar e algumas das suas mais intimas amigas, em pé, vestindo as frescas toilettes de praia, de linhos pallidos, e chapéos de grossa palha entrançada, pontegudos, guarnecidos de flôres silvestres, mexiam nos objectos expostos com as suas finas mãos aristocraticas, de unhas ovaes, reluzentes, exhalando um perfume penetrante de «marechale» e fazendo telintar nos seus movimentos de offerta e de venda as medalhas das pulseiras cingidas no ante-braço.

De quando em quando um padre alto, nutrido, sympathico, bem barbeado de fresco, de volta lavada, sobrecasaca comprida, chapéo debaixo do braço, corôa ostentando um nitido e correcto disco, azulado, perpassava sorrindo, elogiando em voz baixa, gesticulando modestamente com a sua mão papuda, olhando atravez de uns oculos de aros de ouro.

Em quatro ou cinco noites todos os objectos de que constava o bazar fôram comprados pelos banhistas, alguns dos quaes aproveitaram esta feliz oportunidade para estarem uma vez — na alta sociedade.

O bazar produziu alguns centos de mil réis, e foi inaugurada a escola. Estava lançada a luva da fé catholica á invasão protestante. Restava vêr se acceitaria o repto o ministro da egreja evangelica.

O sr. padre Miranda foi então de um tacto que desorientou completamente os seus inimigos.

Reuniu os paes e as mães de todos os alumnos, e disse-lhes:

«Meus senhores e minhas senhoras, a escola catholica da Ponte de Algés convem-lhes mil vezes mais do que a minha. Offerece-lhes sobretudo a vantagem inestimavel de ensinar a doutrina catholica apostolica romana aos seus filhos, — o que as minhas opiniões religiosas me impediam a mim de fazer. A minha escola era boa quando em todas as redondezas não havia outra. Desde hoje ella é, não somente inferior, mas inutil. Portanto fecho-a. Vão para a nova escola fundada por essas senhoras! Vão quanto antes! Vão-se conciliar com a sua egreja e com o seu parcho! vão ensinar a doutrina aos seus filhos! Acceitem as minhas felicitações e as minhas despedidas.»

Como porém nos programmas da nova escola havia tanto mais doutrina para uso da consciencia quanto menos blusas e sapatos para uso da carne, as familias dos alumnos acharam extremamente me-

diocre a vantagem da mudança, e entregaram incondicionalmente os seus filhos ao padre Miranda para que elle mesmo lhes dêsse o destino que entendesse.

O sr. padre Miranda conduz os seus discipulos em corporação á eschola catholica e pede ao professor que os matricule. Duvidas do professor. Aggravado para a direcção superior da aula. Resultado definitivo: a eschola catholica não recebe os alumnos da missão protestante!

Occorre perguntar uma cousa:

Para que se reuniram em commissão as senhoras da aristocracia a banhos na bahia do Tejo? Para que se nomeou a commissão? Para que se organisou o bazar, se colligiram as prendas, se montou a eschola da Ponte de Algés, quando os alumnos que esta se propõe doutrinar são exactamente aquelles que ella exclue da doutrina? Equivale a querer extinguir o incendio que devora um quarto andar, estabelecendo um systema de soccorros prohibido de passar acima do *rez-de-chaussée*.

Deante d'este desfecho a eschola protestante reabriu provavelmente, e, depois do remedio ministrado pelas damas catholicas, acham-se as cousas

espirituaes pouco mais ou menos no estado anterior ao remedio proposto.

Resta-nos aproveitar este incidente para submeter á apreciação do sr. padre Miranda e das senhoras promotoras da eschola catholica algumas leves considerações.

Pelo que diz respeito ao sr. padre Miranda :

Não comprehendemos que, procurando justificar os seus actos por meio de uma carta publicada nos jornaes com a historia da sua eschola, declare n'esse documento o sr. Miranda :

1.^o Que os livros adoptados no seu instituto são os compendios approvados pela junta consultiva da instrucção publica :

2.^o Que a eschola é indifferente em materia religiosa e não de propaganda evangelica.

Ora estes dois pontos em que o sr. Miranda fundamenta a sua defesa são exactamente os que determinam a sua condemnação.

Os compendios approvados pela junta consultiva da instrucção publica são os peores livros de ensino, e portanto, desde que o sr. Miranda funda uma eschola extra-official, o seu principal cuidado deveria ser isolar do contacto dos seus alumnos essas nocivas drogas legaes.

A indiferença religiosa é igualmente inadmissivel n'um sacerdote, cujo dever sagrado é manter e propagar por todos os modos a doutrina que jurou. O Estado em materia de instrucção pode ser atheu; convem mesmo á liberdade das consciencias que o seja. Não se infere a mesma cousa para um ministro da religião.

A primeira obrigação de um sacerdote é ter a profunda fé que abala as montanhas e que traspasa as rochas; ter o intimo fervor inexpugnavel da missão e da catechese; sacrificar tudo a esse dever, affirmando o cumprimento d'elle na abnegação e, se for preciso, no martyrio.

A Reforma tem uma numerosa e brilhante legião de apóstolos e de martyres, de cuja historia todo o ministro protestante pode tirar licção e exemplo.

O nosso grande chronista Damião de Goes foi condemnado pela Inquisição a apodrecer coberto de chagas, corroido pela lepra, no fundo de um carcere, por haver deixado perceber nas suas conversações que um dos espectaculos que mais profundamente o impressionara fôra o que havia presenciado na Allemanha vendo Luther e Menalchton, com os quaes o nosso compatriota tinha relações pessoais, atravessarem as póvoações, a pé, miseráveis, rôtos, descalços, prégando a nova lei na mesma hu-

mildade e sob a mesma perseguição dos primeiros discipulos de Jesus.

Calvino dizia: «Resistamos espiritualmente, salve-se a alma, abandone-se o corpo». E foi assim que os protestantes resistiram, não havendo supplicio que rendesse a fortaleza das suas almas.

A Alexandre Canus cortaram-lhe a lingua.

O bispo Hooper foi queimado tres vezes.

Henrique Flammeng recusa o perdão que se lhe offerece a trôco da declaração de que não é legitimo o seu consorcio, e glorifica com o supplicio a viuvez da sua mulher.

O martyrologio de Gilles, de Just Jusberd, de Crispin, de Fox, de Bèze, de Cowbridge, constitue a mais tocante, a mais sublime pagina da historia tremenda da liberdade religiosa.

No supplicio do fogo, o mais vulgar, o que só á sua parte devorou milhares de vidas, o processo geralmente empregado era o que fôra inventado em Oxford pelos doutores: o penitente era collocado sobre as brazas, sem chamma, sem fumo, para que se não dêsse a asphyxia; depois voltavam-o para um e para outro lado por meio de um gancho de ferro, até que o hereje, convertido n'um carvão, tendo-lhe estalado o ventre, tendo-lhe escorrido sobre o brazeiro a gordura rechinante dos intestinos, expirava sem se desdizer.

As mulheres eram simplesmente enterradas vivas, para o que as mettiã n'um caixão aberto seguro por cima com travessões de ferro.

E com a precedencia de semelhantes exemplos pode ainda o sr. padre Miranda eximir-se á simples propaganda, não com risco da sua vida, da sua fazenda e da sua liberdade, mas tranquillamente, na sua quinta, entre as quatro paredes da sua eschola, no meio de aldeões ingenuos e de attentas creanças que nada desejam mais do que ouvir em nome da religião uma boa palavra simples, desinteressada e honesta?!

Se o sr. Miranda não está bem intima e bem profundamente convencido de que é da observancia da sua doutrina que depende a sorte do christianismo, a pureza das relações do homem com Deus e a salvação das almas pela redempção de Jesus Christo, se esta não é a sua convicção mais arreigada e mais firme, para que abjurou? para que desdisse o seu passado? para que lançou o escandalo e a consternação na sua antiga classe, na corporação dos seus companheiros de estudo, dos seus correligionarios, dos seus compatriotas, dos seus amigos? Para que sacrificou tudo quanto um homem de bem pode sacrificar de mais caro: a tradição de seus paes, os seus proprios parentes, a sua familia, a propria patria?

É crível, é logico, é humano, que a enorme subversão que uma dupla apostasia lança na existencia e no destino todo de um homem se aceite sem o mais alto proposito, sem um profundo fim de justiça e de eternidade?

Quererá convencer-nos o sr. padre Miranda de que o sacrificio immenso de todas as suas ligações, de todos os seus principios, de toda a sua solidariedade social em metade da existencia, elle o fez para passar agora a outra metade da vida plantando as suas camelias e regando os seus jasmins na ociosa tranquillidade bucolica, no sentimentalismo inutil da familia, isolado dos seus semelhantes, dos seus irmãos em Jesus Christo, por meio de um tremendo parenthesis fechado de um lado pelo desprezo punidor d'aquelles que abandonou pelo perjurio, e do outro lado pela indifferença desdenhosa d'aquell'outros de quem elle não tem o valor de se approximar inteiramente pela dedicacão e pelo sacrificio?

Quererá o sr. padre Miranda deixar-nos persuadir que pode ler serenamente no seu gabinete, no agasalhado e no tépido conforto domestico, a sua pequena biblia de formato diamante illuminada por algum anonymo Rembrandt do seculo xvi, com o miudo e paciente cursivo do seu texto marcado com as lagrimas sublimes de uma série de huguenotes perseguidos e martyrisados, ao passo que o mesmo

sr. padre Miranda, ministro de uma religião consagrada por tantas lagrimas d'essas, por tanto sangue vertido, por tanta vida cortada, na Inquisição em Hispanha, em França, na Flandres, por Carlos IX, por Philippe III, pelo duque de Alba, pelos Guizes, por Caraffa, por Loyola,—toma o seu chá descuidadamente, ao fogão, ouvindo impassivelmente os pequenos papistas reunidos na escola ao lado soletando em côro as licções do erro, da superstição e do fanatismo !

Não, nós fazemos ao sr. padre Miranda a justiça de o não acreditar.

Um padre indifferente é uma aberração fatal ao equilibrio das opiniões. A sociedade na sua elaboração philosophica parte do principio que existem ainda religiões com homens sinceros e fervorosos que as sustentam e defendem. Os sacerdotes indifferentes, em qualquer egreja, em qualquer communhão, em qualquer seita que elles existam, compromettem os dados do problema e contribuem, mais perigosamente que todos os atheus reunidos, para materialisar as soluções.

Emquanto ás senhoras que se constituiram em commissão devota para promover a reacção catholica contra os principios hereticos que suppunham existir sob a escola do padre Miranda, cumpre-nos dizer:

Ha no seu procedimento um symptoma respeitavel: a manifestação do bom intuito de serem uteis á sociedade de que fazem parte, de intervirem com a força da sua influencia na direcção dos sentimentos e das idéas geraes.

Nada mais legitimo do que esta aspiração, principalmente na presente época da civilisação em que uma barreira formidavel separa inteiramente de toda a affinidade scientifica, de todo o grave interesse philosophico, o contacto espirital dos dois sexos. No momento actual a differença absoluta de principios, de idéas, de convicções radica por toda a parte entre homens e mulheres o — *divorcio das almas*.

O homem moderno vive na philosophia; a mulher, sua contemporanea, vive na religião; — completa separação de domicilios.

N'este desquite das consciencias o poder do homem deprime-se por uma especie de mutilação moral; a influencia da mulher subalternisa-se e annulla-se.

No seculo passado, sob o antigo regimen, a mulher tinha na sociedade um dominio poderoso, o dominio das salas. A alta cortezia, a perfeita urbanidade, o fino e subtil espirito de conversação e de galanteria, eram então um elemento essencial na litteratura, na arte, na philosophia. Processos artis-

ticos, theorias de estylo, ideal poetico, systemas philosophicos, idéas politicas eram productos de salão. A sciencia da conversação e das maneiras constituia para as mulheres uma occupação importante e gravissima.

Veja-se uma simples mesura feita por uma senhora n'um circulo de homens de meias côr de perola, fivelas de ouro, calção, collete e casaca de seda, cabello empoadado, folhos de ponto de Alençon no bofe da camisa, uma só d'essas medidas em que uma dama do seculo passado dobrava o joelho, abatendo-se perpendicularmente n'um difficil esforço de gymnastica, engolfando-se até meio espartilho na ampla roda do seu vestido à *paniers*, erguendo-se depois, lentamente, emergindo n'um movimento de cysne, cumprimentando vinte homens no espaço d'esse duplo movimento de descenção e ascenção, com o gesto, com o olhar, com o sorriso, dando precisamente a cada um a quantidade de attenção devida ao merito d'este, ao espirito d'aquelle, ao talento do que se lhe segue, ao nascimento do que lhe fica depois, etc.!

Essa mesura, de que hoje existe apenas a tradição nas memorias de Brathôme e nas chronicas do Trianon, representava dez annos de estudo, de elegancia, de distincção, de cortezia.

Era da convivencia das senhoras, que então pre-

sidiavam a salões celebres como academias, que Lulli, Rameau e Grétry tiraram a inspiração das suas árias e dos seus motetos; Watteau, Greuze, Coustou e La Tour, o assumpto dos seus quadros, das suas allegorias mythologicas, das suas dôces paizagens pastoris, dos seus ternos e vaporosos retratos a pastel, em que as physionomias das lindas mulheres da Regencia, sorriem envôltas n'um pollen semelhante ao que avelluda a alvura dos jasmims e aza das borboletas. É ainda pelo espirito de reacção e de resistencia a essa corrente geral que se produz o *Emilio* de Rousseau, e a philosophia da Encyclopedia.

Em Portugal uma identica organisação politica e social determinava eguaes influencias. Somente na côrte portugueza o espirito freiratico domina o espirito cavalheiresco. As senhoras governavam tambem os costumes, a politica, as idéas, mas governavam atravez das grades dos mosteiros aristocraticos, dispendendo-se em motes nos outeiros, em finos dôces nas festas dos oitavarios, originando uma pompa beata, especialmente egreja, de novena, de missa pontifical.

Tudo isso desapareceu.

Citemos uma das mesuras de madame du Deffant ou da marquez de Alorna. Comparemos-lhe um dos cumprimentos de alguma das nossas actuaes

mulheres celebres: a senhora D. Amelia Jenny, por exemplo, ou a senhora D. Guiomar Torresão!

Decididamente o imperio da galanteria acabou.

A democratização da toilette e das maneiras, os habitos do club e do café, a frequencia dos theatros, os fortes trabalhos cerebraes que preoccupam inteiramente o homem moderno, a politica com a réles imposição dos seus *parvenus*, despovoam os salões e obrigam a influencia que as mulheres exerciam n'elles a procurar outra esphera de acção.

YY
Uma propaganda catholica é porém a mais estéril das occupações em que as senhoras podem empregar a sua actividade de sentimento e de espirito. Por mais que façam, estas senhoras, auxiliadas pelo concurso de todas as suas amigas, não poderão nunca — capacitem-se bem d'isto — augmentar o numero dos catholicos com a acquisição de um só proselyto. Porque em sociedade nenhuma a religião dependeu jámais da vontade das pessoas, mas sim do estado geral das idéas e das necessidades da consciencia em vista da concepção que cada um tem do universo.

VII

A peregrinação a Roma foi promovida pelos chefes do partido clerical com um zêlo fervoroso, que acabamos de vêr coroado com o mais prospero exito.

Suas excellencias annunciaram com a devida antecedencia a celebração do jubileu pontificio; facilitaram a romagem com esclarecimentos que fariam a gloria do *Guide Joanne*; conseguiram o estabelecimento de comboios de recreio, ida e volta, preços reduzidos, de Lisboa a Roma, com escala por Nossa Senhora de Lourdes; deram os preços dos hotéis e dos restaurantes romanos, a regimen de peixe ou de carne, para as grandes bolsas, para as bolsas médias e para as pequenas bolsas; fixaram finalmente a *toilette*, explicando que as senhoras deveriam apresentar-se com vestidos de seda preta e véos de renda, e os homens de uniforme ou de casaca preta e gravata branca.

Porque—suas excellencias o explicaram—o San-

tissimo Padre não recebe senão senhoras de rendas e homens de casaca. Os peregrinos vestidos de sacco e burel, as peregrinas cingidas pela estamenha e pela corda de esparto, não sobem a escadaria do Vaticano. Os pés privilegiados para pisarem os tapetes do Vigario de Christo na terra são os pés mimosos e aristocraticos, calçados em escarpins de setim ou de polimento. Os sapatos ferrados dos caminheiros plebeus, as sandalias espalmadas das peccadoras que não vem de passear em *victoria* ou em caleche á Daumont, de volta do Corso ou do Pincio, mas que chegam das escabrosas veredas da miseria; as alpagartas dos penitentes que vieram trilhando abrolhos sangrentos no aclave da via dolorosa, são generos de calçado expulsos pelos enxotações, e expulsos com os respectivos pés, porque tambem se não entra descalço no Vaticano, como no templo em Jerusalem, ou na mesquita de Santa Sophia em Constantinopla.

Facultados tão interessantes esclarecimentos muitas pessoas partiram a receber as benções paternaes offerecidas pelo pontifice ás rendas e ás casacas pretas do orbe christão.

Alguns episodios d'essa piedosa viagem são já do dominio da imprensa. Da estação do caminho de ferro de Braga sahiram os romeiros entre acclama-

ções sympathicas e vivas enthusiasticos á santa religião e ao summo pontifice Pio IX. Em compensação na gare do Porto foram os mesmos romeiros acolhidos aos gritos não menos enthusiasticos de «Fora os hypocitas! fora os patifes!» Por este ultimo successo damos a suas excellencias os nossos cordeaes parabens, porque suppomos que elles viajam com um fim de humildade e mortificação, e que lhes serão agradaveis todas as manifestações publicas tendentes a exacerbar-lhes o pungimento expurgante das duras penitencias.

Em Lourdes, refere o telegramma de um sacerdote ao jornal *A Nação*, que á vista da gruta toda a romagem rompera em pranto e se prostrara em joelhos. Devemos crêr que esta prostração fôsse passageira, não só porque um telegramma subsequente nos annuncia a chegada dos peregrinos á cidade eterna, mas ainda porque em Lourdes a belleza da paizagem, a exuberancia da vegetação, o rumor das aguas, as perspectivas sombrias e flexuosas da floresta, a clara alegria do restaurante, de gelosias abertas, de *stores* desdobrados ao sol, com a sua grande taboleta *Á notre Dame de Lourdes*, e os seus subtitulos em caracteres appetitosos *Dîners à la carte et déjeuners à la fourchette*, — *gras et maigre*, tudo convida os espiritos ascetas a uma conciliação amavel com a carnalidade mundana.

Além do aspecto das cousas, as exterioridades das pessoas contribuem também poderosamente para arrancar os adventícios ás attitudes prostradas e contemplativas.

Os comboios de Paris chegam e partem cheios de alegres *touristes* de um e outro sexo.

São graciosas peccadoras com adoraveis *toilettes* de viagem; chapéos de grossa palha de forma aguda e aba estreita, derrubada sobre os olhos, descobrindo a nuca, em que se enrolam as tranças loiras, e a nascença do cabello junto do pescoço, com os seus flocosinhos de pennugem crespa e dourada penetrada de luz; os vestidos decotados no collo em linhas quadradas como os colletes dos devotos bretões; as saias curtas deixando vêr as meias de seda listradas de azul, e os sapatos de pelle de gamo atacados com correntes de aço, que telintam ao andar. Estas gentis romeiras abordoam-se a cajados rusticos comprados no *boulevard* dos Italianos, trazem ao tiracollo os grandes rosarios de contas de madeira, grossas como bugalhos, terminando em uma cruz egualmente de madeira que chega á barra do vestido, — ornato local de um pittoresco picante.

São os homens de knickerbockar de flanela alva-dia e capacetes de sabugo envôltos em véos turcos, com uma flor de madresilva na botoeira fazendo gelar o Champagne e preparando debaixo das arvo-

res os seus jantares em *partie fine*, enquanto padres solícitos vendem a agua milagrosa, ou aos copos á bica da gruta, ou em bilhinhas de lata devidamente lacradas e selladas authenticamente, facultando na egreja recantos reservados e escusos para as applicações em banhos parciaes, ou em compressas, a orgãos enfermos que as devotas desejem submeter á cura nos proprios logares benzidos e sagrados.

Em cem contos é calculada a somma dos donativos em dinheiro levada pelos peregrinos portuguezes ao Santo Padre.

É valiosa na occasião presente essa contribuição, porque a historia do dinheiro de S. Pedro teve sob a gerencia do cardeal Antonelli, episodios devastadores. Procurando ha annos o governo de Victor Manuel realisar uma operação bancaria destinada a equilibrar as finanças da Italia, o cardeal Antonelli, como fino rábula e zeloso ultramontano, concebeu o plano de um *coup de bourse* destinado a combater as intenções do governo italiano provocando uma descida que impossibilitasse a emissão de novos fundos. Para este fim o astuto financeiro vendeu em massa, pela baixa, os titulos da divida italiana que a Santa Sé possuia e que representavam o dinheiro de S. Pedro. É porém perigoso, mesmo pa-

ra um italiano, jogar as peras com outro italiano. Na Italia todo o homem habil deve estar preparado para encontrar um mais habil que o logre. Foi o que succedeu a Antonelli. O seu plano foi estrategicamente contraminado pelo governo de Victor Manuel, organisando-se um syndicato de banqueiros que despedaçou a armadilha do illustre cardeal.

O dinheiro de S. Pedro convertido outra vez em metal pela operação mallograda nos seus effeitos, foi então convertido em fundos turcos, operação arrojada mas tão lucrativa que promettia duplicar, em poucos annos, o capital empregado, a não ser que um caso, então imprevisto, prejudicasse o exito da transacção fazendo estalar no Oriente uma guerra inesperada.

Foi, como se sabe, o que veiu a succeder desgraçadamente para os bens do Papa. De sorte que o dinheiro de S. Pedro, piedosamente accumulado pelos catholicos para o esplendor da Egreja, achou-se, pela mais extranha das coincidencias, consumido em polvora por uma potencia chamada ao fogo como perseguidora dos christãos !

Além dos donativos em dinheiro e dos presentes em objectos preciosos, os peregrinos levaram, para offerecer a Sua Santidade, um grande album, em que vae inserida uma declaração de principios assi-

gnada por todos os romeiros. Os jornaes que nos transmittem essa noticia não nos dão o texto do documento precioso. Não temos, portanto, a ventura de saber o que suas excellencias dizem. O que deveriam dizer era o seguinte :

Santissimo Padre

Ha hoje quinhentos e setenta e sete annos que o primeiro jubileu da Egreja Catholica Apostolica Romana foi celebrado por um dos predecessores de Vossa Santidade, o papa Bonifacio VIII.

Esta solemnidade não tinha por fim, como o anno jubilario do Mosaismo, dar a liberdade aos escravos, fazer reverter os bens territoriaes aos seus primitivos possuidores, tornar o homem insolvel de cincoenta em cincoenta annos, e ao cabo de cada um d'esses prazos reconstituir a familia nos seus primitivos direitos, operando periodicamente aquillo que hoje chamariamos a *liquidação social*, e a que o *Pentateuco* chamava simplesmente a — *santificação do quinquagesimo anno*.

O papa Bonifacio, antigo rábula, (*quia primo advocatus*), preocupava-se pouco com as interpretações do direito; promettendo a remissão dos peccados a todos os que viessem a Roma visitar, durante trinta dias, as egrejas dos apóstolos, o seu fim

único era realizar um dos seus sonhos de decrepito allucinado: inaugurar o século XIV com uma solemnidade única na história — a reunião em Roma do género humano prostrado aos seus pés, como perante o Deus vingador no dia do juízo final, no vale de Josaphat.

N'esse tempo, Santissimo Padre, ainda no mundo existia a fé. O numero dos peregrinos que vieram a Roma foi tão grande, que chegaram a contar cem mil. Por fim não puderam ser arrolados. Cresciam monstruosamente como esses formigueiros da America do Sul que n'um mez minam os alicerces de um predio e aluem uma torre. Eram insufficientes para albergal-os as casas dos moradores, os hospícios, as ermidas, as egrejas. Acampavam nas ruas e nos campos suburbanos. A escassez dos alimentos e a *malaria* produziam uma infinidade de doenças. Houve uma fome e quasi uma peste. A mortalidade era enorme. Uns não regressavam mais. Outros não conseguiram chegar ao termo da romagem, e extenuados de fadiga e de fraqueza, com os pés em sangue, morriam saudando de longe a sagrada collina.

Com quanto o poder papal entrasse já então na phase de declinação que até os nossos dias devia progressivamente arrastal-o ao occaso, Bonifacio suppunha-se ainda o senhor e o árbitro do mundo. Por

ocasião da morte de Alberto d'Austria, tendo-se feito acclamar imperador Adolpho de Nassau, o papa Bonifacio tinha posto a corôa na cabeça, tinha brandido uma espada, e do alto do monte Aventino havia bradado: «Eu é que sou o Cesar! eu é que sou o imperador!»

Era elle ainda que na bulla *auscultat filii* tinha escripto estas palavras supremas: «Deus collocou-nos, apesar de indigno, acima dos reis e acima dos reinos, impondo-nos o jugo da servidão apostolica para arrancar, destruir, dispersar, e para edificar e plantar em seu nome e segundo a sua doutrina.

No dia do jubileu, para celebrar a cerimonia de bater com o malhete de prata e de desmoronar o muro com que se veda para esse fim uma das portas de S. Pedro, o Papa appareceu á multidão prostrada e atravessou pelo meio d'ella, vestindo as insignias imperiaes, levando adeante de si a espada e o sceptro sobre o globo do mundo, symbolo da monarchia universal, emquanto um arauto proclamava: «Aqui vão duas espadas. Pedro, eis o teu successor. Christo, eis o teu vigario.»

Os peregrinos que haviam conseguido visitar os tumulos dos apóstolos, cujas columnas são feitas com o bronze subtrahido da abobada do Pantheon, os que haviam chegado a receber com a benção

apostolica a absolvição das suas culpas, regressavam á familia encanecidos, alquebrados, assombrados para o resto dos seus dias, como os tocados de raio, pelos aspectos colossaes da tragica Roma, pela historia do seu passado, semi-vivo ainda nos monumentos destroncados da edade republicana e da edade imperial, pelas visões potentosas de um mundo extincto que lhes haviam apparecido como tremendos phantasmas, na arcaria dos aqueductos truncada a espaços como os élos partidos de um enorme grilhão extendido na vasta campina; nos banhos de Caracala; nas dispersas columnas corinthias; nos obeliscos egypcios; no Capitolio convertido em *Collina das cabras*; no *Forum* transformado em *Campo das vaccas*; do Coliseu, finalmente, com as suas tres ordens de columnas doricas, jonicas e corinthias, monumento colossal, em que trabalharam doze mil captivos, em que babiam cem mil espectadores e em que não ha uma pedra que não corresponda a uma golfada de sangue de um gladiador ou de um martyr.

Os peregrinos regressados n'um vago estado de somnambulismo, como aluados, haviam porém levado do jubileu uma consoladora licção: haviam desaprendido de viver, mas tinham-lhes ensinado a morrer tranquillos na esperança dôce e firme da bemaventurança promettida. O que era porém o mun-

do, Santissimo Padre, n'esses tempos remotos e sombrios em que os homens eram isto?

Em Paris e em Londres as casas eram feitas de madeira ou de lama endurecida, com tectos de canas. As ruas eram montões de immundicie em fermentação miasmatica. O uso de banhos tinha desaparecido. A amante de Petrarcha tinha uma unica camisa. O poderoso arcebispo de Cantorbery e outros altos ecclesiasticos tinham piôlhos. Os burguezes vestiam-se de couros mal curtidos, de um cheiro infecto. Os pobres cobriam-se de palha. Em muitos pontos das Ilhas Britannicas conta um papa do nome augusto de Vossa Santidade, Pio II, que não se conhecia a existencia do pão. Os trabalhadores dos campos comiam herva e cascas de arvores. E era já o seculo xv! No seculo xi, por occasião de uma fome, vendeu-se e comeu-se cozida carne humana. A medicina tinha passado de moda, desprestigiada pelos padres. Tinham-a substituido as penitencias, as promessas aos santos e as viagens ás ermidas. As reliquias faziam as vezes de pharmacias. As pestes afugentavam-se não com medidas sanitarias, mas com preces. Para curar os males da humanidade, conta Draper que várias abbadias possuíam a corôa de espinhos do Salvador; onze egrejas conservaram a lança que trespassou o sacratissimo lado; nas guerras santas os Templarios ven-

diam como panacêa universal garrafinhas de leite da Virgem Maria; em um mosteiro de Jerusalem guardava-se n'um relicario um dedo — do Espirito Santo. A chuva e o bom tempo determinavam-se com orações. Era igualmente com orações que se combatiam os eclipses e as trovoadas. O cometa de Halley foi exorcismado e enxotado do céo pelo papa Calixto III que o amaldiçoou em nome de Deus.

N'esse estado das cousas e n'esse estado dos espiritos um serviço enorme foi inconscientemente prestado pelo papado á civilização e á humanidade. Das peregrinações á Roma pontificia sahiram as duas maiores revoluções do mundo moral: do jubileu do principio do seculo xiv sahiu Dante com a *Divina Comedia* e a reconstituição do direito pelo sentimento; do jubileu do seculo xvi sahiu Luthero com a *Reforma* e com a liberdade do pensamento humano. *Alea jacta erat!*

Desde então até hoje, Santissimo Padre, que série enorme de revoluções successivas e incruentas, determinadas pelo livre espirito do homem, cortando lentamente a corrente tenebrosa das perseguições, boiando sempre progressiva e sempre victoriosa sobre o oceano de sangue e de puz com que a superstição ecclesiastica e o auctoritarismo monarchico procuram debalde afogar o advento da nova era!

Os reis oppõem os seus exercitos; a Egreja oppõe as suas excommunhões; o seu inferno, em que ha o ranger dos dentes por todos os seculos dos seculos sem fim; os seus carceres, em que a lepra corroe até á medula os ossos dos condemnados; os seus tormentos, em que ha o fogo lento, a grelha, o forno rubro, o borzeguim que se descalça levando comsigo, palpitanes, todos os musculos e todos os nervos das pernas, a pua que fura as unhas e o torno que esmaga os ossos do craneo e faz rebentar o cerebro como um abcesso espremido.

E tudo é em vão! A sciencia intemerata prosegue, inerme e candida, sem haver feito uma unica victima, sem uma só gôtta de sangue derramado, sem uma só lagrima vertida! E deante da branca visão benigna que se approxima, o dogma espavorido recúa mais profundamente fulminado por um simples raciocinio humano do que nunca o foi a mais fraca das almas deante da colera implacavel e infinita dos deuses immortaes.

Tudo quanto atravez de toda a historia moderna a auctoridade tem procurado conservar pela força se tem fatalmente destruido pelo tempo. O que a auctoridade e a força têm conseguido é unicamente atrazar o movimento intellectual, determinando os longos periodos estacionarios da humanidade. Pelo contrario tudo quanto a sciencia iniciou se trans-

mittiu de idade em idade, se desenvolveu, se relacionou, se perpetuou. Nem uma unica semente lançada á terra pelo trabalho e pelo estudo deixou ainda de vingar e de fructificar em resultados decisivos de tolerancia, de paz, de liberdade e de justiça.

Na astronomia, na physica e na chimica, na geologia, na meteorologia, na zoologia, na medicina, na philologia quantos descobrimentos novos! E cada novo descobrimento é uma conquista nos dominios da Igreja, dominios que successivamente cede na mesma proporção em que a sciencia caminha.

É um novo diluvio aquelle de que a historia do pensamento humano nos offerece a imagem caudalosa e tremenda. A inundação espraia-se no vasto campo da theologia, e vemos ao longe, fugindo desgrenhadas, as ultimas superstições, medonhas como os grandes monstros pre-historicos que vão ser tragados pela vaga.

Cançada de combater a theologia finalmente rende-se. Tendo perseguido Galileu, Giordano Bruno, Savanarola, Averrhoes, Luther, tendo combatido todos os iniciadores de um novo systema do universo ou de uma nova comprehensão dos destinos do homem, a Igreja vê apparecer Darwin, e nem sequer tenta lutar!

O transformismo, revelado por Lamarck, supitado um momento na Academia Franceza sob a au-

toridade funesta de Cuvier, é finalmente definido e promulgado, e todo o immenso edificio theologico da creação do mundo e do homem cae aluido pela lei da adaptação e da selecção natural na lucta pela existencia.

As grandes revoluções nas sciencias phisicas e naturaes succederam-se modificações equivalentes nas theorias e nas praxes da vida social, na economia, na administração, na politica, no sentimento, na critica, na poesia, na arte, na moral e na propria religião.

Da philosophia zoologica de Darwin sae um Deus como religião alguma tinha até hoje tido o poder de concebello, o unico Deus compativel com a noção da sabedoria infinita. Segundo os systemas da creação anteriores ao transformismo, e adoptados pela Igreja, Deus era o auctor de um universo que elle successivamente revia e emendava, depois de cada um dos cataclismos que passavam por cima da sua obra, como passa uma esponja sobre uma operação incorrecta. Segundo a theoria darwiniana, experimentalmente demonstrada e contraprovada pelos mais sabios analysadores, Deus não revê, Deus não corrige, Deus não se emenda, Deus não se aperfeiçoa sendo assim perfectivel e portanto imperfeito, como fatalmente deveriamos admittir que o era acceitando a doutrina do Genesis e a critica paleontologica de

Cuvier e de todos os adversarios de Lamarck, de Goethe, de Darwin e de Haeckel.

As especies extinctas não foram cortadas pelo Creador no livro da terra como por meio de um signal posto á margem na prova de uma segunda edição.

Os órgãos rudimentares dos animaes, os órgãos que não têm função, deixaram de ser excrecencias de estylo inadvertidas pelo auctor ou empregadas por elle com um intuito de ornato rhetorico. Se o homem, por exemplo, tem em estado rudimentar e na atrophia de uma inercia de milhares de seculos, uma cauda indicada pelas suas vertebrae falsas, se tem mamilos sem amamentar, se tem utero sem conceber, se tem um segundo estomago sem ruminar, escusamos já hoje de explicar estes factos por um descuido indolente ou por uma emphase premeditada na confecção do nosso organismo. A evolução genealogica de todos os seres e a sua procedencia de um tronco encestral commum, descoberta e provada pela lei de Darwin, basta para nos explicar cabalmente todas as apparentes anomalias da criação sem quebra da infalibilidade suprema.

Assim o Deus revelado ao mundo pelos modernos philosophos theistas é o unico Deus omnipotente sabio, o unico Deus verdadeiramente divino, porque não procede na obra da criação por emendas, revi-

sões successivas, reedições augmentadas e correctas, como o Deus theologico: Elle cria a vida no átomo primitivo vogando na immensidade, deixa cahir a cellula primordial nas profundidades fecundas do Mar Tenebroso e ordena-lhe que se desenvolva dentro de uma lei prefixa. Depois do que não só não descança, não só não revê, não só não modifica, mas nem sequer espera, porque infinito Elle mesmo, e prehenchendo o infinito no espaço e o infinito no tempo, possui em si proprio, completa, a infinita evolução.

Surge finalmente invencivel na sociedade contemporanea um novo poder temporal, o poder da industria, e um novo poder espiritual—o poder da consciencia na comprehensão da solidariedade humana.

Vae pois longe, decorrida ha muitos annos a idade ingenua em que o genero humano acreditava na virtude das peregrinações aos santos logares!

Compare Vossa Santidade a primeira e a segunda cruzada com esta que nós outros, portadores do album em que escrevemos estas linhas, acabamos de emprehender e de levar as cabo em comboio de recreio de ida e volta, a preços reduzidos, guiados pelo padre Conceição Vieira, um sacrista, e pelo Pedro de Alcantara, um grotesco! E estes dois sujei-

tos são quanto pudemos obter como successores de Pedro Eremita e de Godofredo de Bulhões.

Somos noventa e nove, de um paiz de quatro milhões de habitantes, o menos instruido de todo o orbe christão, aquelle em que por mais tempo vigorou, com detrimento do nosso senso commum e um pouco tambem da nossa pelle o despotismo da inquisição e do direito divino. Isto ainda assim não obsta porém a que deixassemos na patria tres milhões novecentos mil novecentos e um individuos que não quizeram vir, perdendo assim a indulgencia plenaria e deixando de resgatar as suas almas das penas eternas a troco da modica quantia de dezeseis libras, ida e volta, em segunda classe!

Porque elles entendem — principalmente depois que o fogo do Santo Officio deixou de afervoral-os — que não é facil despir os peccados como se despe um collete de flanela, descalçar a culpa como se descalçam as chinelas de trazer no quarto, e pendurar a responsabilidade como se pendura a *robe de chambre* para envergar a *toilette* redemptora de uma viagem a Roma.

Parece-lhes que o Diabo não é tão tólo como alguem o presume, e que, se elle tiver, por exemplo, a idéa de filar o padre Conceição Vieira ou o padre Marnoco para os referver no caldeirão destinado á classe ecclesiastica apanhada em peccado, não será

porque os mesmos Conceição e Marnoco lhe digam que estão afivelando a chapeleira para ir buscar as indulgencias a Roma, que o Diabo cruzará os braços e deixará escapar-lhe sob essa evasiva, aliás engenhosa, uma tão interessante presa.

Estão profundamente convencidos—os herejes!—de que, acima da auctoridade dos pontifices, que têm o poder de resgatar as culpas e de franquear a entrada no reino dos céos, está um outro poder mais alto—o poder da incorruptível consciencia, segundo o qual não é pelas romagens divertidas nem pelas orações automaticas, nem pelas estereis penitencias, mas sim pela simples pratica do dever, austero e inilludível, que cada um se affirma como verdadeiro justo.

Acham ridiculo um céo em que tenha de sentar-se, glorioso e triumphal, á mão direita do Deus da Justiça, um padre Marnoco— simplesmente porque obteve as indulgencias no jubileu pontificio, em quanto á mão esquerda fique ardendo nos tormentos eternos um Lincoln, que pacificou a America, que deu a paz a tres milhões de negros e que, depois de uma vida toda consagrada á justiça e á abnegação, entrou finalmente na eternidade pela porta do martyrio, coberto com a benção da humanidade e com a benção da historia, mas sem a benção dos Papas.

Santissimo Padre! estas convicções profundas d'a-

quelles que não vieram a este jubileu, não podemos deixar de vos dizer n'este album, — como seríamos forçados a dizer-vol-o, se estivessemos aos vossos pés n'uma confissão geral, humildes e constrictos, baten-do nos peitos, — estas convicções dos que não vieram são tambem no intimo das nossas almas as convicções de todos os que nos achamos aqui quer chegados das occidentaes praias lusitanas, quer procedentes de qualquer outra região do globo.

E a evidente prova de que a nossa fé está irremissivelmente apagada e precisa de se reconstituir em novas bases, é, que, no tempo em que o Papa era o imperador e o Cesar, no tempo em que elle brandia uma espada de justiça e de guerra, meio milhão de homens rojados aos seus pés estariam promptos a recommençar as guerras santas ao seu minimo aceno.

Hoje vós proclamaes que sois captivo, que sois ultrajado, espoliado, perseguido, e entre todos os que vos trazem offertas não ha um só que seja capaz de derramar o seu sangue para vos restituiu a liberdade que dizeis perdida e o poder que dizeis violado! Beijamos devotamente o vosso pé sacrosanto; depois do que, em vez de enristarmos uma lança, vimos para a rua com as mãos nos bolsos e um charuto nos beiços vêr desfilar em pelotões marciaes os esbeltos *bersaglieri* da Italia unificada.

Debalde nos dizeis que «os pedreiros livres atacam a religião e chamam os catholicos a combater.» Os pedreiros livres são bem lastimaveis se não têm mais nada que fazer do que chamar-nos ao combate! A verdade não se alimenta com sangue, alimenta-se com principios, e não necessita de victimas, necessita unicamente de razões: é precisamente n'isso que ella se distingue do erro e da mentira.

Se os pedreiros livres querem por força combater, a resposta mais sensata aõ seu convite aos catholicos é mandar-lhes um medico que os sangue e lhes prescreva os debilitantes. Que os senhores pedreiros tenham a bondade, antes de nos reptar ao combate, de experimentar a dieta! Emquanto á guerra, não! Oh! não! Esse é um privilegio dos reis. Hoje só os reis, e algum tanto tambem os diplomatas, é que fazem as guerras. Por uma razão muito simples: é que só elles as podem fazer por um modo exclusivamente verbal,—mandando partir os seus exercitos.

Quando os exercitos se lembrarem de mandar partir adeante os reis e os diplomaticos, teremos então firmada para todo sempre a paz geral.

Concluindo pois, Santissimo Padre, dignae-vos de lançar-nos a vossa benção e de nos permittir que a transmittamos a todos os nossos concidadãos, que

saberão devidamente prezal-a sendo enviada por quem é, como vós, um ancião veneravel, cuja longa vida é para todos os que trabalham e para todos os que soffrem um nobre exemplo de constancia nos principios, de firmeza na lucta e de resignação na derrota.

VIII

Sua alteza o principe real, herdeiro presumptivo da corôa, acaba de tomar a primeira communhão.

Comparecendo pela primeira vez no tribunal da graça apprendeu sua alteza a theoria do resgate da culpa pela penitencia.

A familia real e a côrte reuniram-se solemnemente no templo para verem ensinar a esse menino por que methodo facil os reis podem deixar na terra o opprobrio e enfiarem no emtanto para o céo o mais candido vôo, alados pelos anjos que, ao som da musica da real capella e ao signal da benção lançada pelo sacerdote, baixam aos reaes paços a pegarem ao collo nas almas dos principes devidamente desobrigados.

Dizem todos os jornaes que foi extremamente edificante e commovente esse augusto spectaculo.

Para ministrar ao principe a sagrada eucharistia foi chamado expressamente do Porto o sr. bispo D. Americo.

Parece-nos — comquanto não ouzemos dizel-o sem uma reserva profundamente timida — que sendo a communhão um acto puramente religioso, seria talvez mais consentaneo com a humildade christã que o sr. bispo D. Americo não fôsse chamado, que se não fizesse da pratica de um sacramento uma distincção aristocratica, e que sua alteza commungasse simplesmente como os demais christãos na egreja da sua freguezia e pelas mãos do seu parochos.

Poderão objectar-nos que, não comprehendendo as abluções do rito senão as pontas dos dedos no sacrificio da missa e sendo as *douches* applicadas unicamente aos sacerdotes pelo bico de uma galheta, ha parochos que, por não ultrapassarem as prescripções liturgicas têm nas suas lobas tantas nodoas como botões, e não somente cheiram penetrantemente ao fumo do incenso e ao morrão dos cirios, mas cheiram tambem algum tanto a saes ammoniaes e a uréa, de onde poderia resultar que no banquete eucharistico a qualidade da baixella desgostasse o principe da pureza mystica do manjar.

A essa objecção respondemos que seria mais economico e talvez mesmo mais efficaz para remedio do baixo clero que, em vez de se mandar vir o sr. D. Americo, deslocando-o dispendiosamente da sua diocese com os seus famulos e a sua mitra, se mandasse chamar simplesmente o sr. Cambournac.

Porque—acreditem-o— não é com a presença do illustre e correcto bispo portuense, nitidamente barbeado, perfumado pelo uso de bons cosmeticos, com bellas meias de seda escrupulosamente esticadas por um destro *valet de chambre*, com fina roupa branca e lustrosas unhas esmeradamente limadas e polidas, não é com exemplos que deslumbram que se ha de obstar á decadencia das nossas batinas. Ellas em Portugal não querem por emquanto exemplos. O que ellas querem é directamente benzina.

Se, porém, se entende definitivamente que á mesa da communhão devamos nós os catholicos approximar-nos por categorias e por classes, como á mesa dos paquetes, então pedimos uma tarifa para regularisação do serviço ecclesiastico. Que a Igreja nos diga definidamente quem são os passageiros da terceira classe que commungam na tolda com a marinhagem e quaes os escolhidos com direito a receberem a communhão á mesa do commandante!

Depois da cerimonia religiosa, accrescentam os jornaes que fôra servido no paço um opiparo almoço aos dignitarios da côrte e ao alto clero. Esperamos que o sr. patriarcha, fazendo aos poderes temporaes o duro sacrificio de não cumprir o preceito jejuando, pozesse ao menos a condição de que a sua costelleta fôsse — de bacalhau !

IX

Nuvens escuras, espessas, parecendo feitas da conjugação aerea de Himalayas de cinza e de Caucasos de sêbo, toldam o céo, descem no espaço sobre as nossas cabeças, rolam pelos telhados com os idyllios felinos do mez de janeiro, caem sobre os candieiros das ruas, espraiam-se pelo asphalto dos passeios, valem nas ruas, envolvem os transeuntes em abraços aquosos que lhes atravessam o paletot, o collete de flanela e as articulações dos ossos; penetram em rodopio no interior das casas pelos resquicios das portas e das janellas. Na sua dança macabra as pardas e humidas filhas do ar cobrem de soffregos beijos molhados e bolorosos as lomba-

das dos livros, o liso marfim dos teclados, o mármore polido das chaminés, os cabellos que se desfrizam, e às idéas que se dissolvem. Ao cabo de pouco tempo chove de toda a parte: chove do céu, chove das paredes e dos tectos das casas, das portas, da mobilia, dos castões das bengalas, dos *abat-jours* dos candieiros, dos barretes de dormir. Ha dois violentos temporaes com poucos dias de espaço entre um e outro. Trasbordam os rios. Inundam-se os campos. Desenraizam-se arvores. Desmoronam-se casas. Os rebanhos, os instrumentos agricolas, os generos em deposito nos celleiros, os viaductos e os rails das linhas ferreas são arrebatados pela corrente das aguas. O curso ordinario dos negocios, o movimento das mercadorias e dos viajantes suspende-se. Alguns dos habitantes das regiões inundadas ficam na miseria e têm fome.

Ha por tanto duas crises: uma crise meteorologica e uma crise economica.

Sendo a crise economica um effeito da crise meteorologica, a questão fundamental no estudo d'essas duas crises é a questão da chuva.

Esta questão acha-se definida e tem a sua theoria na sciencia.

Assim como a agua sujeita a uma dada elevação

de temperatura se evapora e se converte em ar, assim o ar sujeito a uma proporcional depressão atmospherica se transforma e se converte em agua. Os conhecimentos que já hoje se possuem da physica do globo permittem determinar os differentes trmites do processo seguido pela natureza para obter esses resultados.

Todo o vento (effeito da rotação da terra) humedecido pela impregnação aquatica do mar, encontrando na sua passagem um estôrvo que o dilate na atmospherica, transforma-se em chuva, ou transforma-se em neve, segundo o gráu de arrefecimento, maior ou menor, resultante da altura a que o eleva no espaço o volume do estôrvo interposto na sua corrente.

Assim se explica o phenomeno da chuva, a existencia da neve nos pincaros de todas as altas montanhas, e o nascimento dos rios. D'estes uns, como o Rhodano, o Rheno, o Danubio, são formados pela opposição das cordilheiras á corrente regular de certos ventos; outros, como o Mississipi e o Missouri, nascem do encontro das duas correntes atmosphericas oppostas, uma que sae do golfo do Mexico, outra que parte dos Estados-Unidos na direcção da Europa.

Achando-se determinado que 200 metros de elevação acima do nivel do mar dão 3 gráus de frio,

é facil calcular o frio que deve actuar no ar elevado ás alturas dos Alpes, dos Pyreneus, do Caucaso, e de descobrir assim as causas das geleiras, do mesmo modo que se descobriu a origem das chuvas e a do nascimento dos rios.

Possuida esta simples e clara noção, o homem adquiriu o poder de intervir no meteoroo. Em 14 de novembro de 1854 uma tempestade medonha cahiu sobre as esquadras franceza e ingleza, estacionadas no mar Negro. Todos os navios das duas marinhas tiveram avarias importantes. Muitas embarcações de transporte naufragaram. O sr. Leverrier, director do observatorio de Paris, procedeu então a um inquerito sobre as perturbações atmosphericas d'esse dia, dirigindo circulares a todos os meteorographos do mundo. Duzentas e cincoenta respostas de differentes observatorios provaram que a onda atmospherica que determinara a tempestade fôra presentida pelos observadores, e que a catastrophe teria sido evitada se o telegrapho, que caminha mais depressa do que a corrente do ar, houvesse feito passar de observatorio em observatorio a noticia do phenomeno.

Antigamente faziam-se preces e penitencias para pedir chuva; hoje em dia a chuva não se pede, manda-se-lhe simplesmente que caia, e ella cae precisamente no ponto que se lhe designa.

Ha poucos annos ainda, no baixo Egypto, não

chovia nunca. Os celleiros eram construídos ao ar livre, a descoberto, sobre os telhados. Desde tempos immemoriaes que o vento sêcco do norte mantinha esse estado de cousas na referida região. Um dia, porém, a corrente septentrional chega á Alexandria e encontra uma certa difficuldade em passar com a rapidez do costume; detem-se um momento, retarda-se um instante; basta isso para que ella se dilate, para que se eleve no espaço, para que arrefeça na razão da altura a que subiu, e para que, por consequencia, se converta em chuva. D'onde viera esta poderosa resistencia á invasão do vento esteril? De uma revolução geologica na configuração do solo? Do encontro de um vento opposto? Da influencia calorifica da radiação solar? Não. A voz de preso dada ao vento Norte, o encarceramento d'elle n'uma certa porção do espaço, a sua condemnação inilludível a condensar-se e a ser chuva, fôra simplesmente a obra do homem, que vencera o vento plantando a arvore.

As florestas que têm o poder de occasionar as chuvas por meio da sua interferencia na corrente dos ventos, possuem ainda a propriedade de lhes regular os effeitos impedindo os excessivos irrigamentos, e as inundações.

Além de certos processos de cultura e de arborisação nos cabeços dos montes e nas encostas das

collinas, ha outros meios de impedir os estragos das cheias,— dando aos rios um regimen torrencial, operando largos cortes transversaes nos declives do solo para regular a descida das aguas, construindo tubos de drenagem, etc.

Quando um dique, como o de Vallada, se rompe por effeito de um repentino augmento no volume da agua no leito de um rio, ha meios praticos, promptos, expeditos, de construir diques provisorios. O sr. Babinet, nos seus estudos ácerca da chuva e do irrigamento da França, lembra para os casos analogos ao de Vallada a construcção de barreiras feitas com grandes caixas de ferro fundido, semelhantes ás que transportam a agua potavel nas navegações de longo curso. Estas caixas enchem-se com a mesma agua do rio e sobrepõem-se ou enfileiram-se de encontro á corrente até formarem um obstaculo de dimensões adequadas ao volume da agua que se tem por fim represar.

O mesmo sr. Babinet suggere para o meio preventivo da arborisação o sabio alvitre, tão moralisador, de organizar regimentos de plantadores formados de corpos de veteranos, cujas praças encontrariam n'esse trabalho um suave emprego da sua actividade, que o Estado poderia utilizar remunerando-a com liberalidade superior á importancia mesquinha do soldo e proporcional ao serviço prestado á salu-



bridade e á riqueza publica por esses cidadãos, até hoje inuteis.

Por occasião das ultimas inundações em França, das recentes inundações na Inglaterra, os meios apontados e muitos outros, descobertos pela sciencia no momento do perigo, em frente da catastrophe, têm sido objecto dos mais graves estudos por parte do governo, por parte da imprensa, por parte principalmente das corporações especiaes dos meteorologistas, dos engenheiros hydrographos, dos de florestas, dos de pontes e calçadas, etc.

Em Portugal deante do facto da inundaçãõ espraçada sobre as povoações do Ribatejo, e das margens do Guadiana, a questão principal, a questão summa, a questão technica, é posta completamente de parte, ou nem sequer chega a ser afastada: não concorre no problema, é como se não existisse!

Em face do desastre, dos nossos periodicos, do nosso parlamento, dos nossos proprios estabelecimentos de instrucção irrompe um só grito enorme, consternado, lacrimoso, impotente, imbecil: — *Caridade! Caridade! Caridade!*

Parece não se ter unicamente em vista achar um remedio, mas cumprir uma expiação que minore os castigos do Céu!

Um antigo proloquio egypcio dizia: *Chuva em The-*

bas, desgraça no Egypto. A população portugueza não mostra ter da chuva uma comprehensão menos supersticiosa que a da tradição thebana. Estamos na metaphysica dos cataclismos incommensuraveis.

Debalde a meteorologia — com quanto em estado rudimentar, não constituída ainda em sciencia sobre bases experimentaes e com processos deductivos, — nos annuncia, ainda assim, que não ha nos phenomenos do ar aberrações extraordinarias, inaccessiveis á previsão, mas sim uniformidades periodicas de successão, as quaes o estudo das ondas atmosphericas e da acção magnetica do globo, estudo dirigido harmonicamente em uma cinta de observatorios que cinja ininterrompidamente o globo, chegará porcerto a poder um dia regulamentar systematicamente. Definir-se-ha o sentido scientifico do sonho symbolico das vaccas magras e das vaccas gordas, demonstrando-se como aos annos de estiagem e de fome succedem annos compensadores de irrigação e de abundancia.

Debalde a historia nos mostra que foi das inundações dos grandes rios que sahiu a iniciação dos grandes progressos humanos; que foi das inundações do Nilo que procedeu a civilisação do Egypto; das inundações do Hoang-Ho que procedeu a civilisação da China; das inundações do Euphrates que procedeu a civilisação da Chaldéa, da Babylonia e da

Syria. Povos na infancia, desprovidos das licções da experiencia, desarmados dos instrumentos da analyse moderna, souberam fundar a sua vida historica na previsão economica das cheias dos seus rios.

Nós, portuguezes, em pleno seculo xix, na posse dos mais importantes segredos da mechanica, da astronomia, da physica, da chimica, nós, filhos de Kepler, de Galileu, de Newton e de Franklin, nós, contemporaneos de Mayer, de Helmholtz, de Virchow, de Haeckel, de Humboldt, de Wurtz, de Ampère, de Leverrier, nós não sabemos tirar das inundações successivas de um rio que vem de annos a annos, periodicamente, contra nossa vontade, fertilisar os nossos campos, nenhuma das licções que a experiencia devia suggerir-nos para regularmos e utilisarmos em nosso proveito a acção violenta d'esse phenomeno!

Ha perto de trescentos annos que um velho naturalista, um modesto oleiro, um simples, um santo, Bernardo Palissy, ensinou a construir as fontes artificiaes, fazendo passar as aguas da chuva atravez de um pequeno trato de terreno arborisado sobre um declive de cimento argilloso, terminando n'um muro de supporte que se corta no ponto em que se colloca a fonte e onde se deseja que a chuva, armazenada no inverno entre as raizes do pomar plantado na encosta de subsolo sedimentado, venha a cor-

rer no verão em bica de agua mineralizada e limpi-da. Ha tresentos annos que isto se ensinou. Em Portugal, onde a chuva torrencial é um facto de quasi todos os invernos, onde a falta de agua potavel é um facto de quasi todos os verões, ainda nin-guem apprendeu a construir a fonte de Palissy!

Em Lisboa cahiram alguns muros e desabaram algumas casas. Se um ligeiro abalo de terra se ti-vesse seguido ás grandes chuvas é natural que mui-tos outros predios aluissem, porque a grave ques-tão das edificações em Lisboa está absolutamente desprezada e abandonada á rotina do velho syste-ma adoptado pelo marquez de Pombal. Ora este systema, aliás excellente no tempo da reedificação subsequente ao terremoto, é hoje imperfeito e peri-goso. A canalisação da agua e as chaminés dos fo-gões de sala vieram modernamente alterar os dados do problema resolvido pela sábia administração pom-balina. Os andaimes de madeira geralmente adopta-dos para sustentar os soalhos e os tectos ou apo-drecem rapidamente ao contacto dos canos da agua que envolvem os predios ou se carbonisam por effei-to do calor que lhes communicam os tubos das cha-minés. A elasticidade, que se tem em vista obter pa-rra evitar os desabamentos procedentes dos terre-motos substituindo os madeiramentos pela pedra, só poderia conseguir-se, sem perigo do apodrecimento

ou da carbonisação, empregando nas construcções modernas o ferro em vez do pau. Esta modificação tão facil, tão economica, tão urgentemente exigida nos novos systemas de edificar, o nosso desleixo nacional não nol-a tem deixado ensaiar. De modo que a mesma previsão do perigo percorrida pelo unico homem que accordou em Portugal por occasião do grande tremor de terra com que á natureza benigna aprouve tentar accordar-nos, essa mesma a nossa incuria conseguiu converter dentro de poucos annos em mais uma causa de destruição e de aniquilamento!

Do regimen torrencial dos rios, da arborisação das montanhas, dos cortes transversaes das vertentes, da construcção dos tubos de drenagem, das applicações da draga, dos diques moveis organizados por meio das grandes caixas de ferro fundido, caixas que boiam na agua em quanto vasia, e que um pequeno vapor munido de um cabo de reboque poderia conduzir aos centos sobre o Tejo para os pontes da margem que conviesse resguardar pelo pequeno espaço de tempo necessario para evitar o perigo, quasi momentaneo, das inundações, do emprego finalmente de qualquer dos muitos meios conhecidos para dominar as cheias ou para utilizar as chuvas, ninguem se occupa—nem o governo que assiste ao spectaculo commodamente sentado nos

seus *fauteuils de orchestre*, e applica á marcha dos successos o seu binoculo de dilettante correcto, imperturbavel, nem o parlamento, nem a imprensa, nem finalmente o paiz!

A crise economica não nos parece ter sido objecto de cuidados mais serios do que aquelles que cercaram a questão hydraulica. Ou é certo ou não é que a inundação do Tejo e os temporaes que concorreram com ella destruíram as casas, devastaram os campos, reduziram povoações inteiras á miseria e á fome. Se isto é uma pura invenção dos *reporters* sentimentaes, o diligente esforço humanitario empregado para arrancar da caridade o remedio supremo do grande mal é uma simples ostentação insensata e ridicula. Se são verdadeiras as informações que os jornaes vagamente nos transmittem das desgraças provenientes da inundação do Tejo e do Guadiana, n'esse caso a questão não se resolve pela caridade particular mas sim pela assistencia publica.

Porque — reflectamos um momento — ou existe esse conjunto harmonico de instituições solidarias e responsaveis chamado o Estado, ou não existe.

Se não existe, em nome de que principio nos estão aqui a impôr o serviço militar, o exercito, as barreiras, as alfandegas, o functionalismo, a lista civil?

Se o Estado existe, o que é para elle o *Inundado*? É o productor e é o contribuinte. Agricultando o seu campo, creando o cavallo, engordando o boi, cevando o porco, tosquiando a ovelha, pisando a azeitona, podando a cepa, descascando o sobreiro, o Inundado desde tempos immemoraveis que não faz mais do que estas duas cousas: produz e paga.

Nós outros, habitantes do Chiado, assignantes de S. Carlos, socios do Gremio e do Club, frequentadores do Martinho e do Passeio Publico, nós, republicanos, regeneradores ou granjolas, commendadores de Christo e mesarios da confraria das Chagas, nós outros não produzimos e por conseguinte, em rigor, tambem não pagamos.

Funcionarios publicos, capitalistas, banqueiros, ministros, oradores, poetas lyricos, jogadores na bolsa, proprietarios de predios, vendedores de bilhetes de loteria, consumidores insaciaveis de charutos, de copos de cerveja, de dobrada com hervilhas e de bolos de especie, — nós, francamente, não produzimos cousa nenhuma que signifique dinheiro, isto é, trabalho crystalisado, obra, ou, por outra, valor. Somos apenas — mais ou menos legitimamente — os usufructuarios, os administradores officiosos ou officiaes do dinheiro dos outros.

Portanto, como acima dissemos, nós outros, como não produzimos, em rigor tambem não paga-

mos. Aquillo que alguns supponmos pagar é apenas uma parte que se nos deduz n'aquillo que recebemos. Quem em ultima analyse vem a pagar é unica e simplesmente o Inundado, queremos dizer o productor, o que planta o trigo, o bacêlo, a oliveira e o sôbro, o que cega a cevada e apanha a bolota, o que carda a ovelha, cria o boi, o cavallo, o porco e o carneiro, o que dá a cortiça, o mel, a cebola, o pão, o vinho, o azeite, o sal, o figo, a amendoa e as laranjas.

É elle, o Inundado, quem até hoje tem pago o subsidio de S. Carlos, as carruagens dos ministros, os cavallos dos correios de secretaria, as purpuras dos nossos reis, as *toilettes* das nossas dansarinas, os pennachos do nosso exercito, a campainha e o copo de agua dos nossos parlamentos, finalmente toda a despesa de administração, de pompa, de luxo e de força, cujo conjunto constitue a cousa chamada o Estado.

Como foi que o Estado resolveu o Inundado a pagar-lhe as suas contas? O Estado resolveu-o fazendo-lhe o seguinte discurso:

Inundado! Você trabalha como um boi de nora, o que o não impede de ser um infeliz e um estúpido. Eu sou o Estado. Proponho-me dar-lhe a felicidade material, intellectual e moral, cujos elementos lhe faltam, e que você não sabe nem pode constituir

sem mim. Você não sabe lêr nem escrever, você não sabe trabalhar, não sabe prevêr, não sabe economisar. Você não tem a escola rural, nem a bibliotheca rural, nem a policia rural, nem o banco rural. Você não tem a granja modelo que lhe ensine os novos processos agricolas e lhe empreste as grandes machinas de trabalho. Você não tem arborisação nos seus montes nem canalisação nos seus rios. Para o dotar com todos esses instrumentos de aperfeiçoamento e de prosperidade, arranjei-lhe eu um systema, que se chama o systema monarchico-representativo, com uma carta, um rei, e doze homens, sendo seis ministros e seis correios a cavallo, um parlamento, composto de duas camaras, uma electiva e outra hereditaria. Quer você ou não quer a civilisação? Se a quer, accêite o meu systema e eleja um deputado que vá á minha camara electiva pedir por bôcca em seu nome tudo o que você appetite. Em troca d'este enorme serviço que eu lhe presto ha de você resignar-se a pagar-me um imposto annual, que eu cá mandarei cobrar pelo escrivão de fazenda, e cuja importancia applicarei a regalal-o e a divertil-o summamente com um exercito, uma côrte, um sceptro, várias duzias de repartições publicas, um theatro, um *Diario das Camaras*, um arsenal, uma cordoaria, uma imprensa, etc., etc.

O Inundado começou desde então a pagar e o

Estado começou a dispender. Ha perto de cincoenta annos que dura esta troca de serviços. O Inundado, porém, ainda até hoje não poude obter nem a eschola pratica, nem a bibliotheca, nem a granja, nem os novos instrumentos agricolas, nem as grandes machinas para a lavoura a vapor, nem a arborisação, nem os trabalhos hydraulicos.

Um bello dia, um temporal rebenta, as aguas das chuvas, sem florestas que as esponjem, sem vallas que sangrem a torrente, desabam de chofre no rio, este trasborda por cima de velhos diques em ruina, alaga as povoações, invade as casas, e deixa o Inundado entregue á nudez, á desolação e á fome.

O Inundado pede então a alguem que em seu nome exponha ao Estado a situação em que elle se acha:

Excellentissimo Estado e meu amigo. — Ha cincoenta annos que para aqui me acho, tendo pago sempre a v. ex.^a a quantia que combinamos quando fez commigo o contrato de eu lhe mandar o imposto para Lisboa e de v. ex.^a me mandar para aqui a civilisação. Até á data d'esta nada recebi.

Os deputados que para ahi tenho expedido á custa de muita intriga, de muito dinheiro, de muito copo de vinho e de bastantes bordoadas distribuidas com as listas á bôcca da urna, nada remetteram pa-

ra cá senão discursos cheios de exclamações e de erros de grammatica. Graças aos effeitos de quarenta annos de eloquencia sobre os trabalhos da terra e sobre as obras do rio, este cresceu repentinamente com as ultimas chuvas, invadiu-me a casa e levou-me tudo: moveis, roupas, generos, ferramentas.

Acho-me na derradeira miseria.

Antigamente, antes do contrato que v. ex.^a fez commigo e a que já alludi, o dinheiro que eu ganhava, em vez de o mandar para Lisboa, entregava-o aqui assim ao morgado, ao capitão-mór, e ao convento. Mas o morgado e o capitão-mór, se por um lado me arrancavam a pelle como v. ex.^a hoje faz, por outro lado eram meus amigos. Eram meus compadres, padrinhos dos meus filhos; davam-lhes as brôas e as amendoas pelas festas do anno, esperavam pelas rendas, punham os varapaus argolados dos seus moços e os d'elles proprios ao serviço da nossa causa, quebravam todos os ossos do corpo aos corregedores, aos alcaides, aos portageiros e aos almotacés, quando estes se faziam finos, matavam-nos de quando em quando a criação ou davam-nos chicotadas quando estavam bebedos, mas em seu juizo eram bons homens e tinham sempre as portas e os braços abertos para nos acudirerem, para nos protegerem, para nos ajudarem. Os frades rezavam,

— o que, se não nos fazia bem, também nos não fazia mal; e esta é a differença que distingue os frades dos seus successores, os deputados: o frade rezava, os deputados intrigam. Além d'isso, os frades, se diziam asneiras, diziam-as pelo menos em latim, o que sempre acho que lhes custaria mais do que dizel-as em portuguez rasteiro e agallegado como me dizem que os deputados fazem. Finalmente os frades, se de ordinario viviam á nossa custa, também nas occasiões de crise nos permittiam viver á custa d'elles, e o caldo da portaria era uma restituição.

Quem até hoje não tem restituído a importancia de um vintem nem em dinheiro, nem em caldo, nem em presentes, nem em favores de nenhuma especie é v. ex.^a, meu nobre e illustre senhor.

Tudo quanto tenho pago a v. ex.^a a titulo de imposto, v. ex.^a o tem gasto na verba recreios: exercito com as suas revistas e as suas paradas; corpo diplomatico; côrte; gratificações aos doze homens que representam o governo trotando sobre as pilecas de uns atraz das tipoias dos outros; governadores civis e secretarios geraes; desembargadores para Gôa, e juizes para os Açores; repartições publicas; arsenaes; imprensa nacional; fabrica das cordas; etc.

Portanto, achando-me eu hoje sem real em con-

sequencia de uma desgraça de que v. ex.^a tem a principal culpa, quer-me parecer que não serei desarrazoado pedindo-lhe o favor de me abonar para as minhas necessidades mais urgentes uma pequenissima parte das sommas com que eu ha cincoenta annos tenho estado a custear uma galhofa para a qual nem sequer ao menos me têm convidado.

D'este que é

De v. ex.^a

Humilde subdito e servo.

O Inundado.

A resposta do Estado a estas argumentações e a estas instancias é de tal modo recreativa, que pareceria inventada, se a sua authenticidade não fôsse reconhecida, como é, de todo o mundo.

O Estado respondeu:

Meu caro Inundado. — A tua estimada carta veio encontrar-me em uma situação bem critica para te poder servir, como desejava.

Acho-me a braços com a resposta ao discurso da corôa, com a apparição dos granjolas e com a cegarega do Barros e Cunha. Falta-me tempo para me occupar de ti.

Pedi a sua majestade a Rainha para te abrir uma

subscrição. A rainha accitou gostosa esta incumbencia. Vieram a Palacio todos os banqueiros e todos os capitalistas da cidade. Nomearam-se comissões de homens e commissões de senhoras para promover bazares de prendas, concertos de amadores e recitas de curiosos em teu beneficio.

Dizes-me que não tens nada de comer. É pouco. Todavia espero que, com alguma economia, possas d'isso mesmo tirar alguns jantares, ainda que simples, com que te alimentes durante este mez e parte do que vem. Sê sobrio. Um bom caldo, um peixe, um assado, um prato de legumes e meia garrafa de vinho é quanto te deve bastar. Como não tens nada, resigna-te um pouco e abstem-te de Champagne e de faisões dourados. Perdeste a casa, a mobilia e o fato. Vae para o hotel, enrola-te na tua robe-de-chambre e não saias por estes dias. Conserva-te no teu quarto, ao fogão, toma grogs, e lê romances. Reveste-te de paciencia, já que não podes revestir-te de panno piloto, e espera.

Tudo está preparado e em via de execução para te acudir. Eduardo Coelho e Rio de Carvalho escrevem o hymno, e estão no segundo motete. O nosso Luiz de Campos prepara versos. Prepararam igualmente versos o nosso Thomaz Ribeiro, o nosso Pínhireiro Chagas, o nosso Fernando Caldeira, o nosso Forte Gato, e outros.

É tal o movimento poetico e o consumo de rimas que escaceam já os consoantes para *rainha*; manda-me pelo telegrapho os que ahí tiveres disponiveis e mais proprios do alto estylo do que *tainha*, *morrinha*, *doninha*, *carapinha*, *picoinha*, *espinha*, *ventoinha*, *gallinha* e *mézinha*. Manda tambem para *Pia* os que poderes obter, menos os que pareça contem allusões irreverentes como *enguia*, *folia*, *tosquia*, *letria*, *açia*, *mania* e *bacia*.

Cada um ajusta ao pé o patim da caridade e guina para seu lado em arabescos cheios de phantasia e de elegancia: está-se n'um *skating rink* de beneficencia para te acudir, meu grande maganão!

Além dos que fazem versos e dos que fazem hymnos, ha sujeitos a quem os teus revezes — tão lastimados elles são! — têm feito espigar mazurkas e rebentar polkas... de pura dôr.

Entre as modistas tem havido largas discussões para se decidir se a caridade se deve fazer com decote ou com vestido afogado. Para os actos de beneficencia diurna têm-se adoptado geralmente os vestidos de meia caridade, de velludo ou casimira, abotoados. Para os rasgos de beneficencia nocturna as *toilettes* são sempre de grande-caridade, isto é: decotes quadrados guarnecidos de renda de Bruxellas, toda a cauda, luvas de dez botões, e diamantes.

É indescriptivel a animação fervorosa que reina em todos os salões para se tratar de ti. Triplicaram as *soirées* n'este inverno, e dansa-se todas as noites com o expresso fim de te favorecer. Tocam-se os lanceiros e fazem-se discursos para te obsequiar.

— Elle geme nas vascas da mais horrorosa agonia!... *Chaine anglaise*, minha senhora!

— Mas nós havemos de arrancar-o das fauces da miseria... Sirva-me um gelado!

— Arrancar-o-hemos, ainda que seja a ferros!... De fructa ou de leite, minha senhora?

— Salvemol-o vivo ou morto!... De leite!

Às duas horas, ceia volante ou de bufete, serviço quente e frio, menu de *Baltresqui*.

Um telegramma que chega:— O Inundado está com agua pela cinta.

Um sujeito fugindo com um Perú assado:— Vou levar-lhe uma boia!

Uma menina gritando:

— Não! Não! não o devo consentir! não consentirei jámais que o coração generoso d'aquelle que me deu o ser se sacrifique assim, principalmente por um inundado que só está em perigo— da cinta para baixo! Acudam ao papá! Subtraíam-lhe essa boia! Subtraíam-lh'a, que lhe vae fazer mal: elle já comeu uma!

De rasgos d'estes poderia citar-te centenas.

Restos de velhas edições de livros, de polkas, de almanachs, que o consumo do publico se recusou a tragar e que jaziam desde tempos remotos nos archivos de familia dos respectivos auctores, acabam de te ser consagrados e caem sobre as subscripções abertas para te proteger como benções dos genios incomprehendidos e olvidados.

A mesma infancia estudiosa abre nas aulas de instrucção primaria subscripções para te acudir, e meninos, que ainda não conseguiram penetrar no *quadro de honra* como sufficientemente fortes em leitura, figuram nas resenhas dos jornaes como bemfeitores dos homens.

Não sei realmente, querido Inundado, como poderás agradecer-nos tão reiterados e tão grandes beneficios! Como não sabes fazer mais nada, espero ao menos que rezes por nós. Compenetra-te bem de quanto nos deves, e não te esqueças nunca, em primeiro logar de nos pagar as decimas, e em segundo de nos encommendar a Deus em todas as tuas orações da manhã e da tarde para que o Altissimo vele constantemente pelos nossos preciosos e divertidos dias e nós dilate a vida pelos mais longos annos, como desejas e has myster.

Não te assustes, por quem és, com esse passageiro incidente da agua pela cinta. Mantem-te em uma attitude serena e firme. As cheias bulindo-se com

ellas ainda enchem mais. Ao passo que, abandonadas a si mesmas, as cheias aborrecem-se e esvasiam. Portanto deixa obrar a natureza. Logo que o tempo enxugue e os terrenos sequem, socega que irei vêr-te. Podes desde já preparar a foguetada, o vivorio, e o publico regosijo, para receberes quem é de veras

Teu amo e protector

O Estado

P. S. O bom amigo Luiz de Campos recommenda-se-te muito e manda perguntar-te como gostas mais da caridade, se escripta á latina com *c a*, ou á grega com *c h a*.

Diz-se geralmente—e parece-nos util fixar este boato como um symptoma da época—que sua majestade a rainha fôra aconselhada e guiada em todos os tramites da sua intervenção a favor do Inundado por um personagem já hoje eminentemente poderoso, mas ao qual os recentes conselhos a sua majestade vão dar um novo gráu de importancia culminante e unica na governação publica. Será perfeitamente legitima essa importancia. Se effectivamente houve um homem sufficientemente sagaz para se conservar na sombra e para suggerir a sua ma-

jestade a rainha a idéa profunda de apparecer ella, unica e exclusivamente, a debellar uma catastrophe publica, esse homem fez aos partidos conservadores em Portugal um serviço incomparavel, e deu uma prova de pericia e de habilidade que nunca se egualou e que se não pode exceder.

Como se sabe, os partidos conservadores não têm idéas, não podem e não devem tê-las; os que por excepção as produzem commettem um erro fatal e são victimas do seu proprio acto. Em todo o *statu quo* toda a idéa nova é um rombo. Quem no poder tem idéas, afunde-o. Nos regimens conservadores, como o que vigora em Portugal desde muitos annos, as idéas são erupções revolucionarias extranhas á acção governativa. A missão dos que governam não é lançar na circulação essas idéas, mas sim e unicamente vigiar o systema, como se vigia a couraça de um monitor em batalha naval, e sempre que uma idéa penetre, rolar o furo e disciplinar em seguida o elemento novo introduzido a bordo pelo projectil inimigo.

Aos governos conservadores não se pedem por conseguinte idéas: pedem-se expedientes. Expedientes para que? Para conservar. Como? Por todos os meios que produzam este resultado:— a consolidação do que está.

É de dentro d'esta theoria, que encerra toda a

sciencia de governar, que nós dizemos: os conselhos a sua majestade a rainha, se alguém effectivamente lh'os deu (cremos que sim e diremos já porque) são o acto mais sabio, porque esse acto faz recahir no assumpto o expediente mais adequado e mais proficuo.

Se o governo procurasse directamente estudar e resolver o problema da inundação, que succederia? A opposição contradictava-o. Na imprensa e na camara os partidos dissidentes discutiriam as medidas ministeriaes, controvertel-as-hiam, impugnal-as-hiam com argumentos, com sarcasmos, com insultos. Quem sabe se o governo assim batido tenazmente de bombordo e estibordo não acabaria por metter agua, iniciando um simulacrò de alguma cousa parecida, ainda que remotamente, com uma idéa?!

Que aconteceu, porém, em vez d'isso?

Sua majestade a rainha, disse-se, toma a iniciativa de todos os soccorros ás victimas da inundação. E sobre esta noticia publicada em grandes letras nos jornaes da manhã, o governo foi para a camara, cruzou os braços e esperou corajosamente que a representação nacional se manifestasse. Então a opposição em pêso, composta dos srs. Barros e Cunha, Osorio de Vasconcellos e Pinheiro Chagas, pediu a palavra pela bôcca dos seus oradores.

O sr. Osorio de Vasconcellos disse: — «Partiu de

alto a iniciativa; partiu de uma illustre senhora, de sua majestade a rainha. Pois congratulemo'-nos com o paiz inteiro; congratulemo'-nos com este sentimento homogeneo de caridade manifestado por todos os cidadãos sem distincção de classe, e que veiu em alivio e amparo da miseria, que é geral (*apoiados*); do soffrimento que é grande; das amarguras que são immensas... O nosso paiz foi sempre conhecido pelos impulsos da caridade... Se porventura do alto do Golgotha o Divino Mestre, etc, etc.»

O sr. Barros e Cunha:— «Mando para a mesa a seguinte proposta, que espero seja desde já votada por aclamação: A camara, prestando á caridosa iniciativa de que sua majestade a rainha houve por bem usar em beneficio das victimas das inundações a homenagem que lhe deve em nome do povo que representa, resolve que este voto [seja lançado na acta das suas sessões, e que uma grande deputação deponha aos pés da augusta princeza o tributo do seu reconhecimento.»

O sr. Pinheiro Chagas (falando consigo mesmo) — «Tragó tambem aqui uma proposta de mensagem a sua majestade, feita com tanto patriotismo como a de Barros e Cunha, e com mais grammatica. Visto porém que a camara approvou a d'elle, vou pôr a minha em verso, e levo-a para o Gymnasio. Tenho concluido.»

E na camara dos srs. deputados, onde o governo poderia ter sido violentamente e perigosamente accusado pela sua cumplicidade nos effeitos da inundaçãõ, os unicos tres deputados da opposiçãõ que n'este dia se achavam na sala não tiveram voz se não para louvar a caridade, para citar o Golgotha, e para convidar uma grande commissão a ir depôr nos degraus do solio os testemunhos mais humildes do reconhecimento popular!

A imprensa toda, unanimemente, confessou que sua majestade a rainha era indubitavelmente um anjo, ao qual todos os noticiaristas deviam permittirse a liberdade de mexer um pouco nas azas em signal de gratidãõ.

Depois da imprensa e da camara dos deputados vieram as corporações todas com o seu obulo e o seu communicado aos jornaes.

Os soldados, os empregados das repartições publicas, os carpinteiros, os serralheiros, os cocheiros, etc., collocaram a sua prosa apologetica sobre os voadouros angelicaes da santa princeza: versos, hymnos, valsas brilhantes, *speechs*, mensagens, missivas particulares, desenhos á penna, vivas, bordados a cabello e a missanga, hurrahs explosivos, trophéos emblematicos e pratos montados com figuras allegoricas, tudo concorreu n'esta immensa apothese.

E, se, depois de tudo isto, o dique de Vallada ficou em o estado em que anteriormente estava, o throno dos nossos reis, pelo menos, acha-se mais firme que nunca no amor dos povos.

Confessamos, pois, em vista de todos os factos, que o expediente de resolver a crise aconselhando sua majestade a rainha a intervir pela caridade revela o politico mais habil, o homem de Estado mais profundo que o paiz podia desejar na sua situação presente.

O que nos leva a admittir que sua majestade foi aconselhada por um promotor das conveniencias politicas e não guiada por impulsos espontaneos é o exame das pequenas circumstancias que acompanharam a intervenção da corôa e nas quaes se revela a mão burocratica do conselheiro de Estado, mais habituado a manejar algarismos e a redigir programmas do que a imitar a graça engenhosa, a poetica delicadeza, o fino primor, o tacto subtil, exclusivamente feminino, que assignala os actos nativos de um coração de mulher. N'esses actos, quando legitimos e authenticos, ha uma especie de vinco mimoso, de perfume ideal, que os laboratorios officiaes não imitam senão por meio de falsificações baratas e réles.

Por este lado, que já não é o lado politico mas

sim o lado estheticó, o lado artistico, por este lado o vosso *anjo da caridade*, o anjo que vós, meus senhores, puzestes no vosso andor e passeastes em procissão de popularidade pelo paiz inteiro, tem os defeitos das ingenuas nas companhias de amadores dramaticos em que só representam homens: tem os pés chatos, a cinta grossa, e uma rouca voz de falsête, fingida e miseravel.

Por baixo das candidas vestes do vosso anjo percebem-se os contornos grossos e rijos de um forte modelo masculino. Reparando-se um pouco na alva pennugem immaculada das brancas azas em que o sr. Luiz de Campos collocou os seus inspirados versos, reconhece-se com evidencia que essas azas prendem por articulações de couro a espadas de portamachado.

Sua majestade a rainha, uma mulher, uma senhora, uma princeza, se vós a não houvesseis violentado com os vossos conselhos, ella de per si só, teria representado a caridade por modo muito diverso. Guaidas simplesmente pelo seu delicado instincto de mulher e pela sua perfeita educação de senhora, ella saberia ser util sem ser espectacular; far-se-hia amar sem se deixar applaudir; chegaria á dedicação absoluta de toda a sua alma pelos desgraçados e pelos humildes, sem passar por cima da areia encarnada dos triumphos de rua, sem transpôr os arcos

de murta das glorias de philarmonica, sem se vulgarisar, finalmente, até o ponto de animar os poetas e os jornalistas a fazerem-lhe as mesmas *réclames* com que se lisonjeam as actrizes, tirando imagens sentimentaes e sonoras dos seus *cabellos*, das *pregas dos seus vestidos*, da *flexibilidade da sua estatura*, etc. Houve um folhetinista que chegou pelo desenfreamento do lyrismo a comparar sua majestade — a Magdalena!

Nós protestamos contra semelhantes invasões do enthusiasmo nos dominios da dignidade pessoal, e negamos á rhetorica monarchica o direito de lançar ás faces de uma digna mulher que passa levando o seu sceptro pela mão, as mesmas finezas que as bailarinas bonitas mandaram na vespera deitar fora com as camelias murchas.

Este abuso iniquo e grosseiro fostes vós, conselheiros habeis nos manejos politicos mas imperitos nas questões do gosto, — que os promovestes e auctorisastes.

Vós começastes por abusar da vossa influencia no espirito da soberana prefixando a quantia de um conto de réis como verba de subscripção. Quando a miseria é geral, quando as amarguras são immensas, como disse o proprio sr. Osorio de Vasconcellos, quando dos poderes publicos não baixa uma só medida para acudir a tanto infortunio, quando todo

o remedio para tamanhos males se confia da liberalidade de uma rainha, como quereis vós que se acredite que essa rainha, em uma tal conjuntura, se tenha posto a contar pelos seus dedos magnanimos até achar o numero de libras que compense a miseria geral e a amargura immensa? Por que vibrações de piedade, por que processo de sentimento, por que logica de consternação, por que inducção de pesares, quereis vós que o alanceado coração de sua majestade tenha chegado de dôr em dôr, de lagrima em lagrima, á conta, que só vós podieis ter feito, de duzentas e vinte e duas libras em ouro e dez tostões em prata? Esta conta deploravel é de um estalajadeiro ou de um cambista. Uma princeza, não tendo apprendido pelas necessidades proprias qual é o valor do dinheiro, não sabe contal-o para as necessidades dos outros. Se vós lhe tivessesis dicto simplesmente que para acudir a uma catrastrophe nacional não havia nem uma só disposição da sciencia ou da lei, e que todo o remedio para essa desgraça publica se esperava da influencia régia, a rainha, entregue ao impulso instinctivo do seu coração, não deixaria de contribuir para esse fim de um modo ilimitado, sacrificando-se inteiramente e incondicionalmente á fatalidade da fome como teria de se sacrificar á fatalidade da guerra.

Depois não vos occorreu que tudo quanto se dis-

pendesse em pompas se cerceava em soccorros no producto dos espectaculos em beneficio das victimas da inundação. Sendo esses espectaculos dirigidos por uma senhora esqueceu-vos um ponto essencial que a toda a mulher occorreria: a prescripção da *toilette*. Como sois homens publicos e viveis permanentemente na ostentação e no apparato vós não podeis conceber quanto ha de inopportuno, de indelicado, de offensivo do bom-gôsto no aspecto de senhoras que se reúnem para um fim de caridade cobertas de joias como n'um certamen de luxo. Se fôsse effectivamente uma senhora quem tivesse a direcção d'esses actos de philantropia, as joias teriam sido abolidas, o preço das luvas de baile teria sido applicado á subscripção para os pobres, e nas mãos nuas um annel de ferro mandado fazer pela commissão ornaria toda a pessoa que quizesse acceitalo em troca de um annel de ouro offerecido aos inundados. Em vez dos ramalhetes, de 15 ou 20 libras, offertados aos actores, aos musicos e aos poetas, uma mulher economisaria em favor dos pobres essa luxuosa despesa e manifestaria o seu agradecimento por um modo extremamente mais economico e mais expressivo como seria, por exemplo, o offerecimento de uma pequena photographia de sua majestade com uma simples dedicatoria autographa.

Além da commissão de soccorros presidida nominalmente por sua majestade a rainha e representando a caridade, a unica corporação que em Portugal se occupou do problema das inundações foi a de suas excellencias os srs. bispos.

Apenas constou que alguns dos nossos rios tinham trasbordado, em todos os bispados do reino se fizeram preces implorando da divina misericordia que os rios voltassem aos seus leitos.

Este recurso piedoso lembra-nos que seria vantajoso para o fim de pôr em harmonia a meteorologia e a religião, crear barometros especiaes dedicados ás nossas circumscripções ecclesiasticas.

Estes barometros, que os srs. parochos collocariam nas sacristias ao lado das folhinhas em que se prescreve a côr das vestimentas, teriam as indicações precisas para constituirem um formulario perpetuo sem o incommodo da intervenção dos srs. bispos por via das suas pastoraes. Bastaria que os aneroides *ad usum ecclesiae* fôsem um pouco mais desenvolvidos na indicação dos resultados da pressão atmospherica sobre os aspectos do tempo. Por exemplo: — 78, *bom tempo fixo, faça preces a pedir chuva*; — 74, *grande chuva, faça preces a pedir sol*; — 73, *tempestade, saia procissão e faça preces a pedir bom tempo*.

N'este caso os observatorios astronomicos e meteorologicos poderão ser substituidos om vantagem

pelas cabaças rotatorias dos Kalmuks ou pelos moinhos do Tibet. As cabaças, cheias de orações e agitadas pelo vento, produzem a adoração perenne. Os moinhos são uma fabrica mechanica de preces contínuas, de moagens devotas.

É preciso que n'este ponto nos decidamos por uma das duas: — pela meteorologia ou pela prece.

Se os estados atmosphericos se determinam nos templos, é absolutamente inutil estudal-os nos observatorios. As duas cousas juntas rufutam-se e destroem-se. Ou bem cabeças que pensem ou bem cabaças que rodem. Decidam !

X

A *Nação* jornal legitimista e beato, appareceu ha dias tarjado de negro, em lucto pesado. Ao vêr esta folha assim revestida de filetes funebres, julguei que tivesse morrido o Papa, ou que houvesse desapparecido da republica dos vivos, para se remontar a regiões mais puras, o ultimo dos descendentes (se ainda ha algum) do sr. D. Miguel de Bragança. Vim, porém, a saber pela attenta leitura do seu artigo de

fundo, que o lucto da *Nação* era apenas uma expressão de dôr pelo desacato sacrilego de que ultimamente foi objecto uma das igrejas de Lisboa

Eis o nefando caso :

Por occasião de ser ministrado o sacramento eucharistico aos alumnos de um collegio lisbonense, um dos estudantes cuspiu sobre os degraus do altar a particula consagrada que o sacerdote lhe collocara na lingua á mesa da communhão. D'aqui, ao que parece, todo um grande processo canonico de purificação do templo desacatado, com preces publicas em todas as igrejas da diocese implorando a misericordia do Altissimo.

Emquanto aos effeitos d'esse acto no mundo profano, eis o que se passou :

Os periodicos, referindo o sacrilego acontecimento, fulminam o procedimento insolito do collegial criminoso, pedindo para elle um processo judicial, outros apenas puxões de orelhas.

O director do collegio em que se estava educando o réprobo, apressou-se a dar publica satisfação da pureza orthodoxa da sôpa em que negoceia, expulsando do seu estabelecimento o alumno excomungado.

A mãe d'este anda agora de jornal em jornal, com o joven precito pela mão, procurando explicar aos noticiaristas, que se o menino expectorou na

egreja a particula consagrada pelo parochio da freguezia, não foi com intuito sacrilego que o fez, mas sim por motivo natural de doença, pois que o joven está com tosse e tem gosma.

Sendo isso verdade — como a pobre senhora insiste em affirmar — é claro que o estudante está innocente. Para um dyspeptico e para um bronchitico, o regimen dos ázimos, qualquer que seja o pretexto com que os ministrem, acha-se contra-indicado pela sciencia. A hostia latina não é chemicamente senão uma massa de farinha de trigo não levedada, uma especie de pão, que a falta de fermento, impedindo o desenvolvimento do acido carbonico, torna difficil de digerir, principalmente não sendo o seu uso acompanhado de alguma agua alcalina e carbonatada como a de Vichy ou a de Vidago.

Na igreja grega, como se sabe, o pão usado nos mysterios eucharisticos é fermentado. Ha duvidas sobre se o pão ázimo foi de todo o tempo empregado pela igreja latina, como hoje se emprega nas missas da igreja occidental, e bem assim na paschoa dos judeus. Eu poderia talvez discorrer um pouco sobre este assumpto de erudição sagrada, folheando a obra celebre de Ciampi, *Conjecturae de perpetuo azimorum in ecclesia latina, vel saltem romana, usu*; mas não quero augmentar os desgostos da Nação, fazendo reviver no seio da christandade

a antiga disputa dos *azymitas* e dos *fermentarios*.

Basta-nos saber que o pão da eucharistia latina é indigesto. O director do collegio de que se trata tinha obrigação de o saber, e de o não deixar propinar aos seus collegiaes doentes.

Se, pelo contrario, o alumno não tinha as doencas que sua mãe lhe attribue, e se rejeitou a hostia, não por dyspeptico, mas por impio, de quem é a culpa?

A culpa é evidentemente de quem não soube inspirar-lhe a fé e o respeito do sacrosanto mysterio com o qual o puzeram em contacto.

E este é o grave inconveniente de tornar a religião regulamentar, de levar os collegios e os regimentos á desobriga em massa, assim como se leva o gado ao bebedouro.

A religião é um facto do sentimento não é um facto da disciplina.

A direcção religiosa não pode de modo algum caber á classe. É unicamente á familia que ella compete. O sentimento religioso não se incute como a grammatica na aula ou o exercicio militar na caserna.

Se os que amam a religião e crêem n'ella, desejam sustental-a por mais algum tempo, como estimulo, como força ou como freio nas relações humanas, é preciso que, no proprio interesse dos seus principios, elles tratem de a separar absolutamente

da eschola, para a entregarem absolutamente á familia.

É bom desenganarem-se de que o nosso respeito pela Egreja, de modo algum procede da religião que a carta constitucional prescreve e que a cartilha ensina. O nosso respeito vem unicamente das nossas tradições domesticas.

Eu não sou — como sabem — um homem de religião. Creio que já contei uma vez o que me succedeu em Paris, quando, n'uma *soirée*, em casa de um meu amigo, um phrenologista, que pretendia renovar as theorias de Gall, adaptando-as á physiologia cerebral de Claude Bernard, me apalpou a cabeça... No logar do meu craneo onde deveria achar-se a bossa da religião, o observador, em vez de uma protuberancia, encontrou apenas uma cova. Todas as minhas tendencias mysticas se podem perfeitamente caracterisar por essa fórmula que guardei: uma depressão em logar de uma bossa. Além d'isso, a classe ecclesiastica inspira-me antipathia. O padre com os seus votos de *obediencia* e de *castidade* representa para mim a negação do homem e repugna á minha natureza de sincero animal.

Pois bem! apesar de todas essas condições tão pouco favoraveis ao respeito, nenhuma circumstancia me poderia levar á irreverencia dentro de uma egreja catholica. A mais pequena, a mais humilde, a

mais pobre, a mais feia capella de aldeia, exerce sobre o meu espirito o prestigio profundo das cousas inviolaveis. O aspecto do altar com os seus palmitos emmurhecidos, as suas imagens ingenuas, a sua toalha de fôlho bordado, envolve-me n'uma singular atmospheria, feita de inexprimivel ternura e de vaga saudade.

Foi deante de um altar assim, que eu me ajoelhei em pequeno ao lado de minha mãe, que me cingia pelo hombro, ensinando-me a dizer em voz baixa, trémula de commoção, ao ouvido, as palavras supremas em que a sua fé resumia os mais ardentes votos que ainda alguém fez a Deus, para que elle me tornasse corajoso e bom, resignado e feliz.

E ao lembrar-me d'isso ha na minha consciencia como um pêso de gratidão a pagar, um dôce pêso que me obrigaria a ajoelhar ainda no mesmo lugar onde tantas vezes rezou por mim aquella que tão carinhosamente me creou na sua religião e no seu amor.

Não creio que eguaes sentimentos tivessem sobrevivido na minha alma ao antigo ardor de uma crença extincta, se, em vez de ser minha mãe, tivesse sido o meu mestre quem em pequeno me levasse á igreja.

A gosma de que se diz atacado o joven estudante que escarrou na igreja a particula da communhão,

é com effeito uma terrivel fatalidade pathologica. Eu não hesito, porém, em affirmar uma cousa, e vem a ser que o enfermo de que se trata, resistiria perfeitamente a essa fatalidade, e não cuspiria ao commungar, se fôsse a familia que o houvesse levado á desobriga e não a eschola.

O mais curioso episodio d'esta pequena historia é a expulsão imposta ao alumno delinquente pelo director do seu collegio. Ahi temos um estabelecimento de educação catholica, que pelo seu programma se encarrega, a trôco de uma remuneração ajustada, de preparar os meninos para os exames do Lyceu, para as cortezias das salas e para a primeira communhão na egreja. O menino, porém, sae impio e malcreado. Que faz o director do collegio? Expulsa o menino!

Este acto do pedagogo creio que se deve chamar no codigo uma burla. Pois então paga-se a um sujeito para que elle torne um menino religioso e bem educado, e o sujeito, ao fim de dois annos, deita fora o menino, sob o pretexto de que elle nem está bem educado, nem está religioso! Que cantiga é esta?! Foi exactamente para que o pedagogo lhe ensinasse a boa religião que lhe falta, e a boa educação que elle não tem, que a mãe do menino pagou ao pedagogo. Se o pedagogo não soube cumprir os deveres a que se obrigou, quem deve ser expulso da

eschola não é o alumno, é o mestre. Mas, como a eschola é do mestre, entende-se talvez que ella restitua o menino que não educou. Com uma condição porém; é que tem de restituir egualmente o dinheiro que recebeu para o educar.

Pois que! Perante as responsabilidades da pedagogia, cuspir fora a hostia na communhão é um facto perfeitamente analogo ao de ficar reprovado no Lyceu. Desde que o collegio dá educação litteraria e dá ao mesmo tempo educação religiosa, o collegio é tão responsavel pela ignorancia do alumno que não sabe lêr, como pela ignorancia do alumno que não sabe commungar.

Além de um bello triumpho para a justiça, seria de uma grande utilidade para as mães, que a lei tornasse effectiva essa responsabilidade dos mestres.

Para consolar um pouco a *Nação*, dos desgostos e dos filetes pretos que este caso lhe produziu, refere o *Diario de Noticias*, que subiu a quinze mil o numero dos devotos que beijaram o pé do Senhor dos Passos na sexta-feira passada, antes e depois da procissão do referido Senhor.

No transito do andor com o seu respectivo cortejo, desde a igreja de S. Roque até a igreja da Graça, no meio da grande multidão respeitosa e inclinada e descoberta, duas pessoas apenas deixaram de tirar os seus chapéus.

Em Lisboa toda — comprehendem bem? — duas pessoas apenas sem devoção pelo Senhor dos Passos!

Não seria facil fazer mais expressiva *réclame* ás virtudes milagrosas de uma imagem. Chegou a haver quem suppuzesse que os dois indifferentes haviam sido assalariados pela irmandade da Graça para o effeito moral, e que esses apparentes hereges não eram no fundo mais do que dois puros anjos retirados da procissão para fazerem de philosophos á esquina. Comò quer que seja, a policia interveiu, e, como os dois anjos insistissem em não descobrir as cabeças, a policia levou-os para a cadeia, onde os chapéos lhes foram tirados a ferros.

Na secção dos annuncios do *Diario de Noticias* appareceu hontem uma longa carta dirigida aos parochos, ao clero e aos fieis do patriarchado de Lisboa, pelo sr. Antonio José de Freitas Honorato, arcebispo de Mytilene, governador do patriarchado, na ausencia do reverendo cardeal patriarcha. Na alludida carta refere-se o sr. arcebispo ao desacato de que falei, e que s. ex.^a descreve do seguinte modo:

Alguns alumnos de quatorze a dezeseis annos, do collegio intitulado, etc., conduzidos pelo seu director para satisfazerem o preceito quaresmal, apresentaram-se á Sagrada Mesa Eucharistica e depois de

tomarem a Sagrada Eucharistia cuspiram no chão as especies sacramentaes dois de entre elles, e um terceiro parece que no lenço de assoar, trocando signaes de escarneo entre si.

Segundo o sr. arcebispo de Mytilene, este attentado é mais grave que o dos judeus deicidas e um sacrilegio muito maior e mais detestavel, porque, como s. ex.^a diz, o crime dos judeus pelo menos aproveitou ao genero humano, que foi remido pelo sangue precioso de Jesus Christo, ao passo que o sacrilegio ha pouco perpetrado não produz beneficio nenhum.

Esta maneira de considerar o crime em vista dos beneficios que pode trazer consigo, aggravando-o ou attenuando-o segundo o proveito que elle nos pode dar, parecerá talvez um pouco original aos olhos dos simples racionalistas. Admittido porém esse ponto de vista, crêmos que é um tanto imprudente affirmar desde já que este attentado, de importancia superior ao da morte de Jesus, como o sr. arcebispo affirma, não trará consigo algumas influencias egualmente beneficas.

Francamente não é crível que a Divina Omnipotencia, que tem em sua mão os destinos do universo e a ordem geral das cousas, permittisse em sua suprema e inilludível justiça que quatro gaiatos fôsem fazer troça para a mesa eucharistica, unicamen-

te com o fim de tirar d'ahi um pretexto para nos precipitar a todos no inferno.

Demais, succede que, quando Deus delibera que os attentados d'esta ordem não tenham mais consequências, punindo immediatamente aquelles que os perpetraram, Deus não costuma esperar que o sr. arcebispo de Mytilene lh'o recomende. S. ex.^a mesmo bem claramente o diz na sua provisão. Quando Balthazar profanou os vasos sagrados do templo de Jerusalem, Deus castigou immediatamente esse sacrilegio com a morte d'aquelle rei e com a ruina do seu imperio. Quando Oza temerariamente tentou approximar-se da arca da alliança, elle cahiu fulminado pela divina justiça. Quando Dathan e Cové se rebellaram contra Moysés, Deus abriu a terra sob os pés d'esses sacrilegos e sepultou-os vivos no fogo eterno.

Ora, se Deus resolveu não proceder no caso sujeito com o mesmo rigor de que nos dera testemunho em outros casos analogos, o que nos cumpre acreditar — penso eu — é que Deus tem sobre este ponto novos designios que nos não compete perscrutar, mas que não podem deixar de ser os mais sabios e os mais beneficos. D'onde, a utilidade do facto que o sr. arcebispo denega.

Emquanto á natureza do crime diz sua excellencia, comparando-o ao crime dos judeus :

Se os judeus tivessem conhecido o senhor da gloria jámais o teriam crucificado; os seus u'trages dirigiam-se ao filho de Maria e de José, a esse homem que elles olhavam como um inimigo de Moysés e da sua lei.

Estas palavras na bôcca do sr. arcebispo são a justificação mais sensata e a mais completa do procedimento dos judeus para com Jesus Christo. Efectivamente desde que elles não consideravam o filho de Maria como um Deus, mas simplesmente como um homem revolucionario e rebelde ás leis vigentes e ás auctoridades constituidas, elles não podiam logicamente fazer senão o que fizeram: julgal-o e punil-o. De sorte que, devidamente considerados, os judeus que crucificaram Jesus—como muito bem dá a entender o sr. arcebispo—não são no fundo senão verdadeiros innocentes.

Eu não quero de modo algum parecer contradictar o sr. arcebispo de Mytilene, mas não posso deixar de considerar humildemente e com o mais profundo respeito uma cousa: e vem a ser que os estudantes que desacatarem o Sacramento Eucharistico se acham exactamente no mesmo caso de irresponsabilidade que cabe aos judeus. Uns mataram Jesus, porque não acreditavam que Deus se tivesse feito homem; os outros cuspiram-o, porque não acreditavam que Deus pelo mysterio da transubstancia-

ção se achasse na hostia tão perfeita e realmente como está nos céos. É evidente isto, não é verdade? Os estudantes sacrilegos ou não tinham idéa nenhuma do que representa a Eucharistia ou ignoravam completamente o que seja a Divindade.

É absolutamente inconcebível que haja na criação um ser tão estúpido que depois de saber o que é Deus e tendo a certeza de que tem um na bôcca, o deite fora. Portanto, se a ignorancia das materias reveladas e a inconsciencia do acto praticado não sómente absolve, mas até certo ponto justifica o procedimento dos judeus—como o sr. arcebispo declara—muito mais justifica e mais incondicionalmente ainda absolve o procedimento dos estudantes, porque, com relação áquelles, posto de parte o proposito de deicidio, resta ainda um innocente condemnado; com relação a estes, posta de parte a fé no Sacramento, resta apenas a hostia perdida.

Posto n'estas basés, unicas verdadeiras em que se pode collocar a questão, o tremendo desacato de que se trata reduz-se unicamente á entrada na desobriga de tres mandriões que não estudaram a cartilha.

Depois d'isto eu comprehendia que o sr. arcebispo governador do patriarchado dêsse as devidas providencias ao clero, e que levados á sua presença os tres culpados, sua excellencia lhes mandasse appli-

car a cada um duas duzias de bôlos, puxados por um conego de pulso. Mas, que em vez d'isso, sua excellencia decrete para toda a circumscripção do patriarchado tres dias de preces publicas com Senhor Exposto nas egrejas, penitencias e jejuns, confesso que lá me custa um pouco tragar.

Pois então porque esses tres galopins, que eu nunca vi mais gordos, não estudaram a licção, ha de ser a gente com a sua familia que se ha de pôr de joelhos em cima do banco por castigo?

Esses patifes são os que fazem os peccados, e a gente é que ha de fazer as penitencias? Lá porque um marmanjo da instrucção primaria não sabe o credo hei de ser eu quem ha de ficar sem sobremsa?... Ha de me perdoar sua excellencia, mas isto é duro.

Está para aqui um homem carregado de peccados, que não tem dinheiro para remir, nem tempo, e ha de abalar agora para a egreja durante tres dias para livrar das penas eternas tres brejeiros que ainda por cima são capazes de se ficarem a rir da gente?

Pela parte que me toca julgo do meu dever declarar desde já uma cousa: não estou resolvido a ir ás preces para acudir a tratantes. Se esses cábulas imaginam que hão de ir jogar o pião em vez de apprehender a doutrina, que hão de ficar toda a vida

sem saber o que está na hostia depois de consagrada, e que hei de ser eu que hei de ir metter empeñhos a Deus para que elle os approve para anjos, fiquem sabendo que estão completamente enganados commigo. Querendo estudar, estudem. Não querendo estudar sujeitem-se ás consequencias. O inferno não se fez para as môscas!

É certo que n'um dos paragraphos da sua provisão o sr. arcebispo me explica que não é só para obter o perdão dos estudantes que nós devemos orar, mas tambem para desviarmos de cima das nossas cabeças os horrores que nos ameaçam, em consequencia de desacato que os mesmos estudantes commetterem. Diz o sr. arcebispo :

«Agrupem-se e reunam-se todas as pessoas devotas com os associados do apostolado da oração e quaesquer outras associações piedosas, e por meio de praticas santas, confissão e communhão frequente, proponham-se a reparar o desacato que lamentamos, e forcem, pelo dizer assim, a divina justiça a applicar-se e em vez de castigos extraordinarios faça prodigiosa ostentação das suas misericordias.»

O sr. arcebispo de Mytilene é um veneravel pastor do rebanho de Jesus Christo. Eu não passo de uma pobre ovelha vadia, um pouco pelada no lombo pela tinha do seculo, mas no tocante ao ponto sujeito eu arrojome a dizer a s. ex.^a que nada temos que te-

mer dos castigos extraordinarios da justiça divina. É perfeitamente ocioso que o apostolado da oração e as demais sociedades pias a que s. ex.^a se refere procurem ou não forçar a divindade a applacar-se. Eu affirmo que ella está applacada de per si, e baseio esta minha affirmação, de simples rez humilde a pastor illustre, na certeza que tenho de que Deus, além de supremamente bom, de supremamente misericordioso e de supremamente justo, tem ainda consigo uma cousa que o impede de fazer mal a quem está innocente, e essa cousa que Deus tem consigo é que elle não é tão tólo como os padres o fazem.

XI

No decurso d'este mez entrou em Lisboa a Primavera e o conde de Camondo.

Depois da morte do visconde de Castilho, Antonio Feliciano, a Primavera decahiu completamente do prestigio poetico que durante o Cyclo do Romantismo exerceu sobre a imaginação das classes cultas e sobre o temperamento rhetorico das *juvens Liliás*, mais ou menos abandonadas, e dos *Narci-*

sos de manga de alpaca, socios da *Philomatica* e da *Academia dos obsequiosos do logar de Sacavem*.

A poesia de Castilho, tendo por objecto, como elle mesmo diz, apresentar os mais risonhos quadros campestres animados *com toda a doçura e suavidade do sentimento*, produziu o abalo mais profundo no espirito litterario de uma burguezia até então educada na esthetica do *Almocreve das Pêtas*, do *Bertoldinho* e do *Piólho viajante*.

Desembargadores da Relação, conselheiros de Estado, medicos, professores, e coroneis do exercito, que como estudantes de Coimbra haviam celebrado as festas de Pan e de Cythera, sentimentaes e inoffensivos barbatolas para esse fim reunidos na Lapa dos Esteios, coroados de rosas e de boninas, com as suas batinas, as suas composições poeticas e as suas suissas de passa-piólho, ateavam em Lisboa, no convivio social dos chás de familia, a chispa do enthusiasmo litterario pelas eclogas, pelas pastoraes e pelos idyllios das *cartas d'Echo*, da *Chave do enigma* e do *Amor e Melancholia*. E toda uma geração de lettrados viveu até o derradeiro suspiro do culto pacato e piegas d'essa mythologia meia academica meia infantil, sob a olaia castilhiana de um quintal na rua de S. Francisco de Paula, ouvindo cantar a cigarra, pitadeando-se discretamente no rapé de Apollo meio grosso, e trocando entre si, sob a pre-

sidencia do patriarcha, mútuas vénias e reciprocas confidencias poeticas sobre os seus respectivos estados da alma perante o vicejar do lyrio e o borboletear da mariposa :

*O mundo para mim é todo graças,
Angustias para ti é todo o mundo,*

D'essa geração creio que apenas hoje sobrevive fiel á saudade o sr. Xavier Rodrigues Cordeiro, antigo pastor do Liz e director do *Almanach de Lembranças*. Ninguem mais se dignará na presente época de beliscar as fibras de uma lyra em honra de Flora, deusa da Primavera e mulher de Zephyro, segundo Ovidio.

O poeta sr. Luiz de Araujo depõe ainda alguns carmes nas aras do Estio, annunciando em gazetilhas, no *Diario de Noticias*, a chegada dos grillos á praça da Figueira.

Todos os demais poetas entraram como nós outros prosadores na categoria dos *decadentes*.

A decadencia é o grande ideal litterario do nosso tempo.

Fomos *satanicos* um momento, passageiramente, reconhecendo logo que Satanaz carecia do gráu de depravação precisa para nos merecer essa honra. Para qualquer pequeno que sae hoje do Lyceu com

uma duzia de alexandrinos no bolso, o Diabo é um ingenuo, um simplorio, um basbaque.

Cá a rapaziada já se não revolta, nem nega, nem discute o que quer que seja. A rapaziada está para aqui assim... Schopenhauer *me fecit*.

Delinquesce-se — é o que se faz.

Petrificamos!

Quem não petrificou ainda põinha-se lá fora, que não é da sucia.

Acima do *petrificado* reconhecemos com reverencia a superioridade do *putri.to*, e acima do putrido, suprema categoria da impassibilidade, o *dissolvido*, o *desaggregado*.

Na litteratura moderna a quadra da Primavera chama-se — emquanto se não arranjar nome mais decahido para lhe dar — o tempo do cio, o mez da berra.

Para os lavradores a vinda da Primavera quer dizer: semeia feijão carrapato, abobora, milho, pevides de melão, pepino, beldroegas, tomates, cuentro, pimpinella e alpista; enxerta de escudo, sacha a vinha, monda o trigo, tosquia os carneiros, e cresta as colmeias.

Para os poetas quer dizer que principia a haver no ar, sobre o macadam das estradas, ao pino do sol, uma ponta de cheiro a bode, bom para um soneto epidermico ou para uma canção olfactiva.

Em conclusão, ninguém se importou com a Primavera.

É conveniente que se não pense o mesmo da vinda de Camondo, do celebre, do grande, do mui alto, do mui poderoso, do venerabilissimo Camondo.

Camondo faz parte d'esse governo supremo do nosso seculo, constituido pelo poder do dinheiro e representado por seis ou oito judeus, de que são presentemente tributarios todos os reis e todos os paizes da Europa.

Na Polonia o direito da exploração israelita sobre cada um dos membros da aristocracia perseguida pelo despotismo russo é periodicamente arrematado em leilão na sinagoga sob a presidencia do grande rabbino e em beneficio do tabernaculo. N'este concurso se elegem, de commum accôrdo na tribu, aquelles a quem d'ahi por deante, até novo leilão, fica pertencendo o privilegio de sugar até o ultimo rublo a substancia pecuniaria d'esta, d'aquella e d'aquell'outra familia.

Ignoro se é por um processo semelhante e em leilão analogo áquelle de que são objecto as familias polacas que as nações individadas da Europa se adjudicam aos banqueiros judeus que as exploram, como Stern em Portugal, Rothschild na Hispanha, Stieglitz na Russia, etc.

O que é certo é que, iniciando o seu giro com-

mercial, ha alguns seculos, com o bem conhecido capital dos trinta dinheiros, com os quaes entraram em transacção com a familia do proprio Padre Eterno, estes senhores têm empolgado, a pouco e pouco, com mão humilde, sorrateira e ganchosa, as tunicas de todo o mundo.

Se Portugal gosa ainda do agasalho benefico de um paletot, que por signal está por pagar, é porque Stern o permite, porque Rothschild consente, porque Camondo dá licença.

Um unico aceno que estes cavalheiros se lembrem de fazer, e todos nós, com Sua Majestade Fidelissima e com Sua Eminencia o cardeal patriarcha á nossa frente, teremos de nos despir na praça publica e de fazer á nossa religião a desfeita de cahir de catrambias, e de ceroulas quando muito, em frente do bezerro de ouro, exactissimamente como um ou dois seculos antes de Nosso Senhor Jesus Christo ter vindo ao mundo para nos remir e salvar.

Não haja duvida que soubemos pagar bem á divindade a maçada que teve!

Valeu a pena realmente de fazer passar o justo, o dôce, o entusiasta, o Divino Mestre, por todos os dolorosos transes da Sagrada Paixão! Para que, ó meus queridos evangelistas? Para termos de o crucificar outra vez, se o desprêzo infinito que devemos merecer-lhe se pudesse coadunar com o projecto de

voltar a este mundo, de tal modo somos hoje todos solidarios para a vida e para a morte, com sua excellencia o barão Judas Escariote, governador de todos os bancos do mundo, nosso unico amo e legitimo senhor!

Pela minha parte não sou dos que mais correm a foguetes, mas prezo-me de tributar o respeito devido aos poderes constituídos, primeiro pelo nativo bebi com o leite salutar da publica administração, e depois por amor egoista da minha pelle e por consideração pessoal para com o meu proprio ventre.

Em taes circumstancias, apenas li que Camondo chegara a Lisboa e tomara quartos no Hotel Central para o fim de concorrer á assembléa geral dos accionistas do caminho de ferro do norte e realizar o accôrdo das invalidades da direcção portugueza e da direcção de Paris, para logo me fui precaver de mirra e de incenso para queimar á porta do meu humilde tugurio quando o inclito judeu sagrasse com a pégada das cinco tachas em cruz dos seus sapatos de viajôr a poeira da minha rua.

Camondo, meus senhores, não é um simples calça-pucara vendedor de tamaras, de babuchas e de missangas, como outros de sua raça, que por vezes infestam e conspurcam a nossa via publica.

Camondo é o judeu prophetico, é o representante politico da grande raça errante, é o semita triumphante e vingador, é o Ashaverus da lenda, caminhando incessantemente ovante atravez de todas as ruinas e de todos os destroços sociaes e tendo sempre multiplicados infinitamente de segundo a segundo, tantas vezes quantas metter a mão á saccola, os seus inexauriveis e eternos cinco soldos.

Venero Camondo, porque vejo na personalidade d'este hebreu o proprio Judeu Errante, e figura-se ao meu espirito que foi elle mesmo, primeiro da sua casta vindo á Lisboa de D. Manuel e de D. João II, do sr. padre Senna Freitas e do sr. padre Pancada, o que foi, com os filhos e com os rebanhos de Abrahão, do Egypto, para a Arabia Petréea; o que viu o propheta Samuel cortar ás postas o rei Agag, e Saul levantar para seu proprio filho o ferro immolador, em obediencia á lei do *Leuitico* «que morram»; o que entrou no paiz de Chanaan; o que ajudou a tomar Lais e a matar os homens, os velhos, as creanças e as mulheres casadas ou viuvas, da tribu de Manassé, distribuindo as virgens pelos de Benjamin, afim de que se conservasse completo o numero das doze tribus.

Com Camondo em Lisboa, representa-se ao meu espirito que não foi outro senão elle o que assistiu ás prédicas de S. João, o que viu dansar requebra-

da a bella Herodiade, levantando nos braços eburneos a bandeja de ouro com a cabeça destroncada do Baptista; que foi elle o que trabalhou como carpinteiro na cruz a que foi amarrado Jesus, bebendo em tarraçadas de vinho de Jericó a molhadura que recebeu da policia por esse bico de obra; que foi elle que na sua carpintaria ao Calvario, quando os guardas que conduziam ao supplicio o salvador do mundo lhe pediram para o deixar repousar, abanou negativamente a cabeça, para não se comprometter com os poderes publicos, ouvindo então aquella voz prophetica:

«Caminha tu mesmo sem descançar mais, percorre a terra inteira sem parar nunca, até que eu volte! Sê o dinheiro, e gira! Sê o capital e multiplica-te pelos juros dos juros dos teus proprios juros por toda a eternidade! Sê a divida fluctuante e a divida consolidada das nações, e vae correndo sempre! Sê a agiotagem, sê o jôgo da bolsa, sê o negocio de fundos, sê a roleta, sê a loteria, e rebola! Sê o cidadão conservador, pacato, humilde, respeitador das leis, doutrinario, dizendo bem de tudo e arranchando com todos os que governem, passando para baixo com rectidão todos os successivos pontapés que te vierem de cima, biqueira de bota sempre á frente para quem for menos, saliva sempre ás ordens para lustrar de novo as biqueiras de quem for

mais. Sê o burguez emfim, cubiçoso e cauto, sabujo e ganhão! Sê o burguez, e governa, emprôa-te, rasteja, triumpha, e anda para a frente... até que eu volte!»

Se bem lh'o disse Jesus, o judeu melhor o fez. Traficou, agiotou, sabujou, enriqueceu, e foi tão longe quanto se pode ir na vida, porque foi de rastos, submisso, rojante, curvilíneo, sempre na legalidade, sempre no respeito do constituido, lambendo, mordendo, babando e furando para deante.

Um viajante meu conhecido comprava-lhe um dia uma pellica n'uma loja de Moscow: ia-se fechar a transacção quando o comprador notou que a pellica cheirava mal, a esse nauseabundo e pestilento cheiro de podridão cadaverosa, característico dos máus cortumes; o judeu porém interveiu respeitosa-mente:

— Perdão, Excellencia, digne-se a Excellencia de advertir que não é a pellica que fede.....

E com a sua vozinha de falsête, sibillada, aguda, como o *lahitu* de uma tyroleza, accrescentou:

— Sou eu!

Tal é a força portentosa da sua têmpera mercantil.

É assim constituido que elle dá triumphante e invencível a volta ao mundo.

Cumprindo a sentença de caminhar sempre, arrebanhou mais ou menos integralmente todas as li-

nhas ferreas do globo, e é em carruagem-salão (*beati possidentes!*) que elle jornadaea.

Como era pequena a bolsa primitiva dos trinta dinheiros, creou bolsas supplementares por toda a parte, em Petersburgo, em Londres, em Francfort, em New-York, em Amsterdam, em Roma, e encheu-as todas de ouro a trasbordar. Os seus paquetes cruzam os mares em todos os rumos, e as suas letras de cambio esvoaçam por cima de todas as carteiras do orbe.

Compraria Jerusalem, se se lembrasse d'isso, com a mesma facilidade com que um millionario pode comprar uma quintarola no Minho.

Logo que isso lhe apraza, arrematará o Santo Sepulcro, e porá lá um Eden-Théâtre, um Terminus-hotel, uma casa de banhos com o Jordão em duchas e em pistonagens, batota, carrossel, mastro de cogue, ceias por lista e almoços de garfo, gordos ou de jejum, á escolha do peregrino, como em Lourdes.

Tem já cavallos de corridas, collecções de arte, moveis de estylo, e mulheres de luxo.

Á sua voz, o sol pára, afim de que a lettra se não vença e que se suspenda a penhora até o outro dia.

A um meneio da sua bengala ou do seu chapéo de chuva, *o mar amarello* em que se encapellam

tempestuosos e indomáveis os rôlos das libras esterlinas, abre-se ao meio, fazendo caminho para que elle passe a váu, como no mar Vermelho.

E dentro de poucos annos—se Jesus definitivamente se não resolve a voltar—o judeu terá reconstituido o antigo poder illimitado de Salomão: tornará a seduzir a rainha de Sabá; subsidiará jornalistas que a tanto por linha escreverão para elle tão bellos livros como o dos *Proverbios* e do *Ecclesiastes*; presenteará poetas, que lhe farão versos de uma tão suave pornographia como o *Cantico dos Canticos*; tornará a reunir no seu thesouro todo o ouro e todas as pedrarias de Ophir; terá quarenta mil cavallariças, setecentas esposas, e tresentas concubinas; e o talisman do seu cachucho reduzirá a servirem-o todas as paixões dos homens e todas as forças da natureza.

A historia individual de Camondo é simples e breve, como a de todos os seus pares.

Judeu hispanhol do Levante, variedade caracterizada pela côr preta do lençinho embrulhado á roda do carapuço, Camondo começou por exercer em Constantinopola o duplo mestér de *drogman* e de cambista.

De Constantinopola passou á Inglaterra, pouco mais ou menos pelo tempo da celebre aventura do justilho de um filho do sultão Abdul Medjid. Este joven

principe, tendo assignado uma letra a seis mezes, pelo emprestimo de 20:000 libras, deixou em penhor um justilho chapeado de brilhantes e de rubis. No dia do vencimento, o principe, como de rigor, não compareceu, porque, á semelhança do hispanhol, o turco não tem d'aquillo que em commercio se chama *o termo do contrato*, mais que uma noção cavalheiresca, phantasista e extremamente confusa! Quando tarde pois, e a más horas, ao principe occorreu a reminiscencia vaga, de que contrahira uma divida a prazo, sob penhor, o preciso justilho achava-se vendido em Londres por onze milhões de francos.

Em seguida Camondo fez o Egypto, fez a Italia, de onde veiu conde, e entrou acclamado em Paris, onde o Segundo Imperio lhe conferiu a consagração solemne de *financeiro internacional*, como Pereire e Rothschild.

No dia em que Camondo passou em Lisboa, um estremecimento magnetico deveria ter sacudido mysteriosamente o systema intestinal das burras da rua dos Capellistas.

Lisboa tem os seus financeiros indigenas indubitavelmente, mas ao pé de Camondo deve-se dizer que elles não são mais do que financeiros... de tamaras, apenas!

XII

Hontem, 21, ás 2 horas da tarde, no edificio do extincto convento affonsino de conegos regrantes de Santo Agostinho, S. Vicente de Fora, passava-se a scena que vou narrar, em uma sala de duas janelas abertas ao sul, e contigua ao quarto de dormir de sua eminencia o cardeal patriarcha de Lisboa.

Ao meio da casa, sobre uma grande mesa, voltado á luz, estava collocado o cadaver do prelado D. Ignacio do Nascimento, fallecido no dia anterior, victima de um amollecimento de cerebro, com 71 annos de idade e 12 de magistratura espirital no seu patriarchado.

Os medicos tinham vindo ás 9 horas da manhã embalsamar o corpo, que o mestre de cerimoniaes, um outro clerigo adjutor e dois famulos haviam previamente lavado em vinho, agua e hervas aromaticas.

Terminara á uma hora a embalsamação operada pelos drs. Brandão, Barbosa e Baldy, auxiliados pelo preparador de anatomia da eschola medica.

Emprega-se o systema de Sucquet.

As faces haviam sido injectadas pelas carotidas externas com uma solução carminada de sulfito de ammonium. Em seguida, golpeada a carotida primitiva direita, fizera-se a injectão geral do systema arterial com seis litros de solução de chlorureto de zinco, espaçando-se a suffusão com intervallos de cinco a dez minutos, até que o liquido injectado regorgitasse pelas narinas do morto.

Como o rosto glabro do sacerdote, barbeado de novo e com os cabellos brancos cortados rente, para o pontifical da cova, apresentasse, apesar das injectões ammoniacaes, um aspecto saponaceo, de uma pallidez molle e avitellada, o mestre de cerimoniaes e os seus adjutores, movidos de uma inspiração de funebre *coquetterie*, colloriram-o a carmin, do perfumista Lubin, fornecedor do corpo de baile da Grande Opera, subtilmente applicado com a ponta do dedo, ás rosetas da face e aos labios do venerando sacerdote.

Depois envôlto o ventre em tela ingleza, cosidas as soluções de continuidade das carotidas, emplastadas com esparadrapo os vestigios das escaras que infestavam alguns pontos da pelle, e recheadas as narinas e a bôcca do defuncto com algodão em rama, polvilhado de quina, começou a cerimonia do revestimento.

Uma corrente de ar vivo, estabelecida entre as janellas e as portas abertas, para lavar a casa da exalação espessa dos balsamos, aconselhara hygienicamente os medicos, os sacerdotes, os famulos e o preparador a pôrem os seus chapéos na cabeça.

— Levantem-o vocês dois pela cinta, a prumo, que a camisa eu lh'a metto! dizia uma voz.

As peças da vestimenta estavam desdobradas sobre os raros moveis do aposento. As meias e os sapatos n'uma cadeira. A mitra e as luvas em cima da mesa com os vasos abertos dos acidos, dos chloruretos e da agua phenica, a cruz pastoral, a bacia de lavatorio com a agua de sabão em que se tinham lavado as mãos e os bisturis dos operadores, o pó de quina espalhado, a grande seringa molieresca dos injectorios chimicos, e dois cirios ardendo.

O rosto do finado, inclinado sobre o queixo contra o peito, ao erguerem-o pelos sovacos para se lhe vestir a alva, engelhara um pouco, achatando como a gomma elastica comprimida, e dando á physionomia morta uma expressão inconveniente de enfado.

De cada vez que a cabeça repousava de novo no calço que a amparava na linha horisontal, mão paciente recompunha no sentido normal a juxtaposição das maxillas.

Batia o escorço do cadaver e sorria no ar um deslumbramento de luz projectada do céu, de um azul

intenso, immaculado e profundo, exaltado pelos reflexos aquaticos da bahia do Tejo. Do meio da sala avista-se na outra banda a enseada do Alfeite, a collina de um verde dôce e avelludado, sobre a qual branqueia a aza palpitante de um moínho, emquanto uma vela de falua fende lentamente o espelho do rio.

Vestida a alva e atado o cingulo, um dos clérigos ia já a pôr a estola, quando um famulo avisadamente lembrou que faltava a tunicella, porque os preladados não põem a vestimenta logo em cima da alva como os outros padres subalternos. A tunicella é um agasalho liturgico privativo dos principes da Egreja.

— Onde demonio puzeram vocês a tunicella? — inquiria o clérigo.

E, enquanto os outros iam calçando as luvas vermelhas nas mãos mirradas, ganchosas e denegridas do morto, elle, com o barrete arremessado para a nuca, procurava com a mão direita nas roupas esparsas, emquanto que, com um dedo entalado em marca nas folhas, segurava na mão esquerda o Ritual em que se acham, a tinta preta e a tinta encarnada, os latins que se rezam a cada peça de roupa vestida aos bispos, para os pontificaes.

— Está um tempo creador — dizia o famulo mais edoso, fazendo as honras da conversação ao prepa-

rador da escola de medicina, que ficara para ajudar.

—Um dia de rosas! — confirmava o do theatro anatomico, relanceando os olhos para a janella, em cujo quadro azul voejava em circulo, orientando-se no caminho do seu antigo telhado, a primeira andorinha da estação.

Ao pôr da mitra, cada famulo e cada sacerdote deu um alvitre, porque a mitra era larga de mais para sua eminencia, esbeaçava nas fontes e cerrava os bicos um contra o outro, no alto, chupada, esbarrigada, como se tivesse morrido tambem.

O preparador acudiu :

— Dêem-me estôpa, que isto arranja-se.

Foram buscar-lhe estôpa ao caixão que o armador estava estofando ao lado, e o preparador, enchendo a mitra como se enche a pelle de um animal de museu, recompol-a no seu aspecto conveniente, *embalsamou-a*, porque assim o digamos, como ajudara a embalsamar o prelado.

— Foi por Deus que este senhor tivesse ficado para ajudar a gente, disse um dos padres, reconhecido, ao preparador. Quando foi da morte de sua eminencia o sr. D. Manuel, accrescentou o ecclesiastico, vimo'-nos aqui gregos para o arranjar.

E, como o cadaver do patriarcha se achasse emfim devidamente amortalhado, hirto, retesado, com

os pés juntos, calçados nas sandalias prelaticias, com a planeta vermelha, o pallium metropolitano, a cruz pastoral, os olhos cerrados, os braços cruzados no peito, houve um jovial desafogo de maçada em toda a assistencia.

— Está prompto o pimpão!

E preparador, padres e famulos, dando-se uma lavadela ás mãos, foram jantar.

Assim se lacram, se estampilham e se expedem para o mysterioso silencio eterno os que morrem sem deixar na terra, distribuido aos pedaços em torno de si por aquelles que amaram, o coração dilacerado na lucta de cada dia, no sacrificio de cada hora, não imposto pelas obrigações do cargo, mas sim pelas responsabilidades do sentimento.

Os que não podem pelo amor constituir a familia, são ainda felizes no respeito que os rodeia na morte quando conseguem crear ao menos um amigo.

Ha 20 annos morria em Lisboa, velho, estrangeiro, celibatario, só, um inglez que eu conheci, e que fôra official de lanceiros no exercito portuguez. O acaso tinha-o feito reunir-se com o meu querido e chorado amigo Diogo de Macedo na mesma agua-furtada, n'um pequeno e risonho *ménage* de estudantes na rua do Alecrim. Affinidades de temperamento, de character, de costumes, de educação e um pouco tambem de nacionalidade, porque Diogo de

Macedo era escocez por sua mãe, haviam determinado esta confraternisação entre um velho de 70 annos e um rapaz de 25. Pareciam-se como pae e filho. Eram ambos enormes de altura. Tinham o mesmo porte de cabeça, erecto e marcial, e ao fim das boas tardes de inverno, quando elles voltavam por Monsanto, dos seus longos passeios a pé até Bellas ou até Queluz, quem os via juntos, com os seus bigodes militares, um branco, outro louro, as calças á hussard, as sobrecasacas abotoadas até o pescoço, julgava encontrar-se com um formidavel par de gigantes, que com o cahir da noite desciam da serra ao povoado.

Pela manhã dois aguadeiros entravam na casa que elles habitavam, e vasavam um barril de agua em cima da cabeça de cada um. Era essa a fórmula summaria da sua primeira *toilette*.

Elles proprios fabricavam alternadamente sobre um bico de gaz a *omelette* ou o chocolate do almôço, e davam-se de ordinario *rendez-vous* para jantar juntos, á noite, no restaurante.

Havia dois ou tres annos que esta convivencia durava, quando o velho capitão S... cahiu doente sob a manifestação de uma grave lesão cardiaca.

Diogo inverteu então o seu papel ordinario de filho adoptivo, e fez-se mãe do seu velho amigo, desenvolvendo as mais ternas invenções de mulher,

para suavisar os ultimos dias dolorosos do seu companheiro.

Rolou-lhe a cama para junto da janella, d'onde elle avistava o mar, ao abrigo de um largo toldo de lona com listras azues e da rama de um pinheiro, que comprou, para mascarar o aspecto pobre de um telhado proximo, e para purificar o ar que entrava no quarto.

Reforçara a sua propria companhia com a de um canario, que cantava ao enfermo, de dia. E, á noite, á tenue luz do candieiro de trabalho, lia-lhe brandamente, em voz pausada e baixa, algumas paginas da Biblia, que o capitão queria ouvir, e bem assim, nas obras completas e originaes de Dickens, todos os trechos que elle marcara a lapis no exemplar da sua pequena bibliotheca.

De uma vez, emquanto Diogo lia em o *Novo Testamento* o sermão da Montanha, a mão do capitão, que elle cingia na sua, estremeceu levemente. Diogo, levantando o candieiro, olhou para a face pallida do doente, e, como diz o Dante no episodio de Francesca, *e' les não leram mais n'esse dia*. O capitão tinha expirado.

Acabamos de vêr como se houveram com o seu prelado os representantes da Egreja. Vamos vêr agora como procedeu com o seu companheiro um simples impio.

Diogo de Macedo, tendo feito verificar o obito pelo medico assistente do seu amigo, e tendo-o velado piedosamente, não quiz entregar a mãos indifferentes e mercenarias o corpo d'elle.

Repugnando-lhe como irreverente o esquife ordinario dos defunctos pobres em Lisboa, feito de falso velludo e de falso ouro, e não abundando o dinheiro para a compra de um esquife de cedro ou de mogno polido, mandou fazer uma simples caixa de pinho quadrilonga e lisa e elle mesmo a forrou de flanela azul ingleza, cravejada com pregos de aço.

Em seguida lavou elle proprio o cadaver, perfumou-o com verbena, vestiu-o e deitou-o no caixão, que fechou, aparafusando a tampa.

No cemiterio, Diogo, que tinha uma força herculea, desceu ao fundo da cova o caixão do seu companheiro, disse-lhe adeus, deitando-lhe a primeira pá de terra, e plantou-lhe sobre a sepultura a arvore da sua predilecção, o carvalho de que elle se dizia parente — *quercus macedonius*.

Não sou um inimigo da religião, eu. Pelo contrario. Um dos philosophos da *Encyclopedia* dizia que os materialistas do seu tempo eram capazes, com os seus methodos de argumentação, de o obrigar a ir á missa. A mim, os atheus da casa Havaneza e do Rocio dispõem-me melhor a ir para padre, do que a ir para outra qualquer cousa. Obriga-me porém

a meditar a triste morte d'este principe ecclesiastico, cardeal patriarcha de Lisboa, prelado metropolitano, tendo como suffraganeos os bispos de Castello Branco, da Guarda, de Lamego, de Leiria, de Portalegre, de Angra, de Angola, de Cabo Verde e de S. Thomé. Uma portaria do ministerio do reino, publicada em supplemento ao *Diario do Governo*, manda fechar por tres dias as casas de espectaculos publicos. O corpo do defuncto fica patente á veneração dos fieis, por dois dias, na camara ardente, e no dia 28, designado para o enterro, as fortalezas de Lisboa e os navios de guerra surtos no Tejo salvarão de meia em meia hora, desde o romper do dia até que o corpo seja depositado no respectivo jazigo. As tropas da guarnição de Lisboa acompanharão o cortejo funerario, e o mestre de cerimoniaes do patriarchado precederá os coches de estado enfileirados no prestito, vestido de batina rôxa e roquete, chapéo tricorne e luvas de anta, alçando a cruz metropolitana e cavalgando a sua mula branca, ajaezada de lucto, com gualdrapa negra.

Mas em toda essa apparatusa pompa, nem um só vislumbre de commoção sincera, nem sequer o vestigio mais leve de uma unica lagrima! Os soldados praguejam nas tarimbas contra o morto que os vae obrigar a um dia de forma e de estopada em grande uniforme e espingarda em funeral. Os empresa-

rios de theatros amaldiçoam o pretexto sob o qual o governo resolve mais esta vez intervir na liberdade do trabalho alheio, defraudando nos seus legitimos lucros, por dois dias de compressão despotica, uma industria tão independente, e tão livre de se exercer quando queira, como qualquer outra. O povo emfim, para vêr morto o patriarcha, que nunca talvez viu em vivo, vae hoje para a egreja de S. Vicente no mesmo recolhimento de espirito com que iria ao enterro do bacalhau ou á serração da velha.

E todos estes cumprimentos officiaes e espectaculosos me fazem lembrar um pouco as boas noites dadas a D. Basilio na scena do bota-fora no *Barbeiro de Semilha*.

Misero patriarcha morto! misero principe defuncto! *Miserrimus!* como diz o epitaphio de Westminster.

Oh! não; decididamente não é esta a maneira de ir embora que eu mais vivamente desejo, para aquelles que amo e para aquelles que respeito! Deante da morte a Egreja faz-me o effeito triste de não ter religião.

XIII

Peço mil desculpas ao leitor de lhe não ter falado, ha muito tempo, em monsenhor Pinto de Campos. Desde que pela ultima vez tive a honra de me referir a esse illustre viajante, s. ex.^a esteve em Marselha e visitou a crypta da egreja de S. Maximino. N'esta crypta viu s. ex.^a, e immediatamente o narrou ao *Diario de Noticias*, uma *particula de carne incorrupta*, conservada dentro de um frasco de crystal. Essa carne incorrupta nada tem de commum com o nosso conhecido *corne-beef*, nem com o *pic-nic tongue*, nem com a carne sêcca do Rio-Grande, nem com o *beef-tongue* de Chicago, nem com nenhuma das outras conservas de carne que nos são mais ou menos familiares. A carne incorrupta, vista na crypta da egreja de S. Maximino por monsenhor Pinto de Campos, é a carne de Santa Maria Magdalena. Esta carne, diz monsenhor, conservou-se por muitos seculos pegada ao respectivo osso sobre a fonte esquerda da Santa, exactamente

no lugar em que Jesus Christo lhe tocou quando lhe disse: *Noli me tangere*.

Em 1780 a carne incorrupta de Santa Maria Magdalena, comprehendendo que ia rebentar a Revolução Franceza e desejando dar aos homens um publico testemunho de que desaprovava inteiramente esse facto, deixou-se cahir, passando desde então a residir no frasco em que monsenhor Pinto de Campos a examinou.

Como foi — perguntará o leitor — que o corpo de Santa Maria Magdalena veiu da Palestina até a Provença?

Esse caso, que monsenhor Pinto de Campos não refere na sua ultima epistola, é-nos explicado pelos *Bolandistas*. Santa Maria Magdalena sahio da Palestina uma bella tarde em companhia de seus irmãos, Lazaro, o resuscitado, e Martha. Partiram embarcados n'um botezinho tão pequenino tão pequenino que ninguem suppunha que elle podesse chegar ao alto mar.

A bordo, além de Santa Maria Magdalena e de sua familia, achavam-se varios dos seus amigos e pessoas de relação, as duas Marias, Jacob, S. Trophimo e S. Maximino. O barquinho — dizem os *Bolandistas* — atravessou sem o minimo inconveniente os grandes mares que se extendem desde a Palestina até a Sicilia e desde a Sicilia até a Provença, o

que é inaudito, sem parar, nem arribar, nem demandar outro porto pelo caminho. O dicto bote não tinha leme, nem vela, nem remos, nem machina de vapor: a força, que o impellia e o guiava atravez das ondas, vinha de um motor que os industriaes modernos não põem senão supplementarmente ao serviço das suas machinas. Esse motor era o Dedo de Deus.

Em um livro intitulado *Sainte Madeleine et la Sainte Baume*, obra precedida de uma carta de Monsenhor Mermillod e acompanhada dos discursos dos bispos de Nimes e de Orleans, conta-se como Santa Maria Magdalena passava o seu tempo na gruta da Sainte Baume, onde se recolheu e onde residiu durante trinta annos. A Santa não fazia cousa alguma. Permanecia na crypta em estado perenne de pura contemplação. Sete vezes por dia, diz a obra citada, era elevada aos ares pelos anjos, que subiam o corpo a tão grande altura que ella chegava a ouvir corporalmente os coros entoados no empireo em louvor do Creador. Em seguida os anjos tornavam a descer a Santa e a collocar-a na sua crypta, onde ella não comia nem bebia, porque se alimentava no ar, em quanto por lá andava, com manjares invisiveis. «O cantico dos anjos era todo o seu comer» diz explicitamente o livro citado, na lauda 143 da edição de Lyon, 1874.

Como é que se soube, vivendo Santa Maria Magdalena na mais absoluta solidão, que ella ia ao céo, guindada por anjos sete vezes por dia, ouvir os concertos celestiaes e banquetear-se nas iguarias *invisíveis*? O Revd. padre Faillon, que estudou especialmente esta passagem, illucida-a com a explicação seguinte: «Deus tem em sua mão innumerados meios para dar á sua igreja provas indubitaveis da existencia d'este milagre. É inutil querermos investigar quaes foram esses meios.»

Escreptores sagrados, tão veneraveis como os que affirmam que Santa Maria Magdalena viveu na Provença os ultimos trinta annos da sua vida, negam a viagem atravez dos mares, a que acima me referi, e dizem que Lazaro depois de resuscitado foi para a ilha de Chypre, d'onde não tornou a sahir; que Santa Martha morreu na Bethania, e que Santa Maria Magdalena acabou seus dias em Epheso. Desde que monsenhor Pinto de Campos esteve em Sainte Baume e affiançou ao *Diario de Noticias* ter alli visto os restos da verdadeira e legitima Santa Maria Magdalena, cessaram todas as duvidas sobre este ponto: todas as outras suppostas Santas Marias Magdalenas são falsas.

A *particula de carne incorrupta* despegada da fonte da Santa, *do lado direito do espectador*, segundo as proprias palavras do sr. Pinto de Campos,

chama-se, como vimos, o *Noli-me-tangere*, e diz monsenhor ser o ponto que Jesus tocou com o dedo na fonte da peccadora. O conego Doubdan, falando da cabeça de Santa Maria Magdalena antes de ter o *Diario de Noticias* transmittido ao mundo a opinião de monsenhor Pinto de Campos sobre o mesmo assumpto, diz que Jesus, approximando a mão da frente da Santa, não sómente lhe tocou com o dedo na fonte, mas outro sim lhe tocou *com a palma da mão na ponta do nariz, a qual ficou tambem incorrupta*. Esta asseveração lê-se no *Dictionnaire des Pèlerinages*, tomo 1, pagina 132.

Parece que a ponta do nariz, vista pelo reverendo conego Doubdan, acabou por cahir assim como cahiu a carne da fonte. Sómente, pelo que lêmos no texto de monsenhor Pinto de Campos, não se conserva na gruta da Sainte Baume senão um só relicario com a particula da carne incorrupta da fonte da Santa. De modo que—ai de nós!—a não menos veneravel particula incorrupta da ponta do nariz da mesma Santa desapareceu! Como foi que os frades do convento de S. Maximino—com os quaes monsenhor Pinto de Campos diz manter as mais intimas e cordeaes relações—deixaram perder uma tão importante parte do corpo da Santa incumbidos de guardar? É o que se me offerece perguntar submissa e respeitosaente a monsenhor, esperando

que, logo que estas linhas profanas cheguem ás suas mãos, s. ex.^a se digne de esclarecer-me.

Longe de mim a idéa de pôr em duvida a limpeza de mãos dos frades de S. Maximino no tocante ás pontas de narizes confiadas á sua guarda. O que digo simplesmente, sem com isto querer fazer alluções á fidelidade de quem quer que seja, é que, segundo se lê a pagina 282 do *Dictionnaire des Pèlerinages*, existiu na Sainte Baume a ponta incorrupta do nariz de Santa Maria Magdalena. Pergunta-se que destino teve esse precioso fragmento do órgão olfactivo da Santa?

Mais: Na egreja de S. Maximino existiram n'outro tempo (vide obra supracitada) doze corpos de doze innocentes degollados por Herodes. Existia tambem uma caixa contendo o resto do balsamo derramado por Santa Magdalena aos pés do Salvador.

Pergunta-se a monsenhor Pinto de Campos: Onde estão esses corpos? onde está essa caixa? onde estão aquellas cartilagens incorruptas? É em nome de toda a christandade vivamente interessada n'estes piedosos problemas, que eu repto monsenhor e o chamo á barra do *Diario de Noticias* para que nos responda clara e terminantemente. É tudo isto uma simples historia da carocha, uma historia do Transglomango applicada ao destino das reliquias, e não tem fé nenhuma o depoimento dos peregrinos

tão idiotas uns como os outros? ou existiram effectivamente essas reliquias? No primeiro caso, bastará simplesmente que monsenhor Pinto de Campos não responda cousa alguma, e ficaremos todos edificados. No segundo caso, é preciso que s. ex.^a seja inteiramente explicito e que ou nos apresente uma por uma todas as reliquias que desapareceram ou nos prove cabalmente que não são os seus amigos frades do convento de S. Maximino os que as so-negam á nossa devoção.

Eu tive a incomparavel gloria de vêr ha dias, face a face, o grande homem, monsenhor Pinto de Campos á mesa redonda do Hotel Bragança, mas não me atrevi então a dirigir de viva voz estas perguntas a s. ex.^a. Receei perturbar-o no meio do sacrificio que elle estava consummando. S. ex.^a comia com profundo e exemplar recolhimento queijo Roquefort.

«— Devo-lhe a vida!» exclamava reconhecidamente s. ex.^a, e referindo-se ainda ao celebre lacticinio: — «Sem Roquefort o meu estomago não poderia digerir.»

Curioso espectáculo o d'este pio varão e venerando sacerdote, tendo peregrinado por todos os santuarios da Europa, tendo estado em contacto com todas as reliquias mais efficazmente milagrosas de toda a Egreja, declarando em um hotel, á sobre-mesa de uma *table d'hôte*, que a sua saude se não deve

nem á mediação dos santos e das santas, nem á applicação das aguas bentas, nem ao uso de escapulários, nem ás romagens, nem á oração, nem á penitencia, mas sim—elle mesmo o disse!—á mais mundanal de todas as podridões terrestres, ao mais depravado producto das fermentações da chimica requintada em dezenove seculos de sensualidade culinaria,—ao queijo Roquefort!

Monsenhor esteve nos logares santos, esteve em Jerusalem, no Santo Sepulcro e no horto das Oliveiras, esteve em Roma aos pés do pontifice e perante o altar de S. Pedro, esteve em Lourdes, esteve na Sainte-Baume, na Provença. Monsenhor achava-se pela sua alma em estado de graça, mas—ai de mim!—pelo seu estomago monsenhor achava-se em estado dyspeptico! Enquanto o espirito de s. ex.^a se librava em arrobos mysticos a toda altura da eloquencia segregada nos seus folhetins, no fundo do estomago somnolento e do intestino amodorrado de s. ex.^a, o succo gastrico, o succo pancreatico e a bilis recusavam-se, com uma obstinação heretica, a atacar com o devido vigor as materias azotadas, a emulsionar as materias gordas e a concluir a digestão das materias albuminoides ingeridas por s. ex.^a. S. ex.^a amava o extasis contemplativo, mas não lhe agradava que ficassem egualmente extaticos perante as maravilhas sobrenaturaes contempladas por

s. ex.^a os seus órgãos digestivos, o seu estomago, o seu pancreas, o seu figado, o seu intestino grosso. Porque monsenhor tem muito prazer com a devoção, mas não tem prazer nenhum com a gastralgia. Elle quer o reino de Deus, mas não quer a colica.

Postos estes principios, que me parecem profundamente sãos, monsenhor resolve espertar sua actividade intestinal entorpecida pelos habitos contemplativos, e d'este modo, ao mesmo tempo que salvava a sua alma contemplando em estado de graça a particula incorrupta da carne de Santa Maria Magdalena, salvava ao mesmo tempo a sua propria carne, mettendo-lhe para dentro a particula corrupta do queijo. Quando a Sagrada Escriptura disse que nem só de pão vive o homem, a Escriptura previu o caso de monsenhor: o homem, além de pão, quer tambem queijo para viver. Uma cousa é a bemdita alma, outra cousa é o rico corpinho. Distingamos as duas especies!—Pão pão, queijo queijo!

XIV

Lisboa prepara n'este momento a festa do Natal.

Grandes rebanhos de perús, enrabeirados de lama, espalham no macadam as suas manchas move-danças e escuras, de reflexos de aço, adornadas das florescencias brancas e vermelhas dos moncos. Pessoas idoneas pastoream esses gallinaceos guiando-os a golpes de canna por entre as rodas dos trens e por entre as pernas dos viandantes. Na compra d'estes perús convem escolher os mais teimosos: á força de canna são esses os mais tenros.

Porcos gordos transitam igualmente pela via, mas em numero inferior ao dos perús, de rabo torcido em sacca-rôlhas, focinho baixo, orelha cahida sobre os olhos, meditabundos, resignados na profunda convicção, philosophica de que, ou seja para já, ou seja para o Entrudo, o destino da especie é acabar em postas, esfregadas a alho, acamadas na salgadeira. Por isso, no caminho da vida, enquanto os outros se mexem em destinos varios, os porcos preferem deitar-se na rua, ao comprido.

Mais senhoras do que é costume vêr em Lisboa fora da hora das missas ao domingo, percorrem as ruas, em compras, de loja para loja, atravessando de um passeio para o outro, com embrulhos, levantando o vestido da lama, caminhando depressa para evitar o encontro das carruagens, ao fundo das quaes toilettes de inverno bem abotoadas e pequenas toques de castor ou de lontra destacam entre cartões apertados com fitilhos de seda azul ou côr de rosa.

Pela manhã os cangalheiros trazem mais peçados os seus cabazes suspensos no hombro aos dois extremos de uma vara, ou os caixões das suas garranas peludas e escadeiradas, de cujas cargas os ramos festivos das violetas, envôltos de couve e atados em palha, sobresaem das mãos de nabos, dos molhos das cenouras côr de ouro, das verduras de salada, das espumas da couve-flôr e dos feixes das beterrabas escuras arranhadas em laivos de um vermelho de sangue vivo.

Gallegos transportam casaes de perús ou de patos, caixotes de vinho, ou cestos etiquetados do caminho de ferro, cobertos de uma capa de panno cosido e sobrescriptado, contendo os presentes da provincia, em ovos, em caça, em capões e em pão pôdre.

As confeitarias exhibem toda a sua collecção com-

pleta de dôces de ovos: as queijadas, os *morgados*, os *fartos* e as lampreias espapadas, de grandes olhos de ginja e de linguas de cidrão sahindo para fora de bôccas de caramelo e de chocolate. Torrentes de ovos de fio brotam de rochedos de nogada, cobertos de chalets de massa, sobre tanques de torrão de Alicante, em que se abeberam pombas de rebuçado e boisinhos de pão de ló com chavelhos de assucar e entranhas de creme.

Nas grandes mercearias gallos de figo, malhados de amendoa, extendem o seu bico discreto, de pinhão, para os bambolins de chouriços de Arroiolos ennastrados de louro. Bocetas abertas patenteiam atravez da trabalhosa renda de papel os discos compactos da laranja recheada de Setubal e da ameixa de Elvas coberta de assucar e marchetada de estrellas de fio de prata. Novas bolachas denominadas *Antonio Maria* representam em massa de biscouto de agua e sal as cabeças de todos os personagens celebres da politica contemporanea. Caixas de figos do Algarve, bordadas a pita, barrilinhos de azeitonas de Sevilha e latas esmaltadas de sardinhas de Nantes, de *corne-beef* americano, de atum de Marselha e de *foie gras* de Strasbourgo preenchem o quadro no primeiro plano das *montres*. Na prateleira de cima scintillam na transparencia da luz os potes das geléas e das conservas de legumes, os

boiões das compotas, os frascos e as garrafas brancas, verdes, azues, amarellas, dos differentes xaropes e dos varios licores ecclesiasticos da Cartucha, do padre Kermann, dos Benedictinos, etc., e nos bojos reluzentes das vasilhas graves etiquetas sacerdotaes retratam velhos monges de grandes barbas meditando no meio de retortas, de livros e de caveiras, sobre os seus fundos de aguardente de todas as côres. Ao lado dos rotulos ascetas das bebidas espirituosas, os rotulos profanos dos môlhos inglezes, em que gordos nababos côm de fogo riem nos seus bigodes brancos a grandes peixes hydropicos de tempero picante. Dentro das tendas, no chão, nos lotes em evidencia, ao balcão, as grandes peças sem aparato pittoresco: as mós sobrepostas dos queijos de Gruyère, os bôlos chatos do Brie, os pequenos cylindros de Bondon, os Neufchâtel, os Camembert, os Roquefort, os Flamengos, os da Serra, os do Rabaçal; as caixas das uvas passadas de Alicante; as barricas dos arenques, da julienne e da choucroute; as linguas sêccas; os presuntos de York; os cestos do Champagne; as bilhas de mel, e os montões das batatas, dos ovos e das ostras de Montijo.

Nas vitrinas das salchicharias o chouriço de sangue enrola-se em circulos sobrepostos como as roscas da serpentina n'um alambique de ebano. Entre as fôrmas marmoreadas da cabeça de porco com ge-

léa e os pãesinhos de manteiga fresca, ostentam-se os fiambres de empunhadura de papel com topes recortados, as galantines cercadas de verdura, e as pyramides louras dos chispes panados, dos pesunhos de recheio, dos *cervelas* e das linguças.

Os restaurantes empilham em exposição as perdi- zes, as gallinholas, os patos bravos, os pastelões de presunto e vitella, os timbales de frango misturados de champignons e de rabiolos, e os ventres loirejan- tes e amanteigados dos perús embutidos de trufas, no meio dos gargalos de prata do Champagne e das garrafas pretas do Bourgogne lacradas de verde.

As padarias francezas exhibem provisões extraor- dinarias de brioches e de *pain d'épices*.

As padarias inglezas installam a grande exposição especial dos *christmas-cakes*, dos *mince-pies*, dos *plum-puddings* e de tudo mais quanto o estomago inglez precisa *for keeping a merry christmas*.

Na praça da Figueira, n'um movimento extraor- dinario de appetites em circulação, grunhem os lei- tões, cacarejam os gallos e berram alvoraçados os marrecos e as gallinhas, erguidas pelas azas e arri- piadas nas pennas do peito pelo sôpro dos compra- dores. A caça pende em bambolins ao longo das barracas, e emquanto coelhos mansos, suspensos pelas pernas, expiram fulminados com a pancada sêcca dada com a mão de trave sobre as orelhas,

cordeiros e cabritos esfolados enxugam ao ar, abertos de cima abaixo, com um canniço em cruz mettido no ventre. Na zona dos legumes, por baixo dos enormes chapéus de sol de lona branca, as hortaliças de brincos de festa nas orelhas e de lenços novos meneiam-se com ligeireza por detraz das suas bancas de pinho, offerecendo a fazenda, discutindo, barafustando, fazendo trocos, no meio do circulo fechado dos moços de compras, que regateiam com o dinheiro nos dedos e o cabaz no braço.

Nas lojas de quinquilharia estão armadas as arvores do Natal, e além dos bonitos pendentos do pinheiro vê-se em exposição toda uma infinidade dos brinquedos modernos: os quadros e os pequenos theatrinhos mechanicos em que ha orchestras de macacos, bailados de dansarinas, jogos de acrobatas e de prestidigitadores e verdadeiras representações de pequenas comedias: — a castellã que abre o balcão ao ouvir o pagem que atravessa n'uma gondola tocando um bandolim; o Figaro sevilhano, que trepa com a guitarra aos telhados, onde trapeiras se abrem, raparigas de olhos pretos envôltas em mantilhas fazem signaes, até que um D. Bartholo de barrete de dormir e robe-de-chambre de ramagens rebenta a um postigo, as gelosias fecham-se, o guitarrista desaparece, e dois gatos pretos atravessam a scena fugindo pelo telhado. A secção das bo-

necas é porém a mais interessante porque não ha creança... quasi dizia: não ha mulher, que estas collecções não deslumbrem. A antiga boneca de pau com engonços, que se trazia para casa embrulhada n'um papel e que se vestia com uma sobra de fazenda qualquer, deixou de existir como brinquedo de meninas da boa sociedade.

As bonecas hoje têm as suas casas, os seus pequenos moveis de sandalo ou de pau rosa, uma cama imperial coberta por um cortinado de setim azul, um salão, uma casa de jantar e um gabinetinho de toilette com todos os seus accessorios microscopicos, escôvas, esponjas, pentes, sabões, potes de cosmetico e frascos de perfumaria. Os armarios e as commodas são verdadeiras commodas e verdadeiros armarios, com o enxoval completo, com toda a toilette da boneca: as meias de seda, as luvas, as rendas, as botinas de passeio e os sapatos de baile, camisas de batiste bordada para de dia, camisas de *foulard* para dormir, segundo o corte inventado por Grévin; uma ou duas duzias de vestidos todos de setim ou de velludo, guarnecidos de *malines* ou de *point-d'Alençon*, decotados ou subidos, com os seus paletots ou os seus manteletes respectivos, os chapéos a dizerem, os leques, as sombrinhas e os *manchons*... Oh! quanto estamos longe da boneca de que fala Michelet e que as creanças faziam antiga-

mente ajudadas por suas mães, com um tapulho de panno branco em que se punham dois olhos de contas azues, a que se bordava uma bôcca com linha vermelha de marca, e a que se cosia uma cabelleira de retroz!

A boneca antiga era uma eschola de pequenas mães; a de hoje é um manual de pequenas cocottes. Com a boneca apprendia-se então a vestir e a embalar os filhos; com a boneca aprende-se hoje a arruinar os maridos. Os lindos anjinhos de narizinhos côr de rosa e de moita de cabello louro frisado na testa, vestidos á ingleza com as suas tunicas estreitas e curtas, em largos machos de flanela ou de cheviot, que eu andei a vêr esta manhã por casa do Seixas, por casa de Elie Bénard, no *Centro Commercial* e no *Armazem de Berlim*, em bicos de pés aos mostradores, apontando com os seus dedinhos papudos para os bonitos em exposição, parecem-me bastante espertos para aprenderem depressa estas *licções de cousas*—unicas que por emquanto ministra á infancia a pedagogia portugueza. Amiguinhas queridas! eu vos abençoô do fundo da minha alma e só uma cousa vos peço: piedadesita quando fordes crescidas para os meus netos, se elles chegarem a grandes!

O *Diario de Noticias*, que é o grande espelho da vida burgueza em Lisboa, traz hoje cêrca de 80 an-

nuncios de brindes para o Natal. Ha-os n'esta collecção de todas as especies: joias, bonecos, livros, chromolithographias inglezas, flôres, perfumarias, faianças, charutos da Havana, etc. Mas o que predomina é a comida. Todas as especialidades culinarias se annunciam em grandes doses: os paios de Castello de Vide, os presuntos de Melgaço, os vinhos da Fuseta e de Borba, as arrufadas de Coimbra, os biscoutos de Oeiras, as queijadas de Cintra, a marmelada de Odivellas, os mexilhões de Aveiro, as fructas sêccas de Elvas e de Setubal, o pão de ló de Margaride, o massapão da Hispanha, o caviar da Russia, a mortadella da Italia, as *pralines* e os *marrons glacés* de Paris, o salmão da Escocia, a *choucroute* da Allemanha, as enxovas da Suecia, o curaço e os arenques da Hollanda. Dir-se-hia que uma indigestão nacional se prepara e que o estomago de Lisboa vae rebentar de fartura amanhã.

Do meio da grande orchestração pantagruelica dos annuncios gastronomicos do *Diario de Noticias* destacam-se todavia como notas agudas de pifanos desafinados, vozes soluçantes de uma meia duzia de annunciantes, aos quaes parece faltar um pouco o appetite. Um d'elles, por exemplo, exprime-se nos seguintes termos: «Dolorosa recordação! Foi no dia de hoje que a fouce implacavel da morte cortou os

dias a Maria José... É triste e horrível... A religião christã tem para estes transe afflictivos a resignação. Oremos por ella!» Armado da competente resignação que o christianismo lhe ministra é ainda possível que esse anonymo, depois de se haver lançado no seio da prece, acabe por se lançar ao do Perú.

Parece-me mais critica a situação de um outro que logo abaixo, na mesma columna, declara que está doente, que tem quatro filhos e que carece de um bocado de pão para os alimentar. Este dá o nome e a morada.

Duas columnas adiante figuram os casos de uma mulher tísica em ultimo gráu; o de um homem com uma lesão de coração, paralytico e hydropico, e o de um rapaz aleijado coberto de escrophulas abertas. Nenhum d'elles tem de comer. Pedem-se esmolas. Mas é-lhes dada ao menos essa esperança e esse desafogo:— annunciam-se.

Não, decididamente, os mais lastimaveis de todos os infelizes são os pequenos pobres que têm ainda um resto de saude onde levar pancada e não têm jornal a que enxugar as lágrimas a vintem por linha.

Ainda esta manhã eu encontrei uma d'essas creanças de quem preciso falar-lhes. Vou queixar-me por ella.

Vi-a na rua Formosa ás 3 horas da tarde. Era uma rapariga de nove a dez annos, magra, pallida, bôcca murcha, um vestidinho de alpaca preta, muito justo, curto de mais, descobrindo quasi até ao joelho umas pernas delgadas, sem feitio, como dois cabos de vassoura enfiados n'umas meias de algodão branco em pregas, e nos canos de umas botinas velhas e tristes, de couro sem graxa. O cabello, sêcco e baço, arripiado e penteado para dentro de um pequeno chapéo desbotado, seguro por um elastico á cabeça em que não servia. Suspensa da mão, uma trouxinha segura pelas pontas de um lenço, apertadas em nó. Ao lado caminhava com ella, balançando-se compassadamente para a direita e para a esquerda, uma mulher de quarenta annos, feia e presumida, com pó de arroz na cara, um chapéo em forma de bonnet de prato, de velludilho, com pluma, um vestido de guarnições avivadas de magenta, e uma franja de cabellos torcidos a ferro, duros como aparas de pau preto, cahindo na testa.

Precisamente no momento em que eu me approximava, o pacote que a rapariga trazia na mão, cahiu na calçada com um estrepito semelhante ao de um grance ôvo de louça esborrachado no chão. As duas pararam.

A rapariga, com os pulsos descarnados, sobressahindo muito das mangas, as mãos, vermelhas do frio,

apertadas uma na outra junto do queixo trémulo, os cotovellos muito cingidos ao corpo, olhou para a mulher com a expressão angustiada de uma catastrophe suprema... A tragedia com dez annos de idade!

A mulher tirou uma das mãos de dentro do regalo de pelle côr de castanha, forrado de seda encarnada, olhou para mim, procurou reprimir-se, e com os dentes cerrados:

—Em casa, minha menina! em casa falaremos!

—Juro que não foi por querer... Não foi por querer!... — disse a rapariga trémula e convicta.

—Cale a bôcca, ou rebento-a aqui mesmo... sua besta!

E as odiosas farripas da grande tremiam-lhe de colera sobre o osso da testa.

Eu tinha continuado o meu caminho para o Calhariz; ellas iam na direcção opposta, para o lado da Patriarchal. A physionomia desgraçada e lacrimosa d'aquella pobre pequena começou a atormentar-me, como o remorso de um crime em que eu era cúmplice. Voltei para traz, pensando em pedir compaixão á mulher das farripas. E a lembrança d'essa creatura detestavel, tão réles, tão chinfrim, de uma expressão tão implacavel no seu odio, enchia-me de um rancor enorme por ella, de uma piedade profunda pela rapariga. Convencel-a-hei de que lhe não to-

que—pensava eu. E coordenava palavras de brandura para lhe dirigir, não me occorrendo todavia senão um unico movimento oratorio, demosthenico talvez de mais:—o de a elevar á comprehensão da justiça suspendendo-a pelas orelhas, que eu me lembrava de ter visto destacadas de cada lado das farripas por baixo do bonnet de velludilho posto á banda.

Corri toda a rua. A mulher e a rapariga tinham desaparecido. Procurei informar-me. Um aguadeiro tinha-as visto passar um momento antes á esquina da rua do Arco. Não pude saber para onde tinham ido.

Á hora a que lhes escrevo, aquella rapariga magra, de beiços descorados, de pernas esqueleticas, mettendo os pés um pouco para dentro, tirou o chapéo, tirou o chalinho em que ia embrulhada, levou talvez já uma duzia de palmatoadas em cada uma das suas mãos com frieiras, e ainda ha de levar mais com uma escôva pelos braços, pelas costas e pela cabeça, se fôr tão brutá que continue a dizer que não foi por querer que deixou cahir o embrulho, escacando tudo o que ia dentro, na rua Formosa.

Resigna-te, pobre martyr! Tu és a ave triste que nasceu no ruim ninho. Como tu, ha centenas de creanças que passarão a chorar, fechadas em casa, o dia de hoje, em que uma larga vibração de festa

e de banquete palpita no ar, envôlta com a alegria do sol, impregnada no perfume das violetas e dos jasmims em *corbeille* nas casas de jantar. Tu és a filha legitima d'esta mãe descaroadada e estúpida que se chama Lisboa, e que nunca jámais, nem uma só vez na sua vida, pensou por um momento sequer em dar uma pouca de alegria ás suas creanças.

Todas as grandes cidades da Europa, Paris, Londres, Vienna, Berlim, Bruxellas, estão cheias de divertimentos publicos infantis. Lisboa não tem um unico d'esses espectaculos em que o publico apprende a respeitar os direitos da infancia á participação dos prazeres do povo.

A *Arvore do Natal*, recentemente importada dos costumes estrangeiros, é uma especulação do commercio; não é ainda um uso da familia.

Nos paizes do norte, nas pequenas nações amovaveis, como a Hollanda e a Belgica, as festas das creanças, em que as pessoas adultas se lhes sacrificam inteiramente, repetem-se várias vezes no anno.

Nada mais commovente nem mais poetico do que a festa da Paschoa na Hollanda, em que toda a gente troca entre si o bôlo paschal, emquanto os velhos com os seus netos pela mão, de manhã cedo, procuram nos jardins, por entre os jacinthos, os alecrins e as tulipas, os ovos cozidos, cobertos de desenhos que a lebre da lenda deveria ter vindo

pôr durante a noite nos canteiros floridos e orvalhados!

Além da Paschoa e do Natal, ha ainda, a 6 de dezembro, a festa de S. Nicolau, o grande e sympathico padroeiro dos meninos.

No dia 5, todas as creanças escrevem ao santo pedidos de brinquedos, n'essas bellas cartas de letra bastarda, em que os signatarios empregam toda a força e toda a tinta de que podem dispôr. Esta correspondencia, mettida dentro dos sapatos dos supplicantes, é collocada na chaminé, onde o santo deve vir lê-la e despachal-a durante a noite. Na madrugada do dia 6, os peticionarios vão em camisa visitar a chaminé, onde se acham os bonecos enviados pelo santo, juntamente com as suas cartas de resposta, algumas verberantes e terriveis, quasi de descompostura, aos pequenos máus, promettendo-lhes açoitos, em vez de brinquedos, para o S. Nicolau seguinte, se elles até lá não reformarem a sua conducta de procedimento, no sentido das prescrições que de viva voz lhes serão feitas pela mamã.

Em algumas familias S. Nicolau vem pessoalmente responder aos meninos, e para essa solemnidade se convidam as creanças de todos os parentes e de todos os amigos a comparecerem n'uma reunião magna.

O santo vem de noite, e a sala da casa em que

elle resolve dar audiencia, distingue-se das outras pela profusão de luzes accesas por sua ordem. É de ordinario a casa de jantar, onde as creanças esperam.

As cousas estão devidamente preparadas no bastidor para esse grande espectaculo. Um papá de boa vontade encarrega-se do papel do santo, e veste-se e caracteriza-se condignamente para esse fim, com umas grandes barbas brancas, os indispensaveis oculos, a respectiva mitra, a grande capa rica feita de uma colcha ornada de bellas estrellas de papel dourado, e o baculo do pau da vassoura todo coberto de topes e de laços de fita. Um tio faz de Hauscrouff, o fiel creado do santo, incumbido de trazer o grande cesto das dadivas. Um outro parente faz de burro, porque em todas as lendas dos bispos santos na Flandres e na Hollanda ha sempre um jumento obrigatorio e complementar.

A chegada do santo é annunciada da escada pelo ornejar do burro, a pedir vinho quente com asucar e cannela, no patamar.

Depois ouve-se o bater do baculo nos degraus e no corredor, até que o santo, seguido de Hauscrouff, apparece imponente e majestatico. As creanças escutam-o, e elle, apoiado ao baculo, com uma das mãos extendida, bota fala.

Esse discurso é uma especie de revista dos suc-

cessos infantis do anno, em que os espectadores vêem passar successivamente a relação dos seus feitos varios, acompanhados dos respectivos commentarios, nos quaes o santo se permite jogar algumas biscoas a determinados membros da assembléa. Depois do que, se passa á distribuição dos brinquedos, debaixo de uma grande chuva de rebuçadões e de pastilhas.

Terminada a cerimonia, S. Nicolau usa pela ultima vez da palavra, dirigindo-se ao auditorio, pouco mais ou menos pelos seguintes termos :

«Minhas pequenas senhoras! meus pequenos senhores! Tem encarecido muito as cousas no paraizo durante os ultimos annos. Os generos de primeira necessidade estão pela hora da morte. O preço do maná tem dobrado pés com cabeça. As rendas de casa das estrellas têm subido muito, e ainda o outro dia, conversando sobre este assumpto com o meu compadre e amigo S. Pedro, porteiro, elle me contava que se não tem hoje uma pequena aguafurtada senão pelo dobro do preço por que antigamente se alugava um bom primeiro andar na via Lactea. A mão de obra das azas dos seraphins tem encarecido na mesma proporção, e ha santas, boas ménagères, que têm despedido muitos cherubins das suas peanhas, por não os poderem sustentar, ficando apenas com um anjo para todo o serviço ou

tomando um cherubim a dias. O mafarrico, com quem me encontrei ha dias n'uma excursão de recreio, referiu-me que as cousas não corriam melhor no Averno. Têm allí affluído nos ultimos annos muitos banhistas de enxofre. O numero das almas em tratamento sulfureo é enorme, e gasta-se immenso combustivel, o que tem feito encarecer tudo. Accrescentou o mafarrico, que só na verba cabelleireiro gastava elle hoje dez vezes o que gastava d'antes para lhe pentearem o rabo e para lhe frisarem os chavelhos, aos sabbados. De modo que, meus pequenos senhores e minhas pequenas senhoras, não é só n'este mundo que é preciso economia; ella é indispensavel em toda a parte. Para o fim de responder liberalmente ás cartas que vós hontem me dirigistes, e que eu opportunamente mandei buscar aos vossos sapatos pelo meu escudeiro Hauscrouff, que ora vêdes presente n'este recinto, eu gastei todos os meus bens da mitra, e ainda está uma boneca — essa maior — que ficou na conta para ser paga em prestações ao mez. De forma que, emquanto vós ides brincar alegres e satisfeitos com os bonitos que vos trouxe, uma grande infinidade de meninos se acham por esse mundo a chorar, por não terem brinquedos nenhuns. Peço-vos pois que, para fazer d'este dia dos meus annos um dia de alegria completa e geral, me deis todos os vossos bonitos velhos, afim de que eu

presenteie com elles as creançinhas menos felizes, que não podem ter como vós bonitos novos. Hauscrouff! approximaie o cesto!»

E as creanças, orgulhosas e satisfeitas em poderem retribuir favor por favor as bondades de S. Nicolau, mettem no grande cesto do escudeiro Hauscrouff todos os brinquedos antigos que se podem encontrar.

Uma grande commissão de mamans é incumbida, nos dias seguintes, de distribuir equitativamente esses presentes por todos os pequenitos pobres, que S. Nicolau não visitou, pela razão de não haver em casa d'elles bastantes velas para accender a um tão illustre pontifice.

Ora, eu não sou tão excessivamente exigente que pretenda que se invente um S. Nicolau e um escudeiro Hauscrouff nas sociedades em que elles não existem. Mas que diabo!—se não ha por toda a parte um bom velho bispo, carinhoso e amavel, que vem de noite, sob as geadas de dezembro, pôr bonecos e beijos sobre os adoraveis sapatinhos papudos que as creanças foram de vespera, com os pés nus, collocar ao pé da borrarheira; se não ha por toda a parte um escudeiro fiel, que siga o bispo, carregado com um gigo e com um alforge de dadas:—ha em toda a parte, pelo menos, um asno guloso de vinho quente com mel, que orneje nos pa-

tamares das casas, e ha senhoras caridosas que poderiam, uma vez por anno pelo menos, fazer uma festa geral de bôlos e de bonecos aos miseraveis pequeninos tristes que choram no dia de Natal.

Pois bem! é a essas senhoras, e é a esse asno — todos benemeritos — que eu recommendo as duas creaturas que encontrei hoje pela manhã na rua Formosa: ás senhoras, a mais pequena, para que a consolem, para que a livrem de levar mais pancadas, e para que lhe dêem uma caixa de bonitos; ao asno, a maior — para que lhe zurre ás orelhas, e lhe dê coices.

XV

Parabens cordeaes ao clero portuguez pela elevação ao cardinalato de um dos seus membros, o sr. D. Americo, bispo do Porto. Regosija-nos desasombroadamente que se proporcionasse ao clero esta occasião de jubilo, a qual não é para nós um motivo de tristeza. A creação de um cardeal significa para suas reverendissimas uma grande dadiva; pois, não obstante, ella não representa para nós outros uma enorme perda!

O que é de facto, leigamente, civilmente, experimentalmente, um cardeal?

Conhecem a celebre definição de caranguejo, segundo o dictionario de Moraes — *Peixinho vermelho que anda ás arrecuas?*

Tal é o cardeal, cuja definição, por equivoco lexicographico, Moraes attribuiu ao caranguejo.

O cardeal é peixe pelo mutismo, porque o cardeal não fala ou fala em latim — o que é um modo erudito de estar calado.

O cardeal anda ás arrecuas porque, seguindo á risca a letra dos dogmas em direcção opposta ás demonstrações da sciencia, o cardeal não cessa de andar para traz na proporção da distancia em que o espirito humano vae caminhando para deante.

O cardeal, finalmente, é vermelho, tão vermelho como o caranguejo, posto que em condições menos árduas, porque o cardeal é vermelho em cru, ao passo que o caranguejo só avermelha cozido.

O sentido symbolico da côr da purpura e da malagueta nas vestes cardinalicias foi ainda ha pouco definido em França pelo cardeal que disse ao presidente da Republica: «Esta purpura recorda-me a extensão do meu dever: *usque ad effusionem sanguinis.*» — O que levou Vacquerie a perguntar se suas eminencias julgam que se lhes quer cortar a ca-

beça unicamente pelo facto de se lhes dar o chapéo! Quando a verdade é que ninguem solicita o sangue dos cardeaes, ninguem lhes quer tirar a vida; no que pensam alguns philosophos é unicamente em não lhes dar a bolsa. Mais nada.

Duas compactas e substanciosas columnas do *Diario de Noticias* nos explicam como se ministra a purpura a um cardeal, impondo-lhe o barrete em vez de lhe impor a fervura, como é praxe com o caranguejo.

Quatro coches da casa real foram postos á disposição do sr. D. Americo. Um d'esses coches era tirado por oito mulas, os outros tres por seis cada um: ao todo vinte e seis mulas com as suas competentes gualdrapas de gala, para levarem o sujeito desde a Patriarchal Queimada até o Paço da Ajuda.

A Jesus Christo, segundo S. Matheus, para ir de Bethphagé, no Monte das Oliveiras, até Jerusalem, bastou-lhe uma burrinha.

Poderoso argumento contra a efficacia do gado muar no prestigio da-idéa christã: Deante da jumenta de Jesus — uma pobre e emmagrecida jumenta mãe, com o seu burrinho ao lado — as multidões inclinavam-se com reverencia, tapetavam o caminho com os vestidos que tiravam do corpo, juncavam de palmas as escabrosidades do solo e diziam: «É Jesus

de Nazareth na Galiléa. Abençoado e glorificado elle seja nas alturas!»

No trajecto das mulas encarregadas de puxarem pelos destinos triumphaes do sr. D. Americo, os paletots dos filhos de Sião não alcatifaram o árido macadam do Aterro; os ramos da oliveira e do lilaz em flôr, as braçadas do rosmaninho e do trêvo também não floriram nem aromatisaram o caneiro de Alcantara, e nem sequer esteve juncada a Junqueira! Apenas alguns archeiros — obra de tantos quantas as mulas — gatos-pingados da grande gala, suando em bica sob o pêso dos chapéos armados, empoeirados como almocreves, brejeiraes, malandrosos, rogando pragas aos sapatos justos do grande uniforme, acompanhavam a pé cochinho o triumpho chouteiro do neto de David, por afinidade.

E dentro da berlinda de D. João V, monumental e lugubre como eça de defuncto rico, o principe propheta atravessou Jerusalem indifferente e silenciosa, envôlto na poeira levantada pelos vinte e seis quadrupedes, picado pelas môscas concomitantes, grave, recolhido, — talvez com enxaqueca, quem sabe se com dôr de figado! — cabeceando compassadamente, como nos rithmos da prece, pelos solavancos da alterosa carrimonia sacudida pelas depressões do solo ou pelas saliencias rectilineas dos carris americanos.

Chegado á Ajuda e penetrando no templo, sua eminencia não azorragou os vendilhões. Considerando que tinha sobre Jesus a vantagem de cavalgadas a mais, o principe da Egreja procurou modestamente neutralisar esta superioridade com açoi-tes a menos, e levantando os dedos benignos sobre a côrte, sobre o corpo diplomatico, sobre as deputações das duas camaras, sobre os grandes do reino, sobre os officiaes-móres, sobre o capitão da real guarda e sobre o conde mestre-sala, sua eminencia lançou uma benção geral e plenaria aos sacrificadores, aos escribas, aos pretores e aos traficantes.

Depois, tendo-se ouvido missa, o novo cardeal ajoelhou aos pés de el-rei, recebeu de suas reaes mãos o barrete encarnado, e fez-lhe uma mesura. Em seguida, proferido pelo ablegado apostolico um discurso em latim, que a côrte, a diplomacia e as deputações dos corpos legislativos fingiram entender com illimitada penetração, trocadas entre sua majestade e sua eminencia várias medidas, trocadas tambem (diz o programma § 16.^o) *breves palabras*, como fôsem por exemplo:— *Tu! Eu! Ah! Nu! Nó! Miau! Péu!*—as vinte e seis mulas e a obra de outros tantos archeiros apoderaram-se outra vez do sr. D. Americo e, pela mesma ordem por que o tinham trazido, tornaram-o a levar.

Bem hajam todos, — rei, nobreza, diplomacia, clero, archeiros e gado luar!

XVI

Agora invocamos a protecção dos anjos para que, com sua assistencia, passemos a narrar em resumido discurso e em florida linguagem, propria da alteza do assumpto, como foi que o milagre se deu no povo de Carnaxide.

Era por uma formosa tarde do cálido mez de agosto. O astro do dia se inclinava ao occaso, onde o oceano parecia attrahil-o com as argentadas prêsas de suas ondas. Sobre a verde alfombra alvos cordeiros, conduzidos pelos zagaes, pasciam as tenras hervas, ao passo que no umbroso bosque o bando alado entoava os louvores do Eterno em dôces e bem concertados gorgeios.

Debaixo de uma virente faia achavam-se alguns camponezes dando alento ao fatigado corpo e discreateando em ameno convivio ácêrca de seus bucolicos labores, e bem assim da vida e prendas de

Santa Rosa de Lima por ser esse o milagroso dia de tão prodigiosa santa.

Eis senão quando, volvendo os olhos, como que tocados por um presentimento divino, para o lado em que se acha a igreja parochial de Carnaxide, viram os dictos camponezes aproximar-se um vulto em tudo majestoso acima do narravel.

Com a mão direita se apoiava esse vulto a um bordão de peregrino, enquanto que com a mão esquerda ora comprimia a fronte pensativa coroada de um pastoril chapéo de palha, ora fazia um gesto cortez para o horisonte como que convidando o mesmo vulto a proseguir na senda da vida em direcção á faia virente.

Conjecturaram os camponezes que fôsse S. Basilio Magno, S. Pedro Nolasco, ou S. Praxedes, e logo viram que não era Santo Antão—por não ter porco ao lado.

Junto da faia, aquelle que os camponezes haviam tomado de longe por Praxedes, collocou a mão sobre o coração e arremettendo com a fronte para as nuvens, exclamou :

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena !

Era s. ex.^a o sr. Thomaz Ribeiro, ministro da poesia lyrica e dos negocios do reino.

Ao reconhecê-lo, os camponeses cahiram em giolhos.

— Guarde-vos Deus, bons rusticos! — disse s. ex.^a accommodando o estylo á rude e acanhada comprehensão do auditorio. — E que a senhora Santa Rosa de Lima, que é hoje seu dia, vos tenha de sua bem-dita mão!

E em seguida, descriminando a um por um os individuos no grupo campesino a que nos referimos, s. ex.^a proseguiu continuando a exprimir-se em prosa:

— Que fizestes do vosso cordeiro favorito, ó Tityro? — Trazeis comvosco a vossa avena, Melibeu? — Onde a vossa pastora Anarda, amigo Silvano?

Todos os camponeses se acercaram então de s. ex.^a, ficando suspensos da facundia de seu labio, pois nunca jamais, nem na freguezia de Carnaxide nem em duas léguas em redondo, se ouvira tanta gentileza e amenidade de linguagem como a que sahia em jorros da bôcca d'esse portentoso homem de penna e de governação.

Felizes e velozes devolviam as horas em pratica tão discreta quão matizada de pierios primores, quando s. ex.^a, alongando a destra n'um brando meneio para o pendor da collina, perguntou:

— Que vetustas ruinas são aquellas que além descortino alvejando na quebrada da serra?

E, como houvesse em resposta que essas ruínas eram a antiga igreja de Nossa Senhora Aparecida:

— Corramos prestes ao templo!—bradou s. ex.^a Dirijamo'-nos pressurosos a elevar nossas preces e a depôr nossas modestas offerendas no altar d'essa Virgem Senhora Nossa, que tão galhardamente denominaes *Aparecida!* Vinde, Silvano! Vinde Melibeu! Tityro, Aleixo, Frondelio, Belmiro e Castalio! Vinde todos, ó pegureiros! Eia... Ao templo! ao templo!...

Os pastores, então, plangentes e lacrimosos, applicaram, voz em grita, que Nossa Senhora Aparecida de longo tempo desapparecera. Mão impia de infames governos despoticos a arrebatara de seu templo de Carnaxide para a transportar para a Sé no meio da indignação geral dos povos e das patronas minazes da real milicia. De sorte que, já no tempo em que o feroz usurpador do throno de Lysia se apegara com a Senhora Aparecida para sarar da perna que quebrou ao ir a quatro sôltas de Queluz para Cacilhas, no logar do Moinho de Cavallinhos, cantavam os cegos na via publica:

D. Miguel foi á Sé,
Sentou-se n'uma cadeira,
E disse para os malhados:
Esta perna está inteira!

Ao ouvir taes vozes, já sôltas, já metrificadas, s. ex.^a extrahiu a lyra que trazia ao tiracollo em um sacco, juntamente com a pasta da publica governação, e sobre o mavioso instrumento jurou que antes que a casta Phebe voltasse por seis vezes a sorrir do céo ao terno Endymion, ou—por outra—que dentro de seis mezes contados, a milagrosa imagem de Nossa Senhora Aparecida volveria da Sé a Carnaxide, reaparecendo pela segunda vez aos povos em todo o esplendor do seu excelso vulto.

Vendo os camponezes que por meio de um tão manifesto e prodigioso milagre assim lhes era restituída sua Senhora, outra vez cahiram submissos em giolhos.

E foi só depois de s. ex.^a se haver retirado pela mesma vereda por onde viera; foi depois de lhe terem ouvido ao longe e pela derradeira vez repetir aos montes e ás hervinhas :

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena !

que os camponezes, reunidos em honesto convívio sob a faia, regressaram a suas pousadas, tangendo alegres tibias e entoando lôas festivaes em honra d'aquelle que tão grande capricho punha em lhes restituir a Senhora Aparecida quão grande era a

pena que alimentava em seus carmes de nunca ter visto Lisboa.

Gloria pois a s. ex.^a!

XVII

Na sexta-feira ultima, por occasião do trajecto da procissão do Senhor dos Passos, dois sujeitos mal encarados, postados em evidencia a uma esquina, conservaram na cabeça os seus chapéos durante a passagem do andor.

Estes dois phariseus pretendiam não conhecer como Passos mais que dois unicos senhores: o Passos Manuel e o Passos José. Emquanto ao da Graça diziam com teimosia revoltante não lhe terem sido apresentados.

O publico catholico notou o facto, e tripudiou de alegria.

Evidentemente, desde que na cidade toda se encontravam apenas dois sujeitos que não são devotos do Senhor dos Passos, a religião não podia ter mais eloquente nem mais expressiva *réclame*. Alguem chegou mesmo a suppor que os dois herejes haviam

sido assalariados pela irmandade da Graça, para representarem tal papel, e que elles não eram no fundo senão dois anjos da procissão, disfarçados de ímpios, com chapéos de philosophos aparafusados á molleira.

Eis senão quando o sr. Arrobas, que parece apostado a estragar tudo quanto seja combinação bem feita, intervem com o seu habitual ardor, agarra os dois anjos, e prega-lhes com os chapéos, com as azas e com o resto dos bustos na cadeia.

De sorte que, para o anno, quando a irmandade quizer um fiel para fazer de ímpio, não o encontrará. Por grande que seja o fervor da crença, ninguem estará mais para se sacrificar pelas sagradas imagens até o ponto de ir por causa d'ellas malhar com o zêlo ao fundo de uma enxovia.

E que succederá então? Succederá que quando a procissão tornar a passar, os atheus dirão com sorrisos infernaes:

— Todo esse povo de cabeça descoberta e de dorso inclinado é um povo de indifferentes, que perdeu inteiramente o medo ao diabo, e tira apenas o chapéu com medo ao Arrobas.

E a irmandade, não tendo nem um só ímpio de chapéu na cabeça para refutar o sophisma, ficará com cara de tóla perante esse argumento satânico, mas commovente.

XVIII

Cousa curiosa: parece que se estava á espera de que por meio do centenario do marquez de Pombal se celebrasse solemnemente o facto da expulsão dos jesuitas, para se vir a demonstrar que os jesuitas continuam a persistir no gremio da sociedade portugueza!

Emquanto as associações liberaes de Lisboa e do Porto punham em scena pomposamente a apothese do anniquilador da companhia de Jesus, os padres de Braga iam com uma longa procissão de devotos de um e de outro sexo, rezando a novena e cantando o bemdito, em romagem beata ao monte Sameiro. Esta romagem destina-se a interceder junto da Virgem Maria para que ella obtenha o perdão dos réprobos que ousam celebrar tão festiva quão impiamente a supposta ruina dos mais gloriosos e pujantes defensores da Santa Madre Igreja.

No Porto um jornal intitulado *A Palavra* aggride furiosamente, em nome da religião, os promotores do centenario pombalino, e por meio de varios lati-

norios, de muitos erros de grammatica e de bravissimas descomposturas, sustenta os direitos da Igreja infallivel e triumphante sobre os desmandos e os abusos da liberdade secular pervertida e ébria.

Em Madrid, o professor publico Simões Raposo, representante de Portugal no congresso pedagogico recentemente reunido na capital de Hispanha, defende abertamente a irrescindivel alliança da religião com a instrucção publica, o que equivale á sujeição do ensino á direcção e á auctoridade reconhecida do clero.

Em Lisboa reune-se na igreja do antigo palacio dos marquezes de Castello Melhor um congresso catholico, assistido de varios ecclesiasticos e de innumeras senhoras, tendo por fim fortalecer as antigas instituições religiosas contra os ataques da moderna rebeldia philosophica.

Em tórno d'esses factos consignados nos noticia-rios de todos os periodicos borboleteiam outras pequenas revelações interessantes.

Assim, vimos no conhecimento de que os jesuitas, além dos hospicios e das escholas que dirigem em Lisboa, em S. Luiz dos Francezes, ahí para os lados de Marvilla, e em Campolide, possuem ainda no Porto a bella quinta e o palacete das Aguas Fereas, antiga propriedade do fallecido visconde de Veiros; a Quinta Amarella na Arca d'Agua, velha

estrada de Braga; um internato no antigo convento da Formiga em Aguas Santas; outro no palacio das Sereias na rua da Bandeirinha; outro na rua dos Martyres da Liberdade. Têm ainda escholas abertas em varios outros logares.

Os membros do congresso catholico de Lisboa, depois de terem solicitado e recebido de sua santidade o papa Leão XIII a competente benção apostolica, lançaram nas suas actas, ao lado da consi-gnação do divino Espirito Santo como pessoa presente a este concilio, os votos mais ardentes para que se obtenha do governo a reconstituição das ordens religiosas e para que se funde uma universidade catholica.

Esta ultima deliberação penetra-me da mais inexplimivel surpresa.

Ao mesmo tempo a que o congresso academico acaba de expor a necessidade de crear uma universidade livre, vem o congresso catholico e pede á côrte celeste uma universidade catholica!

De que especie entendem então estes dois congressos que é a universidade de Coimbra? Se ella não é livre nem é catholica, em que assentam os congressistas que ella seja? Devemos tel-a por brahmane, por budhista ou por mahometana?

O que parece, enquanto não tivermos a este respeito algumas explicações, é que essa pobre univer-

sidade, estabelecida dentro das leis vigentes, não é no fundo cousa nenhuma, por isso que como catholica não satisfaz os fieis, e como irreligiosa não satisfaz os philosophos.

Particularidade interessante: o congresso catholico ao mesmo passo que pretende desligar-se do Estado para fundar o ensino, pede ao Estado a sua intervenção para que a força publica faça respeitar os sacerdotes os quaes, segundo aquelle mesmo congresso, são apupados nas ruas de Lisboa sempre que apparecem a publico em vestes ecclesiasticas.

Mas — ó Deus misericordioso! — se o catholicismo lisbonense não tem auctoridade moral para se fazer respeitar do publico no meio da rua, onde a ha de elle ir buscar para se fazer acatar dos alumnos no estabelecimento de instrucção que deseja fundar? Se basta agora que uma batina appareça para que os garotos assobiem, sem que a batina se metta com os garotos, o que é que virá a succeder quando a batina puzer em si o badalo da cabra para chamar á licção, e, com uma férula debaixo da manga, principiar a perguntar aos garotos pelo *servus servi* ou pelo *hic-haec-hoc*?

Tenho medo de que não haja força que chegue para manter o respeito devido ao clero, desde que, abrindo estas escholas publicas, o governo tenha de

mandar pôr dois policias ao lado de cada escholar, para o fim de cohibir nas aulas a troça de que o clero diz ser agora objecto na rua.

Da solicitude que o governo empregará n'esse melindroso serviço não duvido um instante, porque para os effeitos da policia catholica os poderes publicos estão-se mostrando ainda mais padres que os proprios padres.

Ha dias na camara dos deputados uma proposta para que se lançasse na acta um voto de sentimento pela morte de Garibaldi, o representante do anticlericalismo na Europa latina, foi rejeitada *in limine* por toda a maioria parlamentar.

Nos tribunaes acabam de ser condemnados a dois mezes de cadeia os individuos que por occasião de uma das ultimas procissões não tiraram o chapéo ao Senhor dos Passos da Graça.

Os tribunaes consideraram este caso incurso nas disposições do Codigo Penal, artigo 130. N'este artigo se expõe que é punivel a falta de respeito á religião do reino, definindo-se os factos que se podem considerar irrespeitosos, a saber: injuria publica; propagação de doutrinas contrarias aos dogmas; proselytismo para conversão a religião differente; e celebração de actos publicos de um culto que não seja o da religião catholica.

É evidente que em nenhum d'esses casos se pode

considerar o facto de não tirar o chapéo ao Senhor dos Passos.

O Senhor dos Passos não é um personagem deante de quem a gente se descubra para lhe perguntar como passou. O acto de tirar o chapéo a uma imagem sagrada não é um acto de civilidade, como o que se pratica entre dois cavalheiros que se conhecem; é um acto de culto. Tirarmos os nossos chapéos nos actos religiosos, assim como em identicas circumstancias os judeus põem os seus na cabeça, e assim como os mahometanos descalçam as chinelas para entrar no templo, é um facto liturgico.

Ora não é licito condemnar um cidadão porque elle deixa simplesmente de praticar os actos cultuaes da religião catholica, desde que a carta constitucional nos mantem a liberdade da consciencia no artigo em que diz: *Ninguem pode ser perseguido por motivos de religião.*

Se porém o ministerio publico entende que o facto de tirar o chapéo ao Senhor dos Passos não é um acto de culto, mas sim um acto de civilidade, n'esse caso pergunto qual é a disposição legislativa que auctorisa os juizes a metter na cadeia as pessoas mal educadas?

Desde quando é que o *codigo do bom tom* ou a *civilidade honesta não pueril*, principiaram a fazer parte da legislação fundamental do paiz?

De qualquer modo que o consideremos, o precedente que acabamos de vêr estabelecido pela condemnação dos individuos que não tiraram o chapéo ao Senhor dos Passos, pode levar-nos muito longe.

Se é uma infracção de culto o acto que aquelles sujeitos praticaram por occasião de não praticarem acto nenhum quando passou por elles a procissão dos Passos, qualquer outro pode ser amanhã preso, absolutamente com os mesmos fundamentos, por se não confessar, por não ouvir missa, por se não benzer ao *Ite missa est*, ou por não bater no peito ao tocar a *Sanctus*.

Se é uma infracção da civilidade o delicto committido pelos condemnados, teremos então de mandar alargar as prisões para receberem lá todos os réos de attentados analgos contra os preceitos da cortezia: os que coçam a cabeça, os que mettem os dedos no nariz e os que se assoam com fragor, — grosserias previstas nos compendios de civilidade de João Felix Pereira e de outros.

Nos tribunaes do Porto é condemnado ao maximo da multa e ao pagamento das custas do processo um pobre operario, cfficial de officio, accusado de haver inscripto no registo civil o nascimento de um filho um mez depois de haver nascido a creança.

O regulamento do registo civil prescreve o termo de um mez para a inscripção dos nascimentos, o que

é um indicio da má vontade dos regulamentadores, por isso que tal restricção não existe para os baptisados; mas o juiz e o delegado aggravaram consideravelmente o rigor do regulamento, condemnando a parte no maximo da pena e cobrindo-a de asperas reprehensões por haver levado o recém-nascido, seu filho, á repartição civil, em vez de o clarificar simplesmente na pia baptismal da respectiva parochia.

Não é porém unicamente nas regiões officiaes, e nas egrejas que vemos manifestos estes symptomas de reacção ao movimento das idéas liberaes.

O voto de sentimento pela morte de Garibaldi, por exemplo, não encontrou sómente a opposição da camara dos deputados. No congresso das associações houve tambem um voto de rejeição para uma proposta identica. Esse voto foi do sr. Fernando Pedroso, vice-presidente da associação dos escriptores publicos!

Eu não sou dos que têm por Garibaldi um fanatismo cego. Sou pelo contrario dos primeiros a reconhecer as suas imperfeições e as suas fraquezas de aventureiro e de soldado. A posteridade não incluirá talvez o seu nome entre o dos homens verdadeiramente grandes que pela acção do seu espirito contribuíram mais particularmente para os progressos do mundo n'este seculo. Pela sua bravura porém, pelo seu immenso desprezo da vida e da fortu-

na, pela juvenilidade eterna da sua natureza, pela sua ardente e cega paixão da liberdade, elle ficará na historia como o mais brilhante exemplo da força e da coragem pessoal desinteressadamente postas ao serviço de todas as causas generosas. Nunca teve cabeça para governar os outros ou para se governar a si mesmo. As suas faculdades intellectuaes não tinham poder creador. Não sabia abstrahir, nem comparar, nem prever. Seria incapaz de qualquer systematisação politica, philosophica ou scientifica. Tinha, porém, um d'esses corações magnanimos em que sómente vibram as altas paixões heroicas. Acima de si amava a sua familia; acima da sua familia, a sua patria; acima da sua patria, a grande humanidade. Antes de ser a sua propria pessoa, o que era para elle a ultima das cousas, era um italiano; antes de ser um italiano era um latino; e antes de ser um latino era um homem. Absolutamente o inverso de toda a gente. Emfim, um doido.

Nunca fez um livro, nem um tratado, nem um poema, nem uma religião, nem uma philosophia. Parecia mesmo ter um particular deleite em não lêr livro nenhum, em não ter philosophia e em não ter religião. A unica cousa que elle tinha sempre prompta, absolutamente e incondicionalmente, á disposição dos seus semelhantes, era a sua propria vida. De todas as vezes que a liberdade humana precisou

de um homem que por amor d'ella arriscasse a pelle, mandou-se recado a Garibaldi, e Garibaldi não deixou nunca de comparecer no prazo dado, com o telim afivelado á pressa por cima da camisola vermelha, e a espada na mão.

— Por onde querem que se comece ?

E logo que os outros lhe apontavam de longe para o rombo aberto na trincheira inimiga, elle, mandando um beijo a sua mulher e a seus filhos, batia as pernas ao cavallo, e soltando o seu grito agudo e terrivel — *Avanti!* — partia a toda a brida, e desaparecia de um salto para o lado de lá da barreira.

D'ahi vem a gratidão que todos os povos que amam a liberdade e que luctam contra as tyrannias devem a José Garibaldi, porque arriscar a pelle, atirando-se de frente para cima das baionetas que fazem roda aos despotismos constituidos, é precisamente a cousa que os reformadores, os politicos, os tribunos, os philosophos e os poetas, mais vacillam em fazer quando chega o momento decisivo de pôr em acção uma idéa.

Não nos faltarão nunca, mercê de Deus, revolucionarios discursadores e platonicos, que reformem o mundo a golpes de theorias e de metaphoras nos gabinetes de estudo, nos parlamentos e nos clubs; mas não voltará cá tão cedo outra simples camisola

vermelha vestida em cima de um peito tão ingenuamente forte e tão verdadeiramente valoroso como o do aventureiro de Caprera, rochedo esteril, hoje deshabitado, para o qual os povos opprimidos voltarão por muito tempo os olhos, de todas as vezes que fôr preciso o ferro de uma espada, o sacrificio de uma vida e o prestigio de uma convicção para abater um estôrvo á liberdade.

Dizem-me que a associação dos escriptores promove n'este momento a reunião de uma assembléa geral para o fim de pedir contas do seu voto ao sr. Fernando Pedroso, vice-presidente da associação e seu delegado junto do congresso das associações.

Não comprehendo bem os fundamentos da moção em projecto.

O sr. Fernando Pedroso é um reaccionario convicto e confesso, no qual concorre o bello merecimento de não haver nunca escondido nem disfarçado as suas idéas e as suas convicções. Elle é um dos poucos redactores e o leitor, talvez unico, que ainda resta ao periodico legitimista a *Nação*. É um dos presidentes do congresso catholico. É pelo direito divino; é pelo poder temporal e pela infallibilidade do Papa; é pela readmissão dos jesuitas e pela reconstituição das ordens religiosas.

A associação dos escriptores sabia tudo isto quando o nomeou seu vice-presidente e seu delegado com

carta branca junto do congresso das associações. Perguntar-lhe agora por que razão elle não votou uma manifestação de sentimento pela morte de Garibaldi é o mesmo que perguntar a um homem honrado por que motivo deixou de o ser. Creio que é demais da parte dos escriptores o exigir que um individuo honesto rompa pela primeira vez na sua vida a coherencia dos seus actos com as suas idéas, e que unicamente para ter a honra de representar condignamente os seus constituintes elle se faça para esse fim especial um pulha.

Como escriptor publico não seria eu nunca que desse o meu voto ao sr. Fernando Pedroso, para que elle me representasse. Mas, desde o momento em que elle foi eleito pelo voto dos outros, e usou do mandato, procedendo de accôrdo com o que elle julga ser a justiça e a verdade, isto é, coherente com as suas idéas e com os seus sentimentos, eu não tenho que dizer senão uma cousa:— Approvo.

XIX

O reverendo padre Huggs é um sacerdote cujo unico defeito conhecido é julgar-se no tempo do imperador Decio, o furioso perseguidor da christandade, duzentos annos depois de Christo.

Confundindo o sr. Fontes Pereira de Mello com o temivel imperador romano, o reverendo Huggs fez como S. Paulo Eremita: fugiu da communicação dos homens, do Chiado e do *Diario de Noticias*, sacudindo as suas sandalias no Aterro; e, não tendo á mão o deserto da Thebaida, tomou o vapor de Cacilhas, e foi estabelecer na outra banda a sua cabana de anachoreta.

S. Paulo tinha por habitação uma caverna anteriormente habitada por um moedeiro falso do tempo da rainha Cleopatra, tinha a pura fonte crystallina brotando do seu rochedo, optimas tamaras para a sua sobremesa, e meio pão, o qual, segundo se lê em S. Jeronymo e em S. Athanasio, era trazido fresco ao santo eremita, em cada manhã, por um côrvo.

Por ocasião da visita piedosa de Santo Antonio a S. Paulo, o côrvo, vendo que havia uma bôcca a maior no santo deserto, começou a apresentar-se em cada dia com um pão inteiro suspenso do bico.

S. Paulo vestia uma tunica feita de folhas de palmeira, a qual veiu a ser herdada como reliquia por Santo Antonio no dia em que S. Paulo expirou, aos 112 annos de idade, havendo comido com resignação e fervor todos os meios pães, que successivamente lhe haviam sido levados pelo côrvo.

Não é de presumir que, além da agua da Fonte da Pipa, o reverendo Huggs tenha encontrado na outra banda os elementos da vida retirada e contemplativa que S. Paulo gosou na Thebaida. Para o effeito dos alimentos e do vestuario o reverendo Huggs ter-se-ha visto obrigado, talvez, a substituir o côrvo por um padeiro e a palmeira por um algibebe, o que todavia não obsta a que elle esteja do mesmo modo livre, como S. Paulo, dos furores de Decio, o tyranno.

Graças á Fonte da Pipa e aos seus respectivos cabos de policia, os dias do eremita Huggs tão serenos e pacíficos têm decorrido na outra banda que o illustre sacerdote resolveu atravessar as aguas do Tejo, e vir por meio de praticas na egreja de S. Paulo convidar a acompanhal-o ás doçuras do ermo os christãos da banda de cá, que não quizessem pre-

star a cerviz ao alfange do barbaro imperador Decio Pereira de Mello.

O reverendo Huggs determinou subir pois na semana passada ao pulpito da egreja de S. Paulo e começar a serie das suas praticas tendentes a convencer os christãos dos perigos que elles correm no meio da vida mundanal, e bem assim dos santos prazeres que os esperam na paz dos cenobios, se elles se resolverem a ir para a outra banda e entregarem-se á penitencia, ao jejum e ao burro de Cacilhas desviado pelo reverendo Huggs da carreira da Cova da Piedade para a da terra da Promissão.

Sabe-se quanto os nossos templos modernos estão longe do frio desconforto das primitivas catacumbas, das cryptas e das cavernas sepulcraes em que os primeiros christãos se refugiavam para escaparem á perseguição dos governos, para celebrarem as bellas cerimoniaes do culto primitivo e para enterarem os seus mortos santificados pelo martyrio.

A Egreja tem sido verdadeiramente incançavel nos ultimos tempos em attrahir a piedade ou em a conservar por meio das successivas commodidades e dos prestigios espectaculosos.

Ha os orgãos, em que por occasião dos santos sacrificios se tocam os trechos sentimentaes de Verdi e de Bellini. As epistolas de S. Paulo e o evangelho

de S. Matheus acompanham-se, para recreio dos fieis, com os suspiros de Margarida Gautier e com a romança de Armand Duval. As palavras da confissão casam-se com o can-can da *Bella Helena*, e a hostia consagrada eleva-se ao som da aria *Rien n'est sacré pour un sapeur*.

Além d'isso ha os tapetes, ha as jarras da India, ha as almofadas de velludo, os bellos quadros de virgens louras, de sympathicos santos romanescos, como S. Francisco Xavier, de fidalgo perfil e fino bigode, de Nossa Senhora de la Salette representada de pequenina touca encanudada, saia curta e avental guarnecido de *pompons*, como as travêssas *soubrettes* de Molière.

Temos as devoções de recreio em comboio expresso a preços reduzidos para Notre Dame de Lourdes, milagre e jantar por cinco francos, de carne ou de jejum, vinho á parte.

Ha, mais em moda ainda, recentemente, as piedosas romagens a S. Diniz, que tem uns poucos de corpos, um na igreja de Paris, um na de Ratisbonne, um julgado authentico por Leão IX, um mandado ter como genuino por Innocencio III, e outros, entre os quaes pretendem alguns archeologos que se achará o do deus Baccho, chamado Dionysius, de cujo culto christianisado na Gallia proveiu a legenda de S. Diniz.

Os conventos pela sua parte abandonaram tambem a confecção dos milagres e das tradições maravilhosas e tremendas para empregarem todos os esforços da sua chimica na especialidade dos mais saborosos e estomacaeos licores: o dos Benedictinos, o Kermann, a Chartreuse, e outros.

A semana Santa, destinada a commemorar o lance mais dramatico e mais sublime da historia de Jesus, converteu-se n'um pretexto de viagens á Andaluza, ás famosas toiradas em que Sevilha reúne os primeiros espadas e os primeiros *aficionados* ao «boi de morte», e á celebre feira em que o velho *salero* revive um momento, sorrindo sob o véo mourisco, ao vago rufo longinquo de historicos pandeiros. Em Lisboa o mesmo tempo é um abysmo de amendoas, de *bombons fondants*, de *croquettes à la vanille*, de rebuçados d'ovos, e de outras doçuras com que a Confeitaria Italiana e os bufetes de Baltresqui celebram a Paixão.

Os livros da oração e da missa converteram-se em obras primas de typographia e de cartonagem, de tão altos preços que não permittem que ninguem reze com decencia por menos de duas libras.

As egrejas são, como os clubs, o prazo dado á reunião por categorias das differentes classes sociaes.

No Loreto, á missa da 1 hora, reúne-se a burgue-

zia frequentadora do Passeio do Rocio e dos bailes do Club.

A nobreza de *l'ancien régime* vae á Graça, aos Anjos e ao convento de Santos, onde na penultima sexta-feira da Quaresma ha procissão de senhoras, com rifa e chá.

No convento da Encarnação, pelo oitavario do Corpo de Deus, ha egualmente rifa, chá e recepção á noite.

A alta finança tem procurado pôr em moda com as suas novenas Santa Izabel e a Lapa.

A aristocracia official, a nobreza militante, a fina flôr da moda, não vae senão aos Inglezinhos e a S. Luiz dos Francezes.

Os devotos escolhem n'estes quatro circulos a missa que convem á sua educação, ao seu nascimento, á sua fortuna e á ordem das relações que cada um deseja cultivar.

Com a religião em tal estado é realmente preciso ser-se bem indifferente aos attractivos do luxo, da elegancia, da moda, da convivencia e da boa companhia para se não ser um firme e fiel catholico!

Ter uma religião facil, elegante, alegre, ao abrigo de toda a perturbação, mantida pela carta, vigiada pela policia, defendida pela guarda municipal; ter ao mesmo tempo uma porta aberta para a socieda-

de, para a consideração, para a estima publica, para os altos cargos do governo, para as finas festas e para os bellos salões escolhidos, e outra porta aberta para o céo, para Deus, para a bemaventurança; estar provido de orações e de indulgencias para cada peccado, de sorte que se pode, ao fim de cada anno de vida, receber carta de limpeza para uma eternidade de promissão; ser, graças á confissão, tantas vezes delinquente quantas vezes amnistiado; olhar em volta de si, na humanidade, vêr milhares de milhões de almas perdidas por falta de padres, de indulgencias plenarias e de bullas pontificias, e ponderar que o inferno tem muito em que se entreter para queimar competentemente os outros, em quanto nós estivermos, consoladinhos, na commodidade celestial, como assignantes antigos do paraíso, binoculando dos nossos *fauteuils* as tragicas visagens carbonisadas dos barbaros e dos herejes rechinando no fogo eterno!... Que mais pode exigir ao mundo e ao céo, ao tempo e á eternidade, o profundo e immenso egoismo do homem?

O programma do mais humilde e obscuro beato deixa a perder de vista os sonhos mais excessivos em gôso de Nero e de Sardanapalo,—uns pobres diabos a quem alli o sineiro das Mercês, uma vez na Eternidade, terá o direito de torcer uma orelha a trôco de um simples *padre nosso!*

O clero porém continua a recear que todas estas vantagens não cheguem para prehencher a aspiração dos entes bem formados, e todos os dias continua ainda a accrescentar tanto quanto pode os interesses e os attractivos do culto.

Assim, quando o reverendo Huggs se apresentou, acolheu-o o mais vivo e sympathico alvoroço. Um enorme exito estava destinado a saudar a sua apparição na egreja de S. Paulo. Elle não tocava orgão de uma maneira sensivelmente arrebatadora; elle não possuia absolutamente para a execução dos sagrados motetes a fina voz preciosa dos antigos mutilados das reaes capellas; elle finalmente não tinha á primeira vista nenhum dos bellos talentos em que se fundam as reputações de sacristia. Todavia a sua origem irlandeza havia-o dotado com a especialidade impagavel da pronuncia dos inglezes de farça, e não poderiam deixar de produzir o mais alegre effeito nas consciencias as suas piedosas applicações do *Amor Londrino* a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos.

Effectivamente á primeira pratica do reverendo Huggs a egreja de S. Paulo teve uma casa cheia, e nunca a palavra de Deus foi escutada nos templos christãos com mais patente manifestação de alegria. Sòmente como um espectador interrompesse a illi-

mitada satisfação do auditorio com uma tosse importuna, um padre portuguez que assistia á pratica descarregou algumas bengaladas no fiel christão constipado. D'aquí, tumulto e desordem. Fervem os canelões e os murros, os chapéos de sol floreteiam no ar cruzando-se em golpes ás cabeças, os homens praguejam, as mulheres gritam, as creanças choram, o reverendo Huggs desce amedrontado do pulpito, e os fieis, que tinham ido ao templo pedir as unções da fé, acham mais urgente ir pedir tintura de arnica na botica ao lado.

Então a mesa da confraria de S. Paulo protesta contra as praticas do padre Huggs commentadas á bordoadada pela galeria. O sr. Patriarcha de Lisboa intervem, e eis o que sua eminencia resolve:

SENDO O CATHOLICISMO A RELIGIÃO DO ESTADO, O SR. CARDEAL PATRIARCHA, AUCTORISANDO A PRÉGAR O REVERENDO HUGGS, DECLARA QUE, COM A INTERVENÇÃO DA FORÇA ARMADA, FARÁ MANTER NA EGREJA DE S. PAULO O RESPEITO DEVIDO Á PALAVRA DE DEUS.

O caso do reverendo Huggs não teria grande importancia, nem nós o haveríamos referido n'estas paginas, se elle não houvesse dado origem a esta declaração do sr. Patriarcha, publicada na maior parte dos jornaes de Lisboa, sem todavia haver

suscitado nem da parte da imprensa nem da parte do parlamento os commentarios que merece.

As palavras do sr. Patriarcha passaram despercebidas, certamente porque se não viu que ellas encerram a ameaça de um acto de natureza inteiramente analoga ao da carnificina de Saint-Barthelemy.

Carlos IX dizia:—*A missa, ou a morte!*— O sr. Cardeal Patriarcha diz:—*O sermão, ou a força armada!*

Ha uma leve differença nos vocabulos, mas o sentido juridico das duas phrases é absolutamente o mesmo.

Por mais archaica, por mais obsoleta, por mais absurda que pareça a comminação do sr. Patriarcha, ella é no emtanto a consequencia logica da confusão entre o poder espirital e o poder temporal mantida em pleno seculo xix pela carta constitucional da monarchia. As palavras do sr. Patriarcha provam patentemente que dentro da lei portugueza um principe da Egreja está no pleno direito de decretar a Saint-Barthelemy.

O facto é de tal maneira expressivo e flagrante que, se em Portugal houvesse um parlamento dotado de algum simples respeito pelo senso commum, bastaria enunciar as palavras proferidas pelo sr. Cardeal Patriarcha para que pelo voto unanime dos

legisladores fôsse de uma vez para sempre riscado da carta o artigo sexto.

Emquanto ao clero catholico não comprehendemos qual é definitivamente a sua opinião ácêrca da intervenção da força nas relações do homem com Deus. Na Allemanha, quando Bismarck submete o clero catholico á inteira vontade do governo do imperio, o clero appella para as garantias espirituaes, distingue os poderes, declara-se fora da lei civil, e os mais ardentes ultramontanos refugiam-se no principio de Cavour, e pedem em brados de justiça a Igreja livre no Estado livre.

Em Portugal o mesmo clero perfilha a opinião do chanceller do imperio, ri como elle dos invioláveis direitos da consciencia, e pede a força armada para sustentar um sermão!

O clero, representado nas pessoas dos seus chefes mais augustos e mais conspicuos, não vê que se combate a si proprio e se dilacera a si mesmo!

No meio da crise suscitada pela ameaça do sr. Patriarcha o procedimento sublimemente philosophico do reverendo Huggs é superior a todo o elogio. As suas meditações de eremita haviam-o instigado a vir da outra banda ensinar o caminho do aprisco a algumas ovelhas tresmalhadas pelo Aterro. As ove-

lhas não quizeram ouvil-o e preferiram furar os olhos umas das outras com as ponteiras dos guarda-soes. O sr. Patriarcha offereceu-se-lhe para mandar degollar pela policia o rebanho inquieto. O bom homem, que vinha como pastor e não vinha como magarefe, recusou a offerta, e a unica cousa que fez, vendo que lhe sahira o gado mosqueiro, foi cumprimental-o de longe, dirigir-se á ponte dos vapores, sacudir o pó dos seus sapatos com o mesmo lenço destinado a receber no pulpito de S. Paulo o catarrho da sua eloquencia, e regressar para Cacilhas.

Se alguma das andorinhas do nosso telhado se quizer encarregar de levar estas linhas á Thebaida do reverendo Huggs, pedimos a sua reverencia que olhe de lá para a janella da nossa agua-furtada, de onde lhe enviaremos as saudações mais sympathicas.

XX

Na provincia a noite de Natal conserva ainda hoje a dôce poesia das festas solemnes da familia.

No Porto e em todo o Minho, ao cahir d'essa noi-

te, fumegam as chaminés de todas as cozinhas. Ouvem-se ás portas as argoladas dos que chegam, debaixo de chuva ou debaixo de neve, para tomarem parte no banquete. As velhas avós enfeitam-se para essa recepção com a touca de gala, que emmoldura n'um fôlho de renda fresca os seus cabellos brancos. Os que vem de longe abrem os braços ao chegar á porta para que os outros se lhe pendurem no pescoço. Vozes alegres e amigas enchem a casa de um jubilo sonoro de alleluia. Estão accesas todas as luzes da sala de jantar. Desdobra-se na mesa, com uma pessoa a cada ponta, a grande toalha rica, vincada nas dobras e cheirando á frescura caseira do bragal. Telintam os talheres de prata e os velhos copos dourados. Os pratos vem dos armarios trazidos em rumas pelas raparigas de bellos dentes, vestidas de festa, com as largas arrecadas de ouro e o grande cabeção de fôlho. Desrolham-se as garrafas. Ha no ar um perfume festival, de lacre esmagado, de vinho do Porto, de limão e de cannela.

E enquanto os grossos beijos das boas vindas e do feliz encontros do lar pousam tranquillos, como as aves em seus ninhos, sobre as mãos enrugadas dos velhos e nas faces dos novos; enquanto as creanças, que se deitam mais tarde n'essa noite, passam de collo em collo, com os seus bibes brancos e o laço côr de rosa nos cabellos, distribuindo

na roda, com os beijos estendidos, a communhão da bondade, chegam da cozinha, fumegantes, os acepipes classicos do Natal d'Entre Douro e Minho — os grêlos cobertos de ovos estrellados, o bacalhau guisado, os mexidos, as rabanadas, as chicaras do vinho quente.

À meia noite, terminada a ceia, vae cada um para o quarto que lhe destinaram.

Acontece que um homem de trinta ou de quarenta annos, que chega de longe depois de uma grande ausencia para comer a ceia do Natal á mesa de sua mãe, dorme no seu antigo quarto de creança, entre os seus pequenos e velhos moveis de estudante.

Mette-se a gente na cama, apaga a luz, e então, em vez do somno, mil recordações saudosas chegam. Uma lagrima ás vezes humedece o travesseiro.

Mas afinal dorme-se na boa e honesta sensação de estar n'esta noite, mais do que em nenhuma outra, nos lençoes da familia.

Em Lisboa não succede precisamente a mesma cousa.

Aqui a festa é mais da igreja e por consequencia muito menos da familia. A missa do galle dissolve o serão domestico.

Em vez do repique dos copos na ceia paterna, temos o repique dos sinos em S. Domingos e na Encarnação. É decerto mais campanudo e mais eccle-

siastico isto, mas é mais amavel e mais religioso aquillo.

A festa do Natal, que nos paizes christãos, em toda a Europa, é a festa da familia, não é o padre que a deve benzer, é a mãe.

Os padres, sem de modo algum lhes discutirmos o muito que elles sabem ácêrca do peccado, não sabem nada ácêrca da familia.

A missa á meia noite é uma invasão do lar pela sacristia.

Além d'esse intromettimento sacerdotal, Lisboa padece dois outros flagellos.

Em primeiro logar Lisboa muda de casa em todos os seis mezes, e estamos agora em fim de semestre.

Em segundo logar, para celebrar dignamente o banquete familiar, Lisboa não tem cozinha. O compartimento da casa a que se dá esse nome é apenas uma latrina com o fogão a um canto. Como querem que uma digna e honrada dona de casa concilie harmonicamente a gravidade d'este dever com a indecencia d'essa installação ?

De modo que, na noite de Natal emquanto a familia provinciana ceia no aconchego sagrado do lar, no banquete caseiro, na festa domestica da bondade, da dedicação, da solidariedade humana, a familia de Lisboa bate a lama das ruas com os pés mo-

lhados dentro das suas pobres botinas, ao som dos sinos que badalam nas torres; ou enfarda os lençoes e desarma as camas, na desolação da casa em desordem, para o fim de mudar... de pia!

Pobres de nós!

XXI

Alguns episodios da festa do Natal.

Em um annuncio de amor publicado n'um periodico no dia seguinte á missa do gallo deparam-se-nos estas linhas :

Não te encontrei na igreja como tínhamos combinado. Dize-me onde te poderei vêr. Saudade eterna.

As folhas do Porto annunciaram que no palacio de Crystal seria exposto ao publico um brilhante presepio, representando o nascimento de Deus menino. Com a exposição d'este quadro sagrado coincidiria no mesmo local a representação de uma comedia intitulada :

Quem é o pae da creança?

Parece-nos que :

Se em vez do nascimento de Jesus, fôsse o anni-

versario natalicio do sr. Fontes Pereira de Mello o caso que se tivesse em vista celebrar, ninguem ou-saria fazer representar publicamente, ao lado da alle-goria em que o menino Fontes Pereira de Mello ap-parecesse recém-nascido no seu berço—com uma perna fora da roupa e um dedo mettido no nariz—uma farça ridicula, intitulada *Quem é o pae da creança?*

Egualmente nos parece que:

Se em vez de ser na missa do gallo, fôsse em uma *soirée* dada pelo sr. Antonio de Serpa, que o annunciante a quem acima nos referimos dêsse pela falta da depositaria da «sua saudade eterna», o mes-mo annunciante se não atreveria a queixar-se pelos periodicos á sua amada de a não ter visto na ves-pera, decotada e suspirosa, nas salas do ministro da fazenda.

Pelo que, deduzimos:

Que ha mais fé na inviolavel omnipotencia de dois pobres ministros constitucionaes, enfezadas creatu-ras debeis, franzinas, com catarrho e camisolas de flanela, do que no simples poder modesto, obscuro e humilde de um outro, que é apenas—Deus.

Mas, prezadissimos concidadãos catholicos apos-tolicos romanos, se os senhores entendem que a in-

fluencia de Deus está tão deprimida que Elle não pode já dar-lhes o habito de Christo nem despachal-os aspirantes da alfandega ;

Se o não admiram por Elle ter feito simplesmente a luz e o universo, não tentando nunca fazer os romances sentimentaes, nem os sorvetes de marrasquino ;

Se tambem o não amam, porque Elle, dando-se a crear as ultimas cousas—as mais asquerosas e as mais vis—dá os sapos e dá os persevejos, e não dá os deputados nem os viscondes ;

Se igualmente o não temem, porque enfim não será Elle, que veiu uma vez ao mundo para lhes dar a liberdade e o amor, quem volte cá outra vez para demittir do seu emprego o atheu sr. A., amanuense sem orthographia, ou para quebrar uma bengala nas costas do atheu sr. B., maldizente e cobarde...

Seria n'este caso talvez mais digno, mais delicado, de melhor gôsto, que os senhores se mostrassem simplesmente indifferentes a esse pobre bom Deus ao qual sobrepõem em consideração, em respeito, em amor e em estima o sr. Antonio de Serpa, ministro da fazenda, e o sr. Fontes, presidente do conselho.

Vão devotamente depôr em casa d'esses os seus respeitos, as suas preces, os seus votos, os seus memoriaes e os seus bilhetes de visita ; façam-lhes pro-

messas, entoem-lhes novenas, accendam-lhes velas bentas. E cortem completamente as suas relações — com o outro. Nada receiem, porque Deus não se offenderá com isso. Não será por os senhores deixarem definitivamente de lhe tirar o chapéu que elle virá intrigar na secretaria para que se supprima uma gratificação de quatro libras, ou que fará discursos para que não vingue a candidatura do deputado por Bajoica ou se não comece a estrada em projecto para Celeirós.

Depois, a indiferença com Deus terá principalmente a vantagem de ser muito mais asseada nos costumes do que uma religião que dá em resultado celebrar a divindade com festas em que, nos bazares, se allia a apotheose com a farça de cordel, e em que, nas egrejas, se dá *rendez-vous* ás cozinheiras esquivas que se namoram por annuncios, a 10 réis.

Em um salão de altas finanças antes da missa do gallo:

Armou-se a arvore do Natal, illuminou-se um pequeno pinheiro plantado n'um caixote verde; penduraram-se na arvore, por entre as velas e os globos do gaz, os bonecos, os cartuchos de pastilhas e os livrinhos illuminados, e mandaram-se vir alguns

pequenos com o pretexto de mostrar aos adultos uma *soirée* allemã. Não se dança; tambem se não conversa. Abrem-se os quartos e mostra-se a mobilia, os tapetes, os candelabros, as cortinas, as flo-reiras sem flôres, os quadros com reproducções ba-ratas, as estatuas fundidas, os bronzes imitados em zinco, os livros virgens, os creados immobilizados pelo pêso extranho das luvas brancas de algodão, que não calçam senão tres vezes por anno. N'um quarto de dormir, esquecida, espreitando para fora com a curiosidade compromettedora, labrega, estu-pida, de uma parenta que ficou tendeira, vê-se de-baixo de uma cama de rendas e seda côr de rosa, uma chinela barata.

A dona da casa mostra ás suas amigas os presen-tes que recebeu:

—Este *prie-Dieu* foi o papá que m'o deu para ter aqui aos pés da minha cama, sobre o tapete de ar-minho, defronte do meu Christo de marfim, com o meu livro de orações de fechos de ouro e letras go-thicas esmaltadas. Oh! como se está bem aqui! que recolhimento e que paz em Deus! Vê como se fica bem de joelhos... Toma-se a linha que tem a figu-ra de Maria Antoinette, commungando, em uma gravura que eu vi na Margotteau. Deixa-me erguer por um momento as mãos, minha amiga, deixa-me elevar o meu pensamento ao céu... «Meu amado

Jesus! sêde commigo e protegei-me...» Olha que é de ebano, querida, de puro ebano esculpido, com estôfo de setim de Lyon! Foi o Gardé que o fez!

Em uma correspondencia de Lisboa:

«Apesar do grande numero de pessoas que transitaram nas ruas com o fim de assistirem á missa do gallo, segundo a antiga usança de nossos paes, nem uma só desordem, nem um só disturbio temos que consignar. Tal é a indole pacifica do nosso bom povo!»

Effectivamente parece impossivel que tantas pessoas pudessem ouvir missa simultaneamente sem que nenhuma d'ellas tivessem a idéa — aliás naturalissima ao que parece — de virem em seguida para as ruas esfaquear-se no transito. Decididamente Lisboa ouve a sua missa com a mesma cordura com que faz as suas conspirações e as suas revoltas: — sem morrer ninguem!

XXII

Lêmos no *Diario Illustrado* o seguinte :

«Em additamento á noticia que hontem démos da sahida processional do Senhor aos entrevados da freguezia de Santa Justa e Rufina, somos hoje informados que a interessante filhinha do sr. Marcos Maria Fernandes e D. Maria Cecilia da Conceição Almeida Fernandes, proprietarios do acreditado estabelecimento de modista de chapéos e vestidos na travessa de Santa Justa, n.º 81, vae tambem n'essa procissão, distribuindo esmolas aos enfermos pobres, que receberem o Viatico, sendo vestida á custa e por generoso e espontaneo offerecimento de seu pae, que é irmão do Santissimo d'aquella freguezia.

«Leva a gentil menina, symbolo de caridade, vestido de faille azul claro, com outro de tulle branco aventalado adeante, com finas pedras, e um manto branco prêso na cabeça por um diadema de pedraria e semeado de estrellas de ouro de lindo effeito.

«Esta devoção do sr. Fernandes, que ha quatro

annos successivos tem levado a sua filhinha vestida de anjo n'aquelle acto religioso, offerece no presente anno uma novidade elegante, e que decerto será do mais apurado bom-gôsto, se attendermos ao extremo paternal do sr. Fernandes, e ao esmero e apuro de todos os trabalhos do seu estabelecimento, onde é variadissimo e primoroso o sortimento de tudo quanto respeita a enfeites de senhora.»

Ó dôce Jesus, eterna bondade simples e infinita como o Céu! aqui tendes como elles a comprehendem, na freguezia de Santa Justa e Rufina, a caridade, a pobre e modesta caridade, que vós mandastes definir por S. Paulo com aquella palavra tão inspirada e tão bella: — O amor dos corações puros e das consciencias boas?

Elles entendem-a agora assim: vestida de faille azul claro, com segundo vestido de tulle branco aventalado adeante, com finas pedras e um manto branco prêso na cabeça por um diadema de estrelas de ouro, de lindo effeito!

Comparae, ó Jesus, a descripção dos vossos antigos anjos feita por Santo Ignacio — *incorporeas mentes* — com esta descripção que o *Diario Illustrado* nos apresenta dos vossos anjos modernos!

Que dirão os cherubins, os seraphins e os archanjos, que dirão Miguel, Raphael e Gabriel, elles nus,

sem mais *toilette* que as suas longas azas candidas, ao verem junto de si nas choréas sidéreas o novo anjo — Almeida Fernandes?!

Como ficarão vexados e humilhados no Céu — os outros — quando o cherubim Almeida lhes apparecer com as tranças torcidas a ferro, com vermelhão nos beiços e o seu *vestido aven'alado adeante*, e contar que foi o papá Fernandes quem o arranjou assim para elle representar deante dos homens a imagem da caridade!

Oh! mas, realmente, é um bom quinau dado pelo sr. Fernandes no Creador! Licção terrivel de elegancia e de *chic* ministrada a todo o reino dos Céos pela travessa de Santa Justa! Nem a Baixa calcula talvez a grande importancia que isto vae dar ao estabelecimento do sr. Fernandes — no Empireo!

Pela nossa parte não nos maravilhará extraordinariamente que o sr. Fernandes, proseguindo nas suas conquistas sobre o territorio divino, acabe por ajuntar ao seu estabelecimento de modas uma succursal da côrte celeste, e que depois de converter sua familia em anjos de tulle, elle mesmo acabe por apparecer aos seus freguezes transfigurado em Deus... de filó!

E então, para nos entendermos com s. ex.^a sobre os objectos do seu commercio, teremos, ao entrar na sua loja, de nos ajoelharmos, de batermos no

peito e de exclamarmos com attrição verdadeira:

Eu peccador me confesso a Fernandes todo poderoso de que preciso de um par de ceroulas de linho de Irlanda, e por tanto lhe dirijo humildemente minhas fervorosas preces para que desça das alturas e venha a nós — para nos tomar medida. *Amen!*

Acabamos de vêr como os burguezes conservadores entendem a caridade no catholicismo. Vamos vêr agora como é que os operarios socialistas entendem os principios do direito perante a revolução.

Ao passo que o *Diario Illustrado*, folha monarchica e catholica, nos apresenta a religião na menina Almeida Fernandes, o *Pensamento Social*, periodico revolucionario, expõe-nos, na menina Palmira da Conceição, os direitos do povo.

O *Pensamento Social* diz assim:

«Teve logar a annunciada sessão da propaganda na associação do trabalho nacional. Estiveram presentes cêrca de 60 companheiras, frequentando a sala durante a sessão proxivamente 700 companheiros. Presidiu uma companheira, mantendo-se uma assembléa tão numerosa na melhor ordem. Deu-se n'esta sessão um factó que sensibilisou toda a assembléa; uma companheira, que tem apenas nove annos de

idade, como que sensibilizada pelas aspirações da razão e da justiça, em plena assembléa pediu a palavra e pronunciou a seguinte oração, que leu :

«Companheiros e companheiras. — Declaro-lhes que cada vez que tenho de entrar em assumptos de tal natureza, arrasam-se-me os olhos de agua e cobre-se-me o coração de uma nuvem negra; comtudo não posso deixar de levantar a minha debil voz para dirigir duas palavras ás nossas companheiras e companheiros da fabrica de fiação e tecidos lisboense. Companheiros e companheiras: dirijo-vos os meus sinceros sentimentos, porque tenho sido bem conhecedora das injustiças que se estão fazendo ás nossas companheiras, e com especialidade ás menores, porque não só são castigadas com o seu diminuto salario, como tambem as maltratam com pancada.

«Ai companheiros e companheiras, não posso deixar de curvar o joelho e pedir ao meu Deus, se estamos em peccado mortal: perdoae-nos. Mas não, que já vou vendo raiar a aurora; continuemos sempre a empregar todos os nossos esforços para que um dia breve estejam reunidos nas nössas dignas associações todos os que vivem do trabalho. Conseguido isto, o que não é muito difficil, e empregando todos a nossa vontade, poderemos dizer que se acabaram os castigos embrutecedores. Peço pois a to-

dos os companheiros e companheiras que empregue-
mos toda a nossa vontade, energia e dedicação para
podermos alcançar o nosso triumpho, que é a eman-
cipação de todos os trabalhadores, isto é, todos os
direitos e deveres sociaes. Depois os nosso vindou-
ros nos cobrirão de benções por lhes termos creado
tão bom dote. Não querendo entreter-vos mais, ter-
mino pedindo que vos não esqueçaes dos nossos
companheiros grévistas.—*Palmira da Conceição.*

Esta creança de nove annos de idade que nos de-
clara *que os olhos se lhe arrasam de agua e o cora-
ção se lhe cobre de uma nuvem negra sempre que lhe
tem succedido ter de entrar em assumptos de tal na-
tureza*, é uma verdadeira menina benta, um phenome-
no! Diremos mesmo: é um milagre, é uma pequena
nossa Senhora Aparecida—da fabrica lisbonense
de fiiação e tecidos!

Ella é a destinada pelo povo a substituir, como
futura deusa da razão, o actual anjo Almeida Fer-
nandes—nas festividades populares.

Ha pequenas differenças.

O anjo Almeida traz-nos a religião e a caridade.
A deusa Palmira é a portadora da *emancipação dos
trabalhadores, dos direitos e deveres sociaes.*

O anjo adeja sobre as ruas pacatas da Baixa. A deusa surge no bairro inquieto de Alcantara.

O anjo caminha gravemente—enfundado, crespo de folhos e rendas, como um peru armado—a passos cadenciados pelas harmorias da philarmonica *Alumnos de Minerva*, dando a mão a Fernandes, seu pae carinhoso, e espargindo petalas de rosas, de dentro de um cesto de casquinha, sobre o mundo velho.

A deusa vem ao collo de um *companheiro* membro da *Fraternidade Operaria* e clarinete na mesma philarmonica que bufou, talvez, o mais convicto e consciencioso *hymno da carta*, atraz da angelica vergonteia de Fernandes. A deusa, alliando em sua joven personalidade a innocencia da idade que tem com a aspiração philosophica da classe a que pertence, mette um dedo no nariz e aponta com o outro o destino do proletariado na futura organização social.

O anjo é a religião de barejes, de talagarças e de retalhos de bobinet.

A deusa é a justiça de figuras de rhetorica, de discursos de associação e de erros de prosodia.

O burguez, contente com o seu meio de reacção, distribue ao anjo confeitos e rebuçados de avenca. O operario, satisfeito com o seu plano de resistencia e de revolução, solícito assôa a deusa.

Ora, francamente, não nos parece que estes sejam os methodos mais efficazes que possam escolher os srs. burguezes e os srs. operarios.

Não será com o seu anjo de vestido «aventaldado», com véo branco e pedrarias de lindo effeito, que a burguezia impedirá a passagem á corrente das idéas novas que a assoberbam e intimidam.

Não será tambem com a sua oradora de nove annos, *inspirada pela razão e pela justiça*, que o proletariado conseguirá convencer-nos da seriedade dos seus direitos ao predominio das sociedades futuras.

O trabalho—bem o sabemos—é uma cousa Augusta e sagrada. O commercio—desculpem-nos os srs. proletarios—é tão sagrado como o trabalho. O commerciante que compra as obras a cada um dos que a produzem, levando-lhes em troca dos objectos que fabricam os objectos que consomem, faz á sociedade, por meio do estabelecimento do mercado, um serviço tão relevante e tão legitimo como o da producção da mercadoria.

O pae da menina Palmira que faz um chale quando ninguem quer chales e o pae da menina Fernandes que lh'o compra logo, para o vender depois quando lh'o pedirem, são dois cidadãos igualmente uteis e respeitaveis. Se o pae do anjo é puramente ridiculo vestindo a sua filha como uma boneca de

vitrine e encarregando o *Diario Illustrado* de lh'a apregoar como um symbolo de caridade, o pae da deusa é injusto, é ignorante, é perigoso e é igualmente ridiculo, ensinando a sua filha, para que ella as leia em publico, palavras ôcas, de falsa razão e de mal entendida justiça, tão enthusiasmicamente preconisadas pelo *Pensamento Social*, órgão das classes operarias.

Já que falamos no *Pensamento Social* notemos que nem sempre nos parece perfeitamente logico este jornal.

Succede que elle guerreia o burguez, o *infame burguez*, e não cessa nunca de glorificar o operario. É a sua missão. Tem o seu partido. Nada temos que objectar.

Quando se deu, porém, a *grève* dos surradores, succedeu o seguinte:

Os operarios tinham escolhido para apresentarem as suas propostas a phase da curtição em que os coiros não poderiam ser abandonados sem que apodrecessem nos seus tanques. Por este modo os patrões ou tinham de ceder á *grève* ou correr o risco imminente de um grande prejuizo. Que fizeram os patrões? Não acceitaram as propostas dos grévistas, associaram-se todos, despediram os operarios, e foram em seguida, elles mesmos, acompanhados de

suas mulheres e de seus filhos, de fabrica em fabrica, levantar os cortumes.

Ora é singular que fôsse exactamente este momento solemne da existencia dos patrões curtidores o que o *Pensamento Social* escolheu para os flagellar com as suas ironias e os seus sarcasmos! A verdade é que exactamente n'esse momento é que os burguezes curtidores deixavam de ser burguezes para serem operarios. Parecia-nos que n'esta conjunctura o *Pensamento Social* não deveria fazer senão o que nós fariamos no seu caso: tirar o chapéo e inclinar-se respeitosaente perante a coragem trabalhadora é digna dos seus altivos e honrados inimigos.

Os operarios na sua inquietação de candidatos á prosperidade baseada na justiça e na virtude, vão mal encarreirados dirigindo o seu movimento de revolução contra os pequenos burguezes que nunca lhes fizeram mal nenhum, e que os srs. operarios injustamente odeiam ou desprezam.

Os pequenos burguezes — deveriam lembrar-se d'isto os srs. operarios — são na actual organização social, os alliados naturaes de todos os que trabalham e padecem. Os srs. operarios fariam bem se, em logar de encarregarem a menina Palmira de discretear nos seus congressos, traduzissem

n'elles em voz alta esta pagina do seu Proudhon:

«Vós burguezes, fostes em todo o tempo os mais intrepidos, os mais habeis dos revolucionarios. Sois vós que desde o terceiro seculo da era christã, por meio das vossas federações municipaes, extendestes a mortalha sobre o imperio dos romanos nas Gallias. Sem os barbaros que vieram mudar a face das cousas, a republica, constituida por vós, teria governado a Edade-média. Fostes vós que, mais tarde, oppondo a communa ao castello, o rei aos grandes vassallos, vencestes o feudalismo. Sois vós emfim que ha oitenta annos, tendes proclamado umas depois das outras todas as idéas revolucionarias, liberdade de cultos, liberdade de imprensa, liberdade de associação, liberdade de commercio e de industria; vós que pelas vossas sábias constituições fizestes justiça ao altar e ao throno; vós que estabelecestes sobre bases indestructiveis a egualdade perante a lei, a garantia legislativa, a publicidade das contas do Estado, a subordinação do governo ao paiz, a soberania da opinião. Fostes vós, sós, que fundastes os principios e lançastes os fundamentos da revolução no seculo xix. Nenhuma das cousas que se tentou sem vós, viveu; nenhuma d'aquellas que vós emprehendestes falhou. Deante da burguezia o despotismo tem curvado a cabeça: o soldado feliz, o un-

gido legitimo, o rei cidadão desde que têm tido o infortunio de vos desagradar, têm desfilado deante de vós como phantasmas.»

XXIII

Lêmos em alguns periodicos que o sr. prior da freguezia da Encarnação acaba de furar as orelhas de uma santa que tinha na sua egreja para o fim de lhe pôr brincos.

Parece-nos que este senhor ecclesiastico abusa das suas relações com as santas ao ponto de proceder com ellas de um modo como não desejaria talvez que ellas procedessem com s. ex.^a...

Como quer porém que seja, e admittindo-se mesmo que o sr. prior tenha o maior prazer d'este mundo em que lhe façam furos no corpo, entendemos que sua excellencia introduz no culto uma reforma arrojada, postoque extremamente simplificativa, substituindo as antigas manifestações de reverencia e de respeito devidas ás sagradas imagens—as genuflexões, o incenso, a missa cantada, a novena e o panegyrico—pela verruma!

Isto infunde nos fiéis um certo desalento, porque começa naturalmente a lavrar entre elles o receio de que o sr. prior, adoptando definitivamente o seu novo systema liturgico, resolva de repente, um bello dia — em vez de prégar-lhes sermões — principiar a pregar-lhes pregos!

XXIV.

A *Nação* publicou um telegramma de Lourdes, em que se lhe diz: *O padre coxo já vê, a paralytica já anda.*

Parece impossivel que uma folha religiosa como a *Nação* desse cabimento nas suas columnas a um milagre tão miseravel, tão safado, tão réles como esse! Com effeito! foi então para isso, para esse milagrotesito de cácará, para dar vista aos cegos e para fazer andar os paralyticos, foi para essa insignificancia, para essa miseria, para essa sovinice, que a sr.^a condessa de Sarmiento organisou a sua romagem, que andou a reunir os padres cegos e as sujeitas paralyticas, e que unicamente para os fazer

vêr e para os fazer andar os levou tão longe?!... Ora muito obrigado! muito obrigado pelo seu favor!

A sr.^a condessa de Sarmento e todos os devotos e devotas que collaboraram com s. ex.^a na bonita obra da peregrinação têm obrigação restricta de abrirem immediatamente uma subscripção para o fim de indemnizarem o padre ex-cego e a mulher ex-paralytica do incommodo que lhes deram. Porque nós—e a *Nação* bem o sabe!—nós temos devoções ahi da Baixa, que nos affirmam e affiançam, sob a auctoridade dos padres e dos pontifices, exactamente os mesmos resultados obtidos pela romagem.

Pois que! A agua de Lourdes ao pé da bica, na propria gruta, por conta e na presença da santa, não ha de dar mais effeitos ao consumidor do que a agua de Lourdes exportada, expedida ao estrangeiro em vasilhas quantas vezes impuras, quantas vezes com más rôlhas?!

Não vimos nós ahi, ha dois annos, na Santa Casa da Misericordia, uma enferma paralytica, a qual desfechou a andar, com a mesma facilidade com que anda a roda da mesma Santa Casa, logo que lhe chapinharam os membros locomotores com agua das latas?!

E a pobrezinha de Christo, desencaminhada pela sr.^a condessa de Sarmento para se metter ás estra-

das e para ir por ahi fora em braços até Lourdes, chega lá e não obtem mais nada senão o que obteve a outra sem sahir do largo de S. Roque?!.

E ainda ousam dizer-nos—o que não pode ser senão por escarneo—que ella *andou!*? Olhem a grande façanha—*andar!* Mas, senhores, tendo tido o trabalho de ir a Lourdes, o que essa mulher devia fazer, pelo menos, era correr, correr a sete pés, e trazer de lá para esse fim cinco pernas a maior das que levou!

Outro tanto temos que dizer do cego. Unicamente para vêr pelos olhos lesos, sem ir mais longe, tinha ahi o sr. Mascaró, que lhe fazia o milagre no ôlho de cada lado n'um abrir e fechar do ôlho do lado opposto. Em Lourdes seria preciso, para sustentar os créditos da agua na sua devida altura, que o homem não só principiasse a vêr pelos olhos mas que visse tambem por outros membros.

Isso então já valeria mais a pena de se contar, e comprehenderiamos que a *Nação* o publicasse em telegramma: «O padre cego appareceu-lhe um ôlho em cada buraco do nariz e está-lhe a vir outro na cova do ladrão, pelo qual já lê as suas rezas, de costas na cama, com o breviario por baixo do travesseiro. A paralytica já deitou seis pernas novas e está com dois grandes furunculos nos hombros: suppõe-se que sejam as azas a romper. Quando se lhe

expremem os carnicões bota pennas. Infinitos louvores sejam dados a Deus Nosso Senhor, porque pela côr dos voadouros vemos que a paralytica nos sae pedrez!»

Isso, sim senhor, isso seria um soffrivel milagre, ainda que de segunda ordem, porque os ha muito maiores.

Da virtude dos escapularios, por exemplo, contam-se e authenticam-se cousas, ao pé das quaes tudo quanto a agua de Lourdes tem feito é zero.

O escapulario preserva o fiel de todos os males, preserva-o das doenças, das pestes, dos perigos de agua, dos incendios, do raio, das quedas, das balas, das sovas, etc. De tudo isto ha provas que não podemos pôr em duvida. No livro intitulado *Virtude miraculosa do Escapulario demonstrada por casos de protecção, de conversão e de curas miraculosas*, pelo revd.^o padre Huguet — *Saint-Dizier, Paris, Lyon, Bruxelles et Anvers*, 1869, todas essas virtudes se acham confirmadas com muitos exemplos.

Pessoas que caem do alto de enormes torres ficam intactas, nem um botão dos suspensorios lhes rebenta, e se estavam lendo o seu jornal no alto das torres, como algumas vezes succede, veem lendo n'elle pelo ar emquanto caem e continuam a leitura

em baixo, traçando a perna n'um estado de satisfação ineffavel.

O sr. A. de L. . . , tendo entrado na insurreição do Var, com um escapulario ao pescoço, recebe vinte e nove tiros, apparecem-lhe no fato os vinte e nove furos das vinte e nove balas: elle no emtanto fica illeso. «Não nos foi possível matal-o, tivemos de desistir!» disse por essa occasião um gendarme. (Obra acima referida, pag. 21.)

No auge de um pavoroso incendio um devoto lembra-se de lançar ao meio das chammas o seu escapulario; o incendio immediatamente se extinguiu e, no meio das bombas desempregadas, o escapulario, encontrou-se intacto. «Apenas, diz o padre Huguet na obra alludida, se observou que elle cheirava um pouco a chamusco.» (Pag. 17.)

Um soldado na batalha de Novara vê cahir em tórno d'elle todo o regimento, elle é o unico ser que sobrevive: examina-se o soldado, e acha-se-lhe um escapulario mettido na bôcca e um em cada braço. (Pag. 20)

Um desgraçado, querendo suicidar-se, lança-se ao mar quatro vezes consecutivas, sempre debalde: o mar arroja-o á praia, recusando-se obstinadamente a submergil-o. O desgraçado recorda-se então que traz ao pescoço um escapulario, e atira-se ao mar pela quinta vez, tendo deixado o escapulario em ter-

ra. Foi sómente com esta condição que o mar se resolveu a dar cabo d'elle. (Pag. 15.)

Além de livrar de todos os perigos, sem excepção, durante a vida, o escapulario livra completamente das penas eternas depois da morte. O abbade Guiglielmi, auctor do livro intitulado *Collecção dos escapularios, da Immaculada Conceição, do Rosario, do Carmelo, etc.*, diz terminantemente, a pag. 231, que os demonios se queixam no inferno, pela maneira mais amarga, do grande numero de almas que lhes são arrebatadas pelos escapularios. Parece que não ha dia em que um milhão de diabos não roguem esta praga medonha: — Que nós levemos os escapularios!

As approvações pontificaes de todos os Papas, desde João xxii até Pio ix, confirmam cabalmente os poderes attribuidos ao uso dos escapularios.

O escapulario do Monte Carmelo tem a propriedade especial de expedir para o céu o penitente, quaesquer que tenham sido os peccados por elle perpetrados, no primeiro sabbado seguinte ao da sua morte. Facinora que arranje a morrer com o escapulario na sexta-feira á meia noite, podem os facinoras seus companheiros esperal-o no purgatorio, que o hão de vêr por um oculo!

O uso do escapulario é extremamente commodo: não obriga a encargos de nenhuma especie, salva-

nos independentemente da penitencia, da confissão e da communhão. Tambem não priva o penitente de qualquer prazer a que elle se queira dar n'este mundo. Assim o affirma o revd.^o Guglielmi. O essencial é não o tirar nunca, nem mesmo *quando voluntariamente se vae peccar*: é o que mais particularmente prescreve o dicto padre Guglielmi.

De todos os escapularios o que mais se recomenda á eleição dos devotos é o do Sagrado Coração de Jesus, porque este escapulario nem sequer precisa de ser benzido. Basta, para nos captar todas as indulgencias, que elle seja feito pelo modelo approvado pelo nosso Santo Padre Pio ix, do modo seguinte: Sobre um pequeno retalho de lã branca — retalho quadrado ou oblongo, porque sendo redondo, oval ou polygono perde a virtude — applica-se um coração de flanela encarnada, com um appenso, bem talhado e cosido a pesponto, de modo que imite a corôa de espinhos acompanhada de algumas gôttas de sangue bordadas a seda. À parte, em uma tirinha de panno patente, bordã-se a ponto de marca, linha encarnada, a inscripção sacramental: *Suspende! Estã commigo o coração de Jesus!*

Ora, podendo cada um em sua casa, no seio da sua familia, fazer um d'estes escapularios, deital-o ao pescoço e ficar livre, para a vida e para a morte, de todos os perigos, de todos os males; podendo cair

do alto das torres, atirar-se ás voragens do fogo e do mar, e metter-se debaixo dos raios, sem mais risco do que teria deitando-se na sua cama, não fará a *Nação* o favor de nos dizer para que ha de ir um homem a cascos de rôlha beber uma agua, que segundo a mesma *Nação*, o mais que faz é unicamente dar vista aos cegos e movimento aos paralyticos?

Ha umas tantas cousas que a *Nação* até devia tar vergonha de dizer... O que a *Nação* precisava era que lhe deitassem um bom escapulario a esse pescoço, para a *Nação* ficar então sabendo o que são milagres! Porque a *Nação* não sabe o que são milagres!

Pôr o padre cego a vêr e pôr a paralytica a andar não passa de uma habilidadesita mediocre, uma curiosidade, um boccadito de geito!

Vir á feira unicamente com uma porcaria d'essas parece mesmo de proposito para fazer perder á gente o gôsto pelas devoções...

Emquanto a nós o que a *Nação* tem é o espirito maligno no corpo do jornal! Cruzes, demonio!

XXV

Alguns actos ultimamente praticados por suas excellencias os padres requerem instantemente alguns momentos de attenção.

Repugna-nos penetrar nos escandalos de sacristia. Magôa-nos tocar na theologia. Respeitamos a Igreja. Respeitamol-a mesmo — notem bem — como governo, como elemento de civilisação, como garantia de liberdade.

Comprehendemos que a religião não pode ser uma correlação exclusivamente individual entre o homem e Deus. O instincto religioso da humanidade cria naturalmente e fatalmente a sociedade religiosa. Toda a sociedade instituida importa a existencia de um governo que a dirija. Posta a necessidade de uma direcção para a sociedade religiosa, nenhum governo encontramos tão perfeito como a Igreja. Basea-se na discussão e levanta-se do consenso unanime esse governo. Se por um lado a Igreja denega os direitos individuaes da razão humana, aviventa por outro lado esses direitos, dirigindo-se sempre á

razão, e obrigando-a á lucta permanente a que o espirito humano deve em maxima parte o seu desenvolvimento e a sua força. Aos concilios, ás bullas e ás excommunhões, corresponderam sempre as reformas, as seitas, as protestaões, as heresias.

Estabelecendo o principio da separação do poder espiritual e do poder temporal, creou a Igreja a independencia do pensamento.

Por isso nós respeitamos a Igreja, ainda atravez dos seus erros e dos seus crimes, postada em frente da humanidade como um objecto de discussão constante, de processo permanente.

Não respeitamos menos que a força collectiva da Igreja o esforço individual do clero. Respeitamos-lhe o direito de trabalhar como muito bem quizer nos intuitos da sociedade religiosa de que fizer parte. Exigimos-lhe egual respeito aos nossos direitos na sociedade secular a que nos apraza pertencer. Seremos os mais cordiaes amigos do clero e os seus melhores vizinhos de ao pé da porta enquanto o virmos a um lado, guardando o systema das parallelas na conducta do seu procedimento e na prosecução do seu fim.

Eu, um dos redactores das *Farpas*, tenho a minha penna; o senhor padre Miel, da igreja de S. Luiz, tem a sua agua de *la Salette*. Somos dois operarios.

Devemo'-nos respeito reciproco. Pela nossa parte tiramos o nosso chapéo e cumprimentamos sinceramente o senhor padre Miel. Reconhecemos sem inveja ruim que uma só garrafa da agua d'aquelle ecclesiastico tem mais poder, esparge em tórno de si muitos mais elementos de suggestão e de vitalidade do que todos os nossos livros juntos.

Quando porém o clero atravessa a linha secular, parece-nos bem pedirmos ao clero que vá para o seu logar, e que se não metta connosco.

Se o alludido senhor padre Miel, que nós respeitamos tanto, em vez de nos considerar como simples devotos do seu *Mez de Maria*, querendo vêr em nós um objecto das suas piedosas irrigações, pretendesse misturar na tinta do nosso tinteiro a agua de *la Salette* das suas garrafinhas, não poderia o proprio senhor padre Miel levar a mal que nós defendessemos hostilmente a profana e obscura integridade da nossa escrevaninha da invasão mystica dos seus afamados artigos de *toilette* ao Divino.

Quando pelo contrario formos nós que lavante-emos para o thuribulo mão indiscreta queremos egualmente que nol-a decepem.

Ora um de suas excellencias os padres commetteu ultimamente uma d'essas invasões de que nós não

queremos ser accusados para com suas reverencias, mas que egualmente desejaríamos muito que suas reverencias deixassem de perpetrar connosco.

Em uma freguezia rural falleceu ha pouco tempo um individuo a cujo cadaver o respectivo parochos denegou sepultura com os seguintes fundamentos:

Primeiro — Que o cidadão fallecido não frequentava os sacramentos;

Segundo — Que mantinha um amor illegal.

O cadaver esperou durante tres dias que se nassem as resistencias do parochos.

Ora a denegação de sepultura com semelhantes fundamentos é a declaração de uma devassa á vida particular do cidadão, é uma especie de infamação civil.

Se o clero auctorisa isto, o clero precisa em tal caso de uma mordaca para que não excite as famosas questões religiosas do tempo de Luiz xiv, em que o parlamento ordenava aos parochos que dessem a communhão aos moribundos, e em que Molière mandava intimar o seu cura por um official de justiça para que lhe fôsse ministrar os sacramentos na hora final. Esta brutal intervenção do poder civil nas attribuições exclusivas do poder religioso tinha por causa o alvedrio que a Egreja se tinha dado de assignalar com a infamia civil os moribundos a quem recusava os sacramentos. O cadaver do gran-

de Molière, assim infamado, foi enterrado de noite, como se fazia aos malfeteiros, e apupado pelo povo, que elle tanto consolara, instruíra e amara!

Parece que suas excellencias os padres, quando negam sepultura aos cadaveres de cidadãos cujo procedimento elles reprovam, têm particular empenho em fazer reviver o triste estado de cousas a que acabamos de nos referir.

A denegação de sepultura fundamentada em factos da nossa vida particular é uma infamação que vós, srs. ecclesiasticos, infligis á nossa memoria quando nós já não existimos para nos desaffrontarmos á bengalada. Nada obsta a que meia duzia de fanaticos appareçam amanhã n'uma das encruzilhadas das nossas aldeias a insultar e a profanar no caminho para a sua derradeira morada o cadaver do réprobo sobre que tenha cahido a vossa condemnação. Ora este acto de infamação, de deshonna, de injuria postuma, que vós praticaes e contribuis para que outros pratiquem é—além de uma affronta pessoal, da qual algum homem da família do morto aggravado vos pode pedir alguma vez contas estreitas e terriveis—um delicto civil, a respeito do qual as auctoridades civis têm obrigação de interrogar as auctoridades religiosas. Vós podereis talvez responder com os vossos canones. Mas o civil,

para vos admittir os canones como justificação, precisa de os entender, de os interpretar, de os criticar, de os discutir comvosco. E ahi tendes deploravelmente invadida a exempção espiritual que vós quereis ter e que nós desejamos que se vos conceda na mais inteira plenitude.

Notae que não defendemos a nossa impunidade. Quando nós delinqüirmos na egreja, castigae-nos, mas castigae-nos na egreja.

Sois imprudentes vindo á praça publica lêr, á porta do cemiterio, sobre o nosso cadaver, perante a nossa familia que chora e os nossos conterraneos que nos respeitam, as vossas sentenças infamantes.

Castigae-nos, mas castigae-nos na egreja e emquanto vivos. Tendes para isso a penitencia e tendes a excommunhão — duas cousas de que em todo o caso sempre poderemos appellar para a opinião dos homens, para o desmentido da consciencia e para a decisão de Deus.

Não acompanheis porém para além da morte a investigação e a punição da culpa. O morto como peccador pertence inteiramente a Deus, a cujo tribunal foi levado pela morte. O cadaver não é o resto de um christão, é o resto de um cidadão, e como tal pertence á familia e á sociedade.

Chorado na familia, respeitado na sociedade, perdoado talvez por Deus, o que resta na terra d'a-

quelle que foi um homem não pode, srs. ecclesiasticos, sob nenhum pretexto que seja, ser lançado por vossas excellencias — a uma latrina.

XXVI

Durante o mez a que este volume das *Farpas* se refere espalhou-se que no convento de Sá, na cidade de Aveiro, se achavam recolhidas sete senhoras dispostas a partir para França, onde vão professar em um instituto de caridade. Os periodicos liberaes que assignalaram este facto, abriram immediatamente canhoneiras e despejaram a metralha das suas violencias sobre o instituto francez, sobre as senhoras recolhidas no convento de Sá e sobre os padres devassos, que as *seduziram*.

Tal é o modo como a imprensa liberal portugueza defende e mantem a justiça, o direito e a liberdade!

As *Farpas*, que protestaram contra a portaria que despedaçou a liberdade para tirar o direito da palavra aos oradores democratas do Casino, protestam com equal convicção e com equal energia contra os

que do mesmo modo insultam a justiça para tirarem o direito de acção ás senhoras reunidas no convento de Sá.

É assim que vós entendeis a revolução pacifica: —insultando as mulheres e apedrejando os padres!

Pois bem. Nós sustentamos contra todas as vossas diatribes e contra todas as vossas injurias, que os padres que influiram a partida de sete senhoras da cidade de Aveiro para o seio do instituto das Irmãs da Caridade estão na sua missão e estão no seu dever. Fora da sua missão perante o catholicismo está o sr. bispo de Vizeu, chefe de um partido politico, e o sr. padre Antonio Ayres, presidente da camara dos deputados. Não foi certamente para isto que a religião, de que elles se constituíram sacerdotes, sagrou estes dois individuos.

Para arrancar algumas senhoras aos deveres da familia e conduzil-as aos institutos da sua egreja o que fizeram os padres de Aveiro?

Persuadiram-as e convenceram as: esse era o fim da missão de que se tinham investido, esse o objecto da propaganda a que se tinham devotado.

Vejamos agora: Para que essas mulheres se não lançassem na religião e ficassem na familia, que fazeis vós os que insultaes os padres?

Vós fazeis tudo quanto pode deslaçar ou dissolver as prisões domesticas.

Na politica desmoralisacs os maridos, os filhos e os irmãos, ensinando-os a viver do Estado, e não do trabalho, — na lisonja, no egoismo, na maledicencia, na mentira, no aviltamento, — morbidas predisposições do character sobre as quaes grassa a terrivel epidemia chamada a intriga constitucional.

Na litteratura ministraes-lhes poesias eroticas e romances hystericos, em que o trabalho, a ordem, a moralidade e a economia se tratam como cousas vis, vergonhosas e burguezas.

Na sociedade tendes estragado a antiga simplicidade burgueza com as pretensões ao dandysmo mais réles.

É por terem acreditado tristemente nos vossos escriptos, nas vossas palavras e nos vossos actos, que muitas mulheres desgraçadas faltam com a carne e com o vinho — esses indispensaveis alimentos das limphaticas creanças modernas — ao jantar de seus filhos; que ellas compromettem a dignidade dos seus maridos, e o asseio e a elegancia domestica, que são o culto externo da familia, para mendigarem nos bailes — coroadas de cabellos de defuncto refrisados de novo, envôltas na pompa miseravel de alguns metros de *bareje* pretenciosa, com velhos sapatos de setim e desbotadas flôres contrafeitas, — os sorrisos da vossa attenção e a banalidade dos vossos cumprimentos.

Quando foi que se disse ás esposas de empregados a 6000000 réis por anno, ás quaes constituem a maioria feminina da população de Lisboa, que estas suas pretensões de falsa elegancia são ao mesmo tempo profundamente melancolicas e profundamente ridículas? Que affectam a alegria intima na sua pacífica essencia? Que sobresaltam fatalmente a ambição e o amor do luxo? Que põem finalmente em grave risco de ser falseado o criterio por que deve ser julgada a existencia.

Cada noite de baile dá a cada uma d'essas mulheres uma hora terrivel de decepção e de desgosto. É a hora em que, ao voltar d'essa cousa que ella tinha por uma festa, mas de que regressa pensativa e triste como se viessè de um enterro, a mulher pobre, a sós no seu quarto, se encara pela derradeira vez no espelho do toucador, á luz mortiça de um pedaço de vela, e contempla sobre os seus cabellos suados as flôres cobertas de pó que tem na cabeça; a sua pobre bareje despedaçada no aperto das quadrilhas; achichelados os sapatos em cujo setim ella passara n'essa manhã uma rede pacientemente trabalhada; as faces descoradas pela fadiga morbida das salas; as costuras das luvas ennegrecidas pelo contacto das casacas pretas; nos vestidos o perfume que tinha o baile; e a pulsarem-lhe ainda no ouvido, com o bater do coração, as palavras

que o Estoiradinho lhe disse nos intervallos da valsa.

Essa mulher deita-se finalmente tendo-se esquecido de ir beijar os seus filhos adormecidos, e sabe Deus, sabe o padre confessor, sabe algumas vezes o Estoiradinho, o que é que ella sonha n'essas noites...

Qual foi de vós outros—ó liberaes que apedrejaes as irmãs da caridade—o que teve a coragem de dizer a essas mulheres, cuja educação vós tendes constantemente desprezado, que em nenhuma sociedade—não tão profundamente ignorante dos seus interesses mais vitaes como a sociedade portugueza—são taes costumes os de uma mulher ajuizada e honesta?

Qual de vós lhes narrou que na alta sociedade de Londres e de Paris só frequentam os bailes as senhoras que dão bailes, e estas têm dezenas de criados empoados e dourados nas suas salas; têm vinte lacaios nos seus peristylos, e pagam de ordenado ao chefe da sua cozinha mais do que recebe em Portugal o presidente do conselho de ministros?

Os inglezes que não têm meios para sustentar esse luxo (indispensavel para que se não tornem ridiculas as existencias de apparato) passam as suas noites em casa com a sua mulher e as suas filhas, o

seu amigo intimo, e o seu gato. As senhoras fazem musica, lêem, cosem ou desenham á luz do candieiro. A agua quente canta alegremente na chaleira de cobre, e o dono da casa com os pés no *fender*, ao pé do lume, consolado n'um *fauteuil*, honradamente coberto pelo *Times*, lê ou dorme — no seu posto.

O francez leva da *cave* para a casa em que se passa a noite uma garrafa de Bourgoigne, e emquanto a sua mãe, sentada n'uma cadeira de braços, com um *édredon* sobre os joelhos, joga uma partida de cartas com uma velha amiga, os amigos d'elle, que a beijam a ella na face, fazem estalar os seus paradoxos por entre o fumo dos cachimbos, e a esposa ensina a lêr os pequenos alegres em um livro de figuras, ou lhes prepara para a ceia as fatias de vitella assada com pão e manteiga fresca.

Desçamos porém a vista d'esses pequenos e luminosos paraísos domesticos para as baças regiões em que se acham em Portugal os padres aveirenses e os criticos liberaes.

A obrigação dos primeiros é fomentar a prosperidade e o engrandecimento dos institutos da sua igreja. A obrigação dos segundos seria consolidar a sociedade da familia, inabalavelmente, sobre as bases que primeiro lhe poz o Christianismo e que depois lhe reconstruiu a Revolução, que em 93 abo-

liu a família aristocratica — degeneração do primitivo principio christão, fundada no interesse e no arbitrio.

Ora em Portugal (dêmos graças aos politicos e aos sabios!) a família democratica, se não está inteiramente por fundar, está ainda por manter. A democracia não nos penetra porque em nosso interior nos falta a fé em que a democraria se baseia, a fé na dignidade humana e na santidade da terra. O portuguez tem ainda o seu coração no antigo estado inculto de se detestar a si e ao mundo em que vive, porque o portuguez desconhece ainda o homem e a natureza. O paiz inteiro está ainda no periodo juvenil das loucas phantasias, dos morbidos hysterismos, das vagas tristezas, das perennes indecisões, das estupidas incertezas, dos prazeres occultos e dos amores prohibidos — todos os vicios de uma puberdade sensual, ignorante e ociosa. É o que estamos representando, como um parenthesis nebuloso, no meio do mundo moderno.

Todos os estrangeiros notam, todos os viajantes consignam, todos os naturaes que regressam á patria depois da mais curta viagem por outras terras da Europa observam, que nós somos o paiz dos tristes, dos scismaticos, dos piegas, dos choramigas. Isto procede de sermos o paiz dos mandriões e dos ignorantes: a mandriice é a mãe do tédio; em seculo tão instruido como o actual a ignorancia não po-

de deixar de produzir uma tristeza desconsolada, abatida e profunda. Sim, queridos compatriotas, consocios e amigos! desenganemo'-nos bem d'isto: ninguem na Europa sabe menos; ninguem trabalha menos do que nós na Europa. Parece que só não foi para nós que os pensadores meditaram, que os historiadores escreveram, que os naturalistas pesquisaram, que os chimicos descobriram, que os philosophos averiguaram! Do microscopio e do telescopio, dos meios de alcançarmos o que não viamos por infinitamente pequeno ou por infinitamente distante para a grosseria e para a mesquinhez dos nossos órgãos, aproveitamos apenas binoculos para as *toilettes* de S. Carlos e lunetas para as physionomias do Passeio Publico.

E assim vamos pastando o nosso tédio, no inverno no theatro lyrico, no verão na *Deusa dos Mares!*

Ora homens assim não podem constituir familia democratica porque a familia, n'aquella alta acceção da palavra, baseia-se na satisfação, que é o fructo da sciencia da vida, e no trabalho, que é a expressão logica e positiva da fé.

Quereis combater o reaccionarismo, que vos converte em freiras as mulheres de que vós deverieis fazer mães de familia? Só tendes para isso um meio licito, legítimo e justo: é o de oppôr á propaganda catholica a propaganda democratica.

Em uma sociedade em que o marido se vae tornando tão raro como a phenix e em que o annel nupcial começa a ser tão precioso como o annel de Salomão, a mulher sem meios herdados de fortuna, ou se ha de fazer comparsa no theatro da Trindade, cigarreira na fabrica de Xabregas, costureira, creada de servir, concubina, ou irmã da caridade.

Segundo uma estatistica official que temos á vista o numero dos filhos illegitimos e dos filhos abandonados que se baptisaram em Portugal nos doze mezes do anno de 1866 foi de *Vinte e dois mil quinhentos e sessenta e oito*. Ao passo pois que os padres lazaristas nos apresentam pelo seu lado sete senhoras conquistadas, durante uns poucos de annos talvez, para um instituto de caridade, vós apresentaes-nos pela parte que vos toca vinte e duas mil quinhentas e sessenta e oito mulheres deshonoradas em um anno.

Inclinemo'-nos com a submissão que deve inspirar-nos a consciencia de uma profunda desorganisação moral deante do funebre cortejo d'essas desgraçadas martyres!

Antes de apedrejardes a sociedade religiosa pensae em organizar a sociedade domestica. Antes de prégardes o desprezo ás irmãs da caridade; deveis tratar de promover a gloria ás mães de familia.

Mais é isso o que ainda vos não occorreu fazer.

A unica cousa sagrada, que nós, homens de phi-

losophia, temos que oppôr como refutação da moral christã aos homens de—religião é a maternidade. A maternidade é o fim do amor, o qual a natureza fez tão dominativo e tão fatal como a fome, para que a humanidade se procreasse e persistisse no universo. A fome é o grito da conservação no individuo; o amor é o grito da conservação na especie. A moral religiosa, fazendo da temperança absoluta a virtude por excellencia nos eleitos do Senhor, estabeleceu um principio de assassinato para o destino physiologico do homem, e adduziu d'esse principio um código de legislação mystica, a que sómente podem submeter-se ou eunuchos ou hypocritas.

Por tal motivo para ter o direito de desprezar a freira é preciso, primeiro que tudo apprender a honrar a mãe. Ora, por uma das mais absurdas contradições do raciocinio o que succede é o seguinte: Ao mesmo tempo a que a mulher que faz votos eternos de castidade, entrando para o convento, é para vós um objecto de rancor, a mulher que concebe, entrando na natureza, é para vós mesmos tambem um objecto de deprêzo, sempre que a Igreja lhe não assistiu, sempre que o padre a não abençoou! E não attentaes nem de leve em quanto ha de idiota na complicação d'este criterio: para a freira pedis a liberdade da natureza, para a mãe exigis a sanção do sacramento; e ao mesmo a que quereis

arrancar violentamente do claustro a mulher que vae para monja, atiraes ao monturo, á prostituição, ao infanticidio ou á morte a vossa cozinheira, desde que ella manifesta os primeiros indicios de ir para mãe.

Assim entre o padre, que tudo santifica, e a critica liberal, que tuda perturba, a mulher que prefere o padre é a que melhor escolhe.

Sois no emtanto coherentes: fechastes as portas do Casino, é logico que arrombeis pelo mesmo principio as portas do convento de Sá!

Uma só cousa vos pediremos por ultimo que nos expliqueis. O que quer a imprensa liberal que se entenda por esta cousa a que ella chama a *Religião do Estado*, e qual o modo preciso como o cidadão deve considerar os seus deveres perante essa disposição da Carta regulamentada pela policia, pela opinião, ou pelo arbitrio? Os conferentes que no Casino se separaram do catholicismo foram supprimidos. Os padres que em Aveiro se cingem ao catholicismo são injuriados. Se não tiverdes a bondade de nos esclarecer sobre qual seja, entre essas duas manifestações da vossa crença, a religião que seguis, concluiremos que não sois senão hypocritas.

XXVII

Parece que no convento de Sant'Anna, em Coimbra, vive apenas uma freira. Um jornal d'este mez tomou conta d'este facto, que teve a bondade de considerar escandaloso, verberando o desprezo da lei com que o governo permite que no convento de Sant'Anna, em Coimbra, viva apenas uma freira.

Este jornal, bem como o espirito canonico e a maior parte dos periodicos liberaes portuguezes, entende que desde que n'um convento de freiras não ha senão poucas freiras, o que o governo pode fazer de mais sabio, de mais generoso, de mais administrativo, e de mais digno, é dirigir-se a essas senhoras e expulsal-as da casa que lhes pertence. Quando no convento — oh! repulsivo escandalo! — não existir, como no caso presente, senão uma religiosa, então o governo, se elle tivesse da liberdade a verdadeira opinião, não só deveria desde logo expulsal-a mas talvez mesmo não fizesse mal batendo-lhe.

Pois que! Não! essa indigna senhora deve ser

atirada á rua como um velho trapo. Ella não pode merecer dos descendentes dos grandes homens de 34, dos companheiros do libertador, dos sete mil e quinhentos das praias do Mindello, etc., senão execração e desprezo. Um velho cão leproso e infecto deixa-se apiedadamente morrer de caducidade e de podridão a um canto do canil, mas uma freira velha e só, pede toda a justiça, toda a razão e todo o constitucionalismo que se deite fora do seu mosteiro.

Ah! vieste para o convento de Sant'Anna, em Coimbra... Teus paes deram á commuidade o dote que te destinavam e que te proporcionaria um *coupé* ou um camarote na Opera, se tu não tivesses preferido a clausura?

Aos 16 annos cortaram as tuas louras transas, vestiram-te de branco, entraste na egreja cheia de luzes e de flôres; ao alegre repicar dos sinos; tocava o orgão; o chão estava coberto de pessoas ajoelhadas; as capas de asperges recamadas de ouro scintillavam nos degraus do altar-mór; das jarras com flôres que guarneciam os capiteis das columnas exhalava-se o dôce perfume das rosas e dos junquinhos; os raios do sol passando pela vidraça de côres cortavam em longas fachas escarlates e côr de topasio as nuvens de insenso que sahiam do thuribulo de prata balançado pelo sacerdote; as tuas jo-

vens companheiras cantavam em cõro em volta de ti; tu, de joelhos, prostrada, com o coração palpitante, entregavas-te a Deus, dôcemente embriagada nas harmonias licorosas do mystico festim. Tua mãe no emtanto, vestida de preto, a um canto da egreja, olhava a miuda gelosia que encerrava o cõro em que desapareceras para o mundo, e chorava, revolvendo na memoria scenas passadas da tua meninice.

Entraste depois na tua pequenina sella, alva e lustrosa como um altar.

Um anno mais tarde professaste, e ahi jazeste para sempre.

Quantas lagrimas, pobre menina, innocente desterrada! quantas saudades, quantas máguas ao contemplares d'entre os ferros do teu carcere as ineffaveis doçuras da natureza, os pittorescos aspectos da vida livre, que a tua pequena paizagem te offerencia! o trabalho que canta e que ri nos campos, no tempo das ceifas, sob o sol rutilante; a caleça de viagem destacando-se na estrada amarellada, no alto da collina, sobre o infinito azul do céo; o gemer das guitarras, de noite, ao luar, em uma volta do Mondego, n'um barco negro em que vão estudantes a cantar!

Por fim as saudades esmoreceram lentamente no teu coração, até desaparecerem, como desapare-

cem do espirito os projectos, os sonhos e as alegrias da mocidade quando a mocidade acaba.

Depois para ti, pobre senhora, o teu convento tomou perfeitamente as proporções do teu mundo. As quatro paredes da tua clausura eram para ti um emispherio. Ahí tinhas a tua sociedade, instituições, historia, futuro, projectos, ambições, negocios, prazeres, visitas, passeios e viagens.

Finalmente os noviciados acabaram, as profissões tambem acabaram. O teu mundo, condemnado a afundir-se em pouco tempo, tornou-se triste e lugubre como seria o nosso se n'elle acabassem os nascimentos.

Com o correr dos annos os obitos foram-se tornando mais frequentes. As tuas conhecidas, as tuas amigas, as tuas companheiras, foram progressivamente rareando em volta de ti, e desapparecendo a pouco e pouco. Tu mesma as acompanhaste uma por uma ao seu derradeiro jazigo; e no meio de tochas, por entre as sombras phantasticas formadas pelas arcadas do claustro, viste sumir-se successivamente na terra, como frias estatuas de marmore branco, os cadaveres de todos os entes que durante quarenta annos conheceste e amaste.

Estás emfim só. Rezaste a ultima oração sobre a campa da derradeira monja que morreu. Todo o teu passado, toda a tua existencia, todo o teu mun-

do, ahí está sepultado debaixo d'essas lages, sobre as quaes o teu passo trôpego e as tuas largas sandalias produzem um som cavo e mortuario.

De todas as tristezas, de todos os sobresaltos, de todos os desalentos que passaram n'essa casa tu foste successivamente a herdeira e a depositaria. Seria porventura justo que fôsses egualmente a herdeira e a depositaria dos bens temporaes, que pertenciam legitimamente á tua communidade, o que é exactamente o mesmo que dizemos á tua familia? Não! É bem certo que estás só? que é profundo, completo, inexcedivel, o teu infortunio? Bem: n'esse caso—rua! Precisamos da tua igreja para uma estrebaria e do teu claustro para um jôgo da bola. Rua!

Occorre-nos uma cousa, que vamos lembrar ao governo.

Tendes ouvido falar nas emparedadas? A comprehensão que tendes da liberdade obriga-vos a prohibir a freira; a emparedada no emtanto poderá ser talvez tolerada. Uma lembrança pois: Emparedae a freira sobrevivente do convento de Sant'Anna de Coimbra. Debaixo de uma d'essas lapides está uma cova aberta a esperar por ella. Enterrae a.

E depois de pacificado o mundo por esta forma, como nada mais sabeis fazer, dae vivas á Carta, e tocae o hymno!

XXVIII

O *Diario de Noticias* tem ultimamente preenchido uma parte importante das suas columnas com a relação das esmolas feitas por intermedio d'aquella folha, a qual é indubitavelmente um dos primeiros centros de caridade que tem Lisboa.

Como instituição litteraria e jornalística nada se nos offerece objectar ao programma do *Diario de Noticias*. Como instituição de beneficencia, ha de permittir esta folha que tomemos a liberdade de lhe dirigir algumas leves considerações.

Primeiro que tudo, a caridade não é uma virtude social. Ha annos que essa palavra foi riscada da lista das boas intenções humanas e substituida pela palavra *Assistencia*, que principiou a ser empregada em França desde 1848.

Assistencia, segundo então a definiu um dos relatores da Assembléa Nacional, é *a solitudine da sociedade entrando na casa do operario para a tornar mais saudavel, na sua officina para lhe dar ar mais*

puro e trabalho menos perigoso, facilitando as suas economias, animando a sua previdencia, acudindo-lhe em todos os momentos de inacção involuntaria, curando-o nas suas doencas e nas suas enfermidades, dando-lhe o seu apoio para os dias estereis, e muitas vezes abandonados, da sua infancia ou da sua velhice.

Assim considerada a *assistencia* tem uma natureza diversa da *caridade*, porque ella não é unicamente o soccorro, é principalmente a previdencia.

A esmola é um auxilio ao pauperismo. Ora com relação ao pauperismo a obrigação das sociedades modernas não é auxiliá-lo é supprimil-o. Um individuo pode talvez particularmente eximir-se de ajudar a sociedade, obedecendo ao puro sentimentalismo e soccorrendo caridosamente o seu semelhante infeliz. Um jornal, com a influencia que o *Diario de Noticias* exerce sobre os sentimentos dos seus leitores, não pode, sem atrazar o progresso, converter-se n'um vehiculo de mendicidade.

Deante do problema da miseria o dever de todo o jornalista não é acudir ao miseravel, é resolver o problema que o envolve ou contribuir para isso na medida das suas forças.

Um sacerdote christão, o reverendo Caird, proferindo ha tempos um sermão sobre a caridade no ultimo congresso para o adeantamento das sciencias sociaes em Glasgow, tomou para thema do seu dis-

curso as palavras do Apostolo: *Accrescentae á vossa fé virtude e conhecimento*. E n'este sermão o ministro de Jesus expoz, sob a sua auctoridade evangelica, que o dever do bemfeitor christão não é esperar que as doenças e os vícios se manifestem para os alliviar; consiste pelo contrario em estudar as condições em que vivem as classes pobres, o seu dispendio em trabalho, a natureza dos seus alimentos, a qualidade da sua habitação, para em seguida activar a diminuição ou a suppressão das doenças e dos crimes.

O reverendo Caird entende que o mais importante dever da religião não é preparar o homem para o outro mundo mas sim tornar o mundo em que estamos melhor, mais sabio e mais feliz.

Se pode offerecer alguma duvida theologica que seja essa a alta missão social da religião, não offerece duvida de nenhuma especie que é essa pelo menos a sagrada missão irrevogavel da imprensa moderna.

Desde a sua apparição até hoje o *Diario de Noticias* tem distribuido em Lisboa uma forte somma de contos de reis em esmolas. Diminuiu por esse facto a pobreza de Lisbôa nos ultimos doze annos? Não. A pobreza, pelo contrario, augmentou.

Se o *Diario de Noticias* distribuir este anno du-

zentos contos de esmolas, para o anno proximo será duzentas vezes maior o numero dos seus pobres.

No entanto a instrucção obrigatoria foi estabelecida na Prussia em 1819. Doze annos depois as estatisticas mostraram que o pauperismo, como a criminalidade, diminuiu quarenta por cento. O que quer dizer: que a instrucção obrigatoria, no curto espaço de doze annos, reduziu os pobres a quasi metade.

Quer o *Diario de Noticias* minorar a miseria? Promova por meio dos escriptos dos seus redactores o decreto da instrucção obrigatoria. Faça uma subscrição e funde um premio para aquelle que conseguir provar, com os numeros estatisticos na mão, que a somma dispendida com a instrucção obrigatoria será plenamente compensada com a economia proporcional da beneficencia nos hospitaes, nos recolhimentos, nas enfermarias militares, nos lucros resultantes do augmento do trabalho, na diminuição do custeio das cadeias, e na sustentação dos criminosos.

Em uma cidade ingleza, Salisbury, o numero dos casos de tísica diminuiu na razão de quarenta e nove por cento depois do estabelecimento de um systema perfeito de exgottos.

Quer o *Diario de Noticias* minorar a miseria?

Abra uma subscrição cujo producto seja applicado a retribuir o mais perfeito plano da drenagem e da canalisação da cidade. Estude a creação de uma receita equivalente á despesa em que importar a realisação d'esse plano, e faça presente de tudo á municipalidade de Lisboa.

Um grande hygienista, o doutor Lyon Plaifair, diz: «Se nós tornassemos a casa do nosso operario honesto tão sadia como a cella do malfeitor, augmentariamos oito annos productivos á vida dos nossos trabalhadores.»

Quer o *Diario de Noticias* minorar a miseria? Peça o auxilio dos seus subscriptores para a edificação de novos bairros nos suburbios de Lisboa com *cottages* no genero dos da fundação Peabody, servidos a infimos preços por carreiras de *tramways* ou de um caminho de ferro de via reduzida.

Acha-se hoje demonstrado que a maior parte dos operarios vão embriagar-se nas tabernas, não tanto levados por uma inclinação viciosa, como por um instincto de sociabilidade. Ao sahir de casa, elles têm menos o intuito de beber que o de estar reunidos.

Quer o *Diario de Noticias* minorar a miseria? Funde, por meio de uma subscrição especial, o

club operario, aberto á noite, com uma bibliotheca e um gabinete de leitura.

Nas nossas escholâs de instrucção primaria os conhecimentos ministrados ao alumno resumem-se na grammatica, que elle não entende, na doutrina christã, que o Estado lhe não deve ensinar, e n'uma série de anedotas desconnexas chamadas um resumo de historia ou de geographia, em que elle apenas apprende alguns nomes e algumas datas inuteis nos usos da vida pratica.

Quer o *Diario de Noticias* completar o ensino elementar primario contribuindo assim efficazmente para coarctar a miseria? Applique as suas subscrições de beneficencia á publicação de pequenos compendios perfeitos de principios de *cosmographia*, das applicações mais geraes da *chunica* e da *physica* aos usos quotidianos, de *anatomia do corpo humano*, de *hygiene particular*, de *economia domestica*, e dê esses indispensaveis livrinhos a titulo de *brinde aos assignantes*, ou venda-os ao preço do custo aos seus milhares de leitores.

Nos ultimos dias santos do corrente mez era-nos impossivel percorrer qualquer rua habitada pela classe operaria sem sermos assaltados por um enxame de creanças pedindo esmolâs para Santo Antonio,

para S. João, para S. Pedro. Estes pequeninos, repellidos, reprehendidos, injuriados algumas vezes, outras vezes castigados pelo transeunte, apprendiam assim, brincando, a ser pedinchões, impertinentes, cabeçudos, a receberem dinheiro do acaso, a humilharem-se indignamente no seu brio e na sua dignidade de pequenos homens e de futuros cidadãos.

Quer o *Diario de Noticias* sustar a miseria, cujos embriões se annunciam n'esta degradação da infancia? Exerça a sua auctoridade corrigindo este deploravel uso do povo, e convide a policia a considerar como muito mais offensiva da civilisação a mendicidade publica sob pretexto da cêra para os santos do que a mendicidade publica sob pretexto da fome para o pedinte.

Ha poucos dias ainda uma penhora de que fôra victima uma familia infeliz levou o *Diario de Noticias* a apiedar-se de uma desgraçada inquilina vexada pelo exercicio do direito de um proprietario, e levantou em favor dos opprimidos por este caso particular uma subscrição que subiu a 200.000 réis.

O que porém se nos figura que o alludido periodico deveria fazer n'este caso era combater a lei dos contratos sobre a propriedade, cujas consequencias produzem logicamente e legalmente semelhantes resultados.

Soccorrendo por meio da esmola a familia aggravada pelos effeitos da lei vigente, o *Diario de Noticias* não só não contrariou a existencia do mal, mas desenvolveu-o muito. E é esse o maior inconveniente da esmola: a esmola sobrecarrega immensamente o péso da iniquidade social. Quantas familias infelizes no caso d'aquella que a subscrição protegeu! Quantos inquilinos penhorados nos ultimos restos da sua pobre fazenda, escarnecidos pela excepção odiosa de um, a quem uma subscrição tornada publica offerece a prosperidade denegada a todos os outros?!... De modo que o mesmo factó, que constitue um beneficio para um, representa para duzentos o supplicio de uma exclusão cruel.

Devotando uma grande porção de tempo e de trabalho desinteressado á beneficencia publica, tal como ella é geralmente entendida, o *Diario de Noticias* manifesta as mais honradas e as mais dignas intenções. É uma desgraça que a sua poderosa influencia no espirito do publico se não aproveite, como elle certamente deseja, para o bem geral. Na Inglaterra, na Allemanha, nos Estados-Unidos, em França, a philantropia abandonou como nociva, desde muitos annos, a pratica da esmola. A verdadeira philantropia exerce-se fundando as instituições de economia, de previdencia, de instrucção,—unicos

meios de elevar o nível moral do povo e de accrescentar a felicidade social.

Na Allemanha o dinheiro das pessoas caridosas destina-se principalmente aos progressos da instrução; e é em grande parte á philantropia que a Allemanha deve o desenvolvimento a que têm chegado as suas trinta e seis universidades, as mais completas e as mais admiraveis do mundo.

A philantropia franceza applica-se mais principalmente ao aperfeiçoamento moral, laborando assim no grave erro de considerar o progresso moral independente do progresso intellectual, quando a moral não é pelo contrario senão uma das conquistas intellectuaes dos espiritos cultos.

Depois da ultima guerra a França procura emendar esse erro, origem de grande parte dos seus desastres, e é importantissimo o movimento da iniciativa particular para esse fim.

No ultimo numero do *Journal des Savants* lêmos na lista dos premios distribuidos pela Academia das Sciencias na sessão de 29 de abril ultimo, a enumeração dos seguintes, fundados pela iniciativa de particulares:

O premio Victor Cousin, de 3:000 francos, *para uma memoria de philosophia.*

O premio Odilon Barrot, de 7:500 francos, *para a melhor memoria sobre os melhoramentos a intro-*

duzir no processo criminal e no processo civil em França.

O premio Léon Faucher, de 3:000 francos, para o estudo da influencia economica exercida pelos recentes meios e vias de communicação por terra e por mar.

O premio quinquenal fundado pelo fallecido barão Felix de Beaujour, no valor de 5:000 francos, distribuidos todos os cinco annos como premio alternado da *melhor obra sobre o estado do pauperismo em França e meios de o remediar*, e da melhor memoria que se apresente para o *desenvolvimento da agricultura em França.*

O premio Stassart, de 3:000 francos, para o melhor estudo da *razão da diversidade que possa existir nas opiniões e nos sentimentos moraes das diferentes classes sociaes.*

O premio Bondin (assumpto de philosophia) 2:500 francos.

O premio Bischoffsheim, de 5:000 francos, para a melhor memoria sobre este ponto: *Do capital e das suas funcções na economia social. Mostrar como o capital se forma, se amontoa, se reparte, se conserva, e quaes os serviços que elle presta á producção. Investigar e expôr as regras que devem presidir ao emprego do capital, assim como ás riquezas e aos rendimentos que elle concorre para produzir.*

O premio Crouzet, triennial, de 2:000 francos, para subsidiar o melhor livro sobre *questões politicas e sobre a questão religiosa*.

Na Grã-Bretanha e nos Estados-Unidos o espirito philantropico tende mais particularmente a resolver de um modo pratico o problema economico. É a esta tendencia que se devem as associações e os congressos para o desenvolvimento dos estudos sociaes e as famosas instituções :

Da edificação das casas baratas da Philadelphia;

Dos 555 clubs populares da Inglaterra;

Das casas da fundação Peabody;

Dos dormitorios das creanças em New-York;

Da cidade operaria do parque Shafterbury;

Do familisterio de Guise; das cités ouvrières de Mulhouse, e de outras fundadas na Belgica pelos srs. de Andrimont;

Das grandes associações de cooperação e de economia dos Estados-Unidos intituladas: *Os filhos do trabalho; Os defensores da justiça; Os cavalleiros da honra; Os soberanos da industria; Os patronos da agricultura*, cuja primeira loja ou granja foi fundada em 1867, existindo actualmente 20:500, e sendo o numero dos associados de perto de dois milhões! As vantagens que offerecem estas associações dos agricultores augmentam 50 p. c. de lucro sobre o trabalho da terra. Só no Estado da Pensylvania o

numero das *granjas* subiu, dentro de um anno, de 6 a 800.

A cada uma d'essas instituições de economia e de instrucção está ligado o nome de um cidadão illustre, que, dispondo apenas de algum dinheiro e de alguma boa vontade, dotou a humanidade com um immenso beneficio, de acção permanente e eterna na moralisação e na prosperidade do homem.

Possa o *Diario de Noticias* attender a esta singel-
la exposiçào, e remover a tendencia caritativa dos
seus assignantes, da immoralidade da esmola para
a efficacia dos legitimos beneficios, os quaes a so-
ciedade portugueza tem até hoje esperado, constan-
temente debalde, da iniciativa apathica dos seus
homens ricos.

XXIX

Li ávidamente, de um só fôlego, no espaço de
duas horas, *A Velhice do Padre Eterno*, e nada me
seria mais difficil do que resumir em poucas pala-
vras a impressào que me deixou essa leitura.

Eis aqui duzentas paginas de poesia, encerrando os versos mais cheios, os mais sólidamente fabricados, os mais limpidos, os mais sonoros, que ha muito tempo vibram em lingua portugueza até o mais intimo da minha alma :

As arvores que outr'ora em dias de calor
Abrigavam Jesus, cheias de mágua e dôr,
Sonhavam, na mudez herculea dos heroes.
Deixaram de cantar todos os rouxinoes.
Um silencio pesado amortalhava o mundo.
Unicamente ao longe o velho mar profundo
Descantava chorando os psalmos da agonia.
Jesus, quasi a expirar, cheio de dôr, sorria.

.....

De mistura com versos d'essa larga majestade elegiaca, ha versos mais triviaes :

Santa Preguiça — Santa que consolas,
Santa Preguiça — não ha nada igual,
Santa Preguiça — a um bom colchão de molas,
Santa Preguiça — e mais etcœt'ra e tal !

No conjunto porém d'essa metrificacão accidentada, escabrosa, vigorosamente martellada na bigorna, fazendo chispar em turbilhão nebulosidades fumarentas e scintillações luminosas, salpicos de lama e pulverisações de brilhantes, ha toda uma fanfarra

guerreira e triumphante, que deixa no ouvido um echo retumbante de peleja e de victoria.

Aquelle que fala n'esta bella lingua, pór vezes um pouco emphatica, mas atrevida e joven, febril e nevralgica, seductora emfim, é um poeta espiritualista, um crente á Lamartine e á Hugo, um blasphemo á Chateaubriand e á Byron, um entusiasta em summa, para quem o universo é um templo, a alma immortál do homem uma desgregaçáo da Divindade, e a vida uma gravitaçáo mysteriosa dos seres em tórno de um foco providencial, omnipotente e infinito.

Creio que Deus é eterno e que a alma é immortal

.....

Sim, creio que depois do derradeiro somno
 Ha de haver uma treva e ha de haver uma luz
 Para o vicio que morre ovante sobre um throno,
 Para o santo que expira inerme n'uma cruz.
 Tenho uma crença firme, uma crença robusta
 N'um Deus que ha de guardar por sua propria mão
 N'uma jaula de ferro a alma de Lucusta,
 N'um relicario d'ouro a alma de Platão.

.....

Estamos longe d'esse amargo nihilismo que mais ou menos transparece atravez de toda a obra de arte contemporanea, como o fundo tenebroso sobre

que relampejam as idéas, estrellas cadentes no infinito abysmo.

O que é toda a grande litteratura moderna na poesia, no romance, nos estudos psycholicos, senão o grito sobreagudo da alma do seculo, sentindo-se afundar no universal naufragio de todas as crenças?

A espontaneidade irracionada, que fazia outr'ora cantar as phrases e os versos, como cantam as aves, pela dôce e expansiva fatalidade de um amavel destino, desapareceu para sempre.

Todo o artista de hoje é um mais ou menos temerario investigador do segredo do universo, regressando da sciencia como Dante do inferno, pallido da commoção do tragico desengano.

Toda a psychologia de Balzac na *Comedia Humana* sae da theoria transformista. «O animal— diz elle no prefacio geral da sua obra—é um principio que toma a sua forma exterior, ou, para falar mais exactamente, as differenças da sua forma, no meio em que é chamado a desenvolver-se... Eu vi que a sociedade é como a natureza.»

Flaubert, Zola, os dois Goncourts, Daudet, são, como Balzac, da mesma arvore genealogica a que pertencem Lyel, Rossi, Büchner, Bagehot, Herbert Spencer, Huxley, Stewart Mill, Comte, Taine e Littré.

A desconsolação íntima e profunda, que constitue o cunho característico dos romances d'esses escriptores,—de todos os que mais nos commovem e nós interessam, porque d'entre todos são elles os que mais realmente nos offerecem a imagem dos nossos proprios estados nervosos,—o seu apparente pessimismo, a vaga sombra de misanthropia que envolve todo o seu processo de analyse e de evocação creativa, não são, como alguns cuidam, casos esporadicos do mal extravagante a que podemos chamar a doença de Schopenhauer. São simples documentos artisticos da enfermidade geral do seculo.

Um discipulo de Augusto Comte, o dr. Audiffrent, applicando á pathologia a lei da evolução biologica e social, estabelece que toda a doença, ao completar a sua trajectoria, apresenta tres phases progressivas: a phase vegetativa, a phase animal e a phase cerebral. Demonstrando que desde a queda da Edade-Média o Occidente padece uma enfermidade chronica, originada na ruptura da unidade catholico-feudal, diz que essa doença teve primeiro um character metaphysico, e por fim o character social, que ainda hoje apresenta e que conservará até que se conclua a obra da revolução moderna.

E o mesmo phenomeno observado na marcha das grandes epidemias, as quaes o pensador a que me refiro, divide em epidemias demonopathicas nos se-

culos xv e xvi, epidemias espiritopathicas no seculo xviii, e epidemias sociopathicas no presente seculo.

A tristeza morbida dos nossos ideaes procede d'esta crise em que se envolve o pensamento moderno: faltou-nos a segurança estavel da fé, e ainda não encontramos fundo sufficientemente solido em que mordesse e agarrasse a ancora da certeza scientifica.

Naufragamos todos.

De conjectura em conjectura, de hypothese em hypothese, vamos succesivamente dando á costa uns atraz dos outros, allucinados, na politica, na arte e na critica, pela miragem do *facto positivo*, cujo fundo real nem attingimos, nem explicamos, nem comprehendemos.

Haeckel diz-nos serenamente: «A força de crystallisação, o pêso, a afinidade chimica, são na sua essencia phenomenos tão inintelligiveis, como a hereditariedade e a adaptação.» E o philosopho consola-se e jubila com a acquisição de mais esta verdade:—Que toda a sciencia humana tem limites que a circumscrevem, impedindo-a de chegar já-mais ao fundo real do conhecimento.

Para o contentamento de um philosopho basta isso. Para o de um artista, não.

O sentimento da belleza divina, immutavel e

eterna, que é a alma da arte, não se concilia com uma mera explicação do destino do homem, com a estreita perspectiva de um universo limitado ao fundo por uma cortina que se não correrá jámais.

O catholicismo deu á Italia e á Hispanha e deu a Portugal os maiores escriptores e os maiores poetas do mundo moderno, porque o catholicismo explicou tudo, satisfez pela interpretação das Sagradas Escripturas e pela posse da revelação divina todas as aspirações e todas as curiosidades da alma humana: determinou inteiramente a historia da criação, as origens e os fins do universo, o destino eterno do homem na especie e no individuo.

Esse maravilhoso corpo de doutrina, que se chamou a sagrada theologia e que representa o maior monumento intellectual que a humanidade concebeu, é hoje como um planeta arrefecido e exausto. Consumiu-se lentamente para se renovar com igual lentidão na combinação de novas formas, como tudo se consome na tragica natureza; e do que fôra no mundo moral um tão poderoso foco de attracção e de vida, como é o sol no mundo physico, resta apenas no horisonte do espirito um pallido clarão saudoso, infecundo, esterilizado, a cuja luz, como á dos brancos luares, vagueiam ainda, desfolhando a deradeira margarida, algumas poeticas figuras de mulheres, e alguns phantasmas de sacerdotes errantes,

que, pelo vestigio deixado pelas flores espalhadas do sentimento, vão procurando o caminho perdido dos velhos altares.

Na falta de *causas eternas*, os artistas, famintos de absoluto, investigam os *effeitos immutaveis*, no que fica do homem quando n'elle se extingue a visão do infinito, a saber: a miseria das paixões, tendo por movel a fatalidade dos temperamentos. Tal é a base de toda a esthetica do naturalismo no romance e no drama contemporaneo.

* Dissolvido o laço religioso que prendia o homem á Divindade pela aspiração ideal, tornou-se indispensavel, para o equilibrio da figura humana nas representações artisticas, determinar as novas relações de causa a effeito, que ligam o homem á especie, á raça, ao solo, ao clima, aos aspectos da paizagem e ao meio sociologico.

D'ahi o desenvolvido scenario, tão escrupulosamente e tão minuciosamente definido e particularizado nos romances de Queiroz, de Zola, de Tourguéniéff e dos Goncourts. D'ahi a escolha do assumpto entre os accidentes da vida social mais directamente determinados por leis positivas, scientificamente comprovadas. D'ahi a preferencia dada no estudo dos caracteres aos personagens de indole inferior, porque são elles os que mais fielmente representam a média humana, e os que menos resistencia de ex-

cepção offerecem á fatalidade evolutiva de cada estado social.

O *naturalismo*, no intimo da sua fórmula, não é finalmente senão a arte indifferente ao *sobrenaturalismo*, a arte prescindindo, na mechnica social, da mesma *hypothese* de que Laplace prescindiu na mechnica celeste.

A alma poetica do nosso tempo não ficou naturalmente indifferente á crise da religião, ao vácuo feito em todo o mundo moral pela descrença moderna.

No doloroso poemeto *La Colombe*, que Flaubert considerava como a profissão de fé historica do seculo XIX em materia religiosa, Louis Bouilhet exclama, dirigindo-se a Jesus triumphante ao desabar do paganismo:

Tu régnaís sans partage, au ciel et sur la terre;
Ta croix couvrait le monde et montait au milieu;
Tout, devant ton regard, tremblait, — jusqu'à ta mère
Pâle éternellement d'avoir porté son Dieu.

Mais tu ne savais pas le mot des destinées,
O toi qui tri omphais, près de l'Olympe mort;
Vois: c'est le même gouffre... avant deux mille années
Ton ciel y descendra — sans le combler encore!

E, recordando a melancholia de um velho sacerdote do tempo de Justiniano, ao levar a offerenda da ul-

tima pomba ao ultimo deus do Olympto, o poeta
accrescenta :

Ton dernier temple, o Christ, est froid comme une tombe ;
Ta porte n'ouvre plus sur le vaste Avenir,
Voilà que le jour baisse et qu'on entend venir
Le vieux prêtre courbé, qui porte une colombe !

Leconte de Lisle desce ainda mais profundamente
que Bouilhet ás solidões tenebrosas que o anniqui-
lamento da fé deixou no fundo do entristecido co-
ração humano :

Vertu, douleur, pensée, espérance, remords,
Amour, qui traversais l'univers d'un coup d'aile,
Qu'êtes-vous devenus? l'âme, qu'a-t-on fait d'elle
Qu'a-t-on fait de l'esprit silencieux des morts?

.....

Encore une torture, encore un battement,
Plus rien. La terre s'ouvre, un peu de chair y tombe,
Et l'herbe de l'oubli, cachant bientôt la tombe,
Sur tant de vanité croît éternellement

.....

Oubliez, oubliez, vos coeurs sont consumés ;
De sang et de chaleur vos artères sont vides.
O morts, morts bienheureux, en proie aux vers arides,
Souvenez-vous plutôt de la vie et dormez.

Ah! dans vos lits profonds quand je pourrai descendre,
Comme un forçat vieilli qui voit tomber ses fers,
Que j'aimerais sentir, libre des maux soufferts,
Ce qui fui moi rentrer dans la commune cendre !

Tal é a nota da commoção dominante em dois dos mais puros artistas, nos dois poetas da nossa raça latina, que mais decisiva influencia tiveram no ideal moderno depois de Lamartine, Hugo, Musset, Espronceda e Manzoni; nos dois chefes parnasianos, que mais transcendentemente se occuparam em cunhar com fidelidade na magnificencia da rima a imagem lyrica, sem descerem nunca a lisonjear ou a divertir o publico por meio das deformações de sentimento e de palavra, com que de ordinario a obra escripta se recommenda ao espanto inglorio da popularidade.

Os de temperamento mais expansivo e exaltado, encolerizam-se, esbravejam, protestam pelo insulto, pela raiva ou pelo desdem, como Richepin, como Mme. Ackerman, como Charles Beaudelaire. «Não, pobres homens, meus irmãos — exclama Richepin — não appareceu ainda o que ha de plantar em nosso

cerebro a flôr da nova fé sobre o velho estrume do passado. Do poço da verdade içamos um balde cheio de grãos de areia, a que chamamos factos. E d'ahi?... O que o nosso coração desejaria vêr és tu, ó *Causa*, ó esphinge! És tu, Verdade essencial, cuja porta de diamante procuramos em vão desgastar com a corrente das nossas lagrimas! Essa porta fechada, ou por supplicas ou por ameaças quero abril-a. Hei de lhe bater aos murros e ás marradas até o meu ultimo suspiro. E, se para o lado de lá não ha nada, que eu o saiba!»

E Beaudelaire, ao acabar de colligir esse venenoso herbario do *spleen* e do tédio, que elle intitulou *As flôres do mal*, conclue:

*Nous voulons, tant ce feu nous brûle le cerveau,
Plonger au fond du gouffre, Enfer ou Ciel, qu'importe?
Au fond de l'inconnu pour trouver du NOUVEAU!*

Felizmente para Guerra Junqueiro, não é n'essa devoradora incerteza de toda a imaginação moderna que a sua musa se debate.

André Chenier dava aos poetas este preceito esthetico.

Sur des penses nouveaux faisons des vers antiques.

Guerra Junqueiro, parecendo haver adoptado como regra a inversão d'essa fórmula, deu-nos no seu poema um livro de pensamentos velhos feito com versos novos.

O defeito capital d'esta obra — e quando digo *defeito*, refiro-me ao elemento constitutivo que a impede de ter no movimento geral das idéas o logar que o talento do auctor deveria preencher — consiste na recorrencia ao vago deismo dos livres pensadores do seculo passado, a essa especie de pantheismo poetico, que é a religião de Junqueiro.

Se a palavra *religião* vem de *religare* — unir —, nada mais irreligioso do que esse theismo arbitrario, que dá a cada homem uma opinião pessoal, diferente da dos outros, ácêrca da essencia, dos caracteres e dos attributos da Divindade. Esse tem sido na orientação psychologica do nosso seculo o principal elemento perturbador da unidade politica, da unidade philosophica e da unidade artistica da sociedade europea.

Bem sei que é de tal modo dominador o atavismo da religiosidade na constituição cerebral dos homens da nossa raça, que raro será o materialista mais convicto que no fundo da sua consciencia não tenha uma especie de Deus a seu modo, que elle directa ou indirectamente reconhece, combatendo-o ou desprezando-o. Mas esse Deus, de uso individual

ou domestico, que cada um affeição á sua imagem e semelhança, accommodando-o ao seu proprio temperamento e ao seu character, na medida especial da sua intelligencia e dos seus appetites, esse Deus de cada um, uma vez trazido ao exame de todos, decae em proporções lastimaveis de confusão e de mesquinhez.

Pode parecer pueril o acreditar ainda em um Padre Eterno, representado por um manequim de barbas de algodão em rama e capa de damasco amarello, tendo sobre a cabeça o volatil branco e aos pés o globo azul estrellado de ouro, servido de hostias e de incenso por chantres roufenhos e por conegos barrigudos e tabaquentos. Ha porém uma cousa mil vezes mais pueril do que essa crença, que tem por base o piedoso respeito de centenaes de gerações consecutivas e o culto feito das alegrias e das tristezas, dos sorrisos e das lagrimas de toda uma raça. Essa outra cousa, mais inverosimil e mais insensata, é imaginar qualquer de nós que, com a sua prosa ou com a sua poesia, com as suas ironias e com os seus epigrammas, com os seus couplets descriptivos e com as suas romanças sentimentaes, poderá jámais fazer em algumas paginas de phantasia um Deus mais consentaneo ao ideal humano do que aquelle que nossos paes constituiram em seculos de fé ardente e de convicção profunda.

Oh! nós temo-nos rido bem da classe ecclesiastica, mas nunca nos riremos tanto dos sacerdotes da religião velha como elles se devem ter rido durante os ultimos cem annos de todos os fabricantes de novas theogonias!

Quando a religião toma o caracter de raciocinio ou de sentimento individual, como a que Junqueiro professa, ella é respeitavel como toda a aspiração desinteressada do espirito para os mais perfeitos ideaes da eterna justiça, mas não tem cabida entre os interesses collectivos da philosophia e da litteratura do nosso tempo.

Por tal motivo *A Velhice do Padre Eterno* fará enfurecer o clero minhoto, os conegos de Braga e os curas de Traz-os-Montes, mas não fará bater com uma palpitação nova o coração da mocidade, como a *Morte de D. João* e a *Musa em férias*.

Guerra Junqueiro é de todos os poetas portuguezes aquelle a quem menos se pode perdoar n'uma causa d'estas, porque elle é na poesia portugueza, como foi Victor Hugo antes do exilio, em França, e como é Swinburne em Inglaterra, o porta-estandarte do espirito novo.

Anthero de Quental e João de Deus são talvez mais poetas, mas não têm o vivo arranque, o impulso dominativo, a vibração bellicosa e triumphante que nos versos da *Velhice do Padre Eterno* e da

Morte de D. João lembram um toque de clarim chamando a avançar, de bandeiras desfraldadas ao vento, uma rosa ao peito e um sabre em punho.

João de Deus é de um lyrismo tão puro e tão despreocupado, de uma tão dôce e ingenua frescura de alma, que a sua obra, sobranceira a todas as paixões, se parece mais com uma força da natureza do que com uma força social. É um rio manso, indolente e poetico, que não move aparelhos ru-raes nem machinismos de industria no seu curso puramente idyllico; contentando-se em correr e em ir cantando nos musgos, ao longo da veiga gorgeada de rouxinoes e de cotovias, no perfume das madre-silvas, entre copados laranjaes e velhos castanheiros em flôr.

Anthero de Quental é um recluso, um meditativo, um vidente. Psychologista profundo, philosopho que a avidez de verdades saciou de utopias e de desillusões, restituindo á vida em dôce e indulgente desprêzo compadecido tudo quanto recebeu d'ella em desengano implacavel e cruel, elle vive na clausura da arte como um antigo monge na clausura da religião. As suas analyses do espirito são tão delicadamente e tão subtilmente ponderadas que demandam para ser comprehendidas uma faculdade de intuscepção mental incompativel com a superficialidade do dilettantismo ordinario. Na sua technica falta na-

turalmente esse vinculo subalterno, pelo qual a superioridade dos artistas se prende á attenção do vulgo, e se chama a eloquencia.

Theophilo Braga é um generalisador systematico de noções e de theorias, por meio das quaes elle desejaria abranger toda a synthese do pensamento humano. A sua obra poetica, tão luminosamente e tão virginalmente iniciada pela *Visão dos Tempos*, sos-sobrou na vastidão do seu proprio plano. Os methodos scientificos d'este fecundo escriptor, alargando prodigiosamente a área dos seus estudos na philosophia e na historia, estreitaram proporcionalmente a zona do seu poder imaginoso, invocativo e pittoresco. A multiplicidade dos seus problemas como polygrapho prejudicou, como não podia deixar de ser, a simplicidade das soluções que elle se propunha notar como poeta, e Theophilo Braga, comprehendendo-o, foi-se abstendo cada vez mais de transcrever sentimentos abstractos na poesia para se entregar inteiramente á coordenação enorme de idéas relacionadas em successivos volumes de prosa, abrangendo já o mais vasto inquerito que em Portugal se tem feito á producção da intelligencia.

Dos poetas portuguezes modernos Guerra Junqueiro é, pois, o de modernidade mais suggestiva e mais palpitante. É n'elle que vibra, pela graça, pela ironia, pela causticidade, pela paixão, pela su-

perioridade oratoria, uma maior parcella da inquietta, da voluvel, da irritada alma contemporanea. É na têmpera dos seus versos que nós melhor reconhecemos a têmpera dos nossos proprios musculos e dos nossos nervos; é ao vestigio dos seus passos que melhor se amolda a nossa pégada; é no seu chapéo desabado de bohemio, de valentão e de espadachim, que fulgura como um tope de revolução a vermelha flôr de aventura, que a mocidade mais gosta de pôr ao peito.

Por tal motivo, emquanto os outros não serão comprehendidos senão por um pequeno circulo de entendidos e de delicados, Guerra Junqueiro tirará a milhares de exemplares ávidamente lidos as edições dos seus poemas.

Esta força impõe-lhe uma responsabilidade correspondente, e leva-me a esperar que, na subsequencia da sua obra, a sorte dos homens novos na tragica evolução social por que está passando o mundo, o interesse mais vivamente que o destino metaphysico dos velhos deuses.

XXX

Engrolou-se a quaresma o mais divertidamente que se pôde.

Para esse effeito contribuiu com efficacia o apreciavel crime do Soriano, o crime da rua Formosa, o crime da rua do Capellão, a maternidade simulada da calçada do Combro, o homicidio da estação do Salazar, a Sembrich e a Zina Dalti em S. Carlos, as troças ao padre José das Ligas na camara dos deputados, e a prolongação da polemica, entre regeneradores e progressistas, ácerca das reformas politicas, do accôrdo, e da eleição da Madeira.

Ouviu-se com applauso a nova opera do visconde do Arneiro:— *La Derelita*; tomou-se chá preto ás cinco da tarde em alguns salões; beijou-se o pé ao Senhor dos Passos na Graça e em S. Roque; viu-se passar a procissão; valsou-se ao compasso do *Petit-Bleu*; e, finalmente, desobrigámo'-nos, segundo determina a Santa Madre Igreja.

Com o começo de abril roemos as amendoas da

Paixão, cantamos as Alleluias e celebramos a Paschoa.

A primeira semana d'este mez foi a Semana Santa, durante a qual se encheram ainda, a botar por fora até o meio da rua, todas as egrejas de Lisboa.

E, todavia, o dogma catholico morreu, dizem, e não serei eu que o conteste.

O methodo historico e o criterio ethnico, applicados á sciencia das religiões atravez das differentes épochas intellectuaes da especie humana, têm n'este seculo, mais do que em nenhum outro, abalado e revolvido no espirito e na consciencia todos os elementos que constituem a base das crenças, destruindo implacavelmente a dôce miragem da fé, e creando novas, devoradoras e terriveis necessidades de verificação scientifica, de soluções demonstraveis.

Acha-se hoje inteiramente descripta e determinada a trajectoria do sentimento religioso nas successivas edades da civilisação no globo, desde os primitivos cultos fetichistas até as mais recentes especulações mentaes da philosophia christã, mostrando nas progressivas phases da religiosidade a concatenação da série nunca interrompida, passando do periodo mythico ao periodo ritualistico, e do periodo ritualistico ao periodo theologico, herdando cada geração os productos theologicos da geração anterior,

e estabelecendo-se d'este modo a transformação evolutiva das crenças de cada raça.

Em cada uma das diversas phases em que successivamente se desdobra a concepção da Divindade no espirito humano se observam os phenomenos de recorrencia, de regressão, de adaptação, de eliminação, ou de assimilação, que caracterisam os phenomenos biologicos da especie.

O christianismo, com os seus vestigios de theogonias anteriores persistentes nas formas cultuaes e no dogmatismo das suas origens, obedece, perante a critica do nosso seculo, a um systema de leis anthropologicas tão precisas e tão rigorosas, como aquellas que determinaram a evolução de outras religiões que precederam a nossa, como o fetichismo tellurico, o mithraismo persa, ou o polytheismo árico.

Da fixação d'este novo criterio no estudo das religiões provém a feição peculiar de toda a obra intellectual do nosso tempo, e principalmente da obra de arte, tão profundamente caracterisada nos romancistas e nos poetas contemporaneos, por um cunho de amarga tristeza, em que se revela bem, não já o scepticismo ironico do seculo passado, mas o desengano definitivo da alma moderna.

Nunca se foi menos religioso, no sentido dogmatico d'esta palavra, do que hoje em dia. A descren-

ça austera e consciente n'uns, irreflectida, palavrosa e insolente n'outros, invadiu por infiltração todas as camadas sociaes, a ponto de ser provavel que n'uma igreja, como na Semana Santa, inteiramente cheia de *fieis* sinceramente *devotos*, se não encontre um só *crente* perfeitamente *convicto*.

Para a multidão, o dogma, ou é uma cousa indifferente, ou uma cousa desconhecida, ou uma cousa refutada.

Independente porém do dogma ecclesiastico, existe uma outra cousa mais sagrada que elle, por assim dizer mais divina: a tradição do povo, a terna fidelidade ao sentimento collectivo da raça, o dôce respeito ao legado da familia.

Em nenhum outro periodo da sua evolução o christianismo apparece aos meus olhos tão venerando, tão grande, como no momento presente, em que os canones caem com a esterilidade do seu morbido idealismo, com a sua intolerancia judaica, com o funebre cortejo dos seus rigores e dos seus castigos, ficando em pé, sobrevivente á obra colossal da Igreja caduca, a obra social de Jesus; ficando a sua dôce physionomia perpetuada na eterna gratidão humana; ficando o elemento primitivo do christianismo, popular e poetico, immortalizado no sentimento universal, por meio de algumas piedosas lendas, as quaes, depois de extinctos todos os dogmas, em-

balarão e acalantarão ainda por muitos seculos a dolorida alma do homem.

D'aqui, a minha sympathia por essas tradicionaes cerimoniaes do christianismo latino... A Semana Santa, em que no throno de Jesus, nas egrejas de Lisboa, se collocam ainda, entre os palmitos e os cirios, as taças de trigo semeado em agua, do culto de Adonis; em que ninguem já hoje entende nem escuta a lettra dos psalmos e das antiphonas, mas em que o rei ainda lava os pés a doze mendigos, emquanto o diacono entôa o Evangelho de S. João e o côro canta:—*Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros como eu vos tenho amado.*

Na liturgia da sexta-feira santa sentem-se ainda mal apagados os vestigios judaico-hellenicos da commemoração de outros deuses mortos, como Mithra, Thamuz, Adonis, Athys e Zagrens. E é consolador não os ter de todo esquecido, porque Mithra, bem como Adonis e Christina, morreram tambem jovens e innocentes, regando com o seu sangue as flôres da primavera para aplacar a divindade, e Thamuz e Athys foram tão longamente chorados pelas mulheres da Phrygia e da Syria, como Jesus pelas filhas de Jerusalem.

Já infelizmente se não representam nas cathedraes os autos e os *Dialogos da Paixão*; mas em muitas

aldeias portuguezas a procissão do enterro é ainda acompanhada de figuras representando Samsão e Judith com a cabeça de Holophernes, ambos esses personagens vestidos á turca.

No Porto, eu mesmo vi na minha infancia a procissão dos Passos precedida de um gallego chamado o Fagote, coberto de uma armadura do seculo xvi, o qual tocava uma buzina, enquanto uma chusma de gaiatos lhe gritavam, em côro, compassado com o latim dos chantres: — *Vomita o polvo, feijão fradinho!*

E no sabbado da Alleluia queimavam o Judas, fazendo arder, depois de enforcadas, nas ruas publicas, estatuas de palha, representando vultos da politica antipathicos ao povo, como o Costa Cabral, que augmentara os impostos para as estradas novas, e o general das armas conde do Casal, que era corcunda.

As prateirinhas de hervilhaca ou de trigo grelado, chamadas ainda *jardins de Adonis*, não são o unico rasto na tradição catholica das antigas festas primaveraes do tempo dos mythos solares. Ainda no seculo xvi, segundo se lê na *Historia Tragico-maritima*, costumavam os pescadores de Alfama, nas oitavas da Paschoa, celebrar a festa de S. Pedro Gonçalves levando a sua imagem em procissão ás *hortas de Enxobregas*, recolhendo-a enramada de

cuentros novos, entre flôres colhidas pelos fieis, que dansavam e bailavam á roda.

A festa dos Ramos ou a *Paschoa florida*, como se lhe chamava antigamente, a *Benção do lume novo*, o *Cirio paschal*, são outros tantos symptomas de sobrevivencia de antigos polytheismos de que os primitivos padres da Egreja não conseguiram separal-a inteiramente.

A grande Paschoa é quasi puramente judaica...

Mas quem o discute? quem se importa hoje com as interpolações do mysticismo das velhas escholas do Oriente no ritual romano? quem quer saber com quantos pedaços de marmore pagão se construiu a cathedral latina?

O facto essencial é que na tradição do povo, um grande, um verdadeiro, um sincero culto subsiste quasi tão independente das prescripções dos padres do Concilio de Nicéa como das dos padres de Ceres, e esse culto é o do Ideal.

Que me importa a mim que seja precisamente a Paixão de Adonis em Byblos a que se celebra nas Endoenças?

Que me importa que as Trevas sejam as do Limbo, d'onde vieram as almas dos patriarchas evocadas por Christo, ou sejam as das profundidades mysteriosas da terra, onde Orpheu foi procurar Eurydice, onde Baccho foi buscar Semele?

Que me importa que se chame Venus, que se chame Astarte ou que se chame Maria aquella em cujo seio agonisa um joven Deus sacrificado ao amor dos homens?

Que me importa que seja o filho de Maria ou que seja o filho de Astarte o que resuscita?

Que me importa que tudo isso seja uma realidade ou uma fabula, um dogma catholico ou um mysterio pagão?

Basta-me saber que ha n'este mundo um supremo ideal de justiça e de bondade, a que a arte não conseguiu ainda dar uma forma definitiva e estavel. É o culto d'esse ideal que constitue a religião de cada homem. A igreja que nos reúne em nome d'esse culto, qualquer que ella seja, é o lugar santo e bendito.

O templo catholico será um refugio tanto mais amplo para a nossa dôr e para a nossa esperança, quanto maior fôr o espaço que n'elle vá cedendo a letra do dogma á aspiração da poesia.

O que na Igreja nos repugna não é a *religiosidade*, é a *padrice*.

Quando alguns milhões de homens se combinam e congrassam para pôrem de parte os seus negocios, os seus interesses, os seus appetites e as suas paixões; para irem, durante algumas horas da sua vida, ajoelhar deante de um altar, onde não ha quem com-

pre, nem ha quem venda cousa alguma; onde não ha ministros que despachem, nem agiotas que emprestem; isso basta para que eu venere esse altar como um laço insubstituivel na união da familia humana.

Quando os padres me dizem que é d'elles esta obra, indubitavelmente a mais bella a que ainda se chegou n'este mundo, o meu respeito arrefece e a minha critica revolta-se.

A theologia só foi poderosa durante o periodo em que representou o mais alto gráu de desenvolvimento do espirito humano. Desde que abdicou nas sciencias profanas o encargo de nos dar dos phenomenos do mundo physico e do mundo moral a explicação mais conforme aos nossos habitos de analyse e de raciocinio, a theologia cessou de ser uma força e uma auctoridade. O catholicismo, que a theologia ajudou a fundar, não é já pelas definições dos concilios que existe, mas sim pela parte legendaria e artistica de que a poesia popular revestiu o culto christão nas egrejas da raça latina.

O catholicismo vive na architectura incomparavel das suas admiraveis cathedraes; vive na ourivesaria artistica das suas primorosas alfaias; vive nos frescos dos seus muros, e nas telas dos seus retabulos immortalisados pelos pinceis dos maiores artistas do mundo.

O encanto do seu mysterio já não está na doutrina de seus padres, mas nas illuminuras flamengas e italianas dos seus missaes e dos seus antiphonarios, na penumbra da arcaria gothica dos seus claustros, onde monjas e princezas dormem o somno casto dos brancos marmores, coroadas de boninas com uma açucena entre as mãos postas.

A suavidade da sua eloquencia está no murmurio das suas fontes, no soluçar plangente dos seus órgãos, na melodia tão gravemente elegiaca dos seus hymnos, e na symphonia de luz que enche o templo como n'uma apothese, quando o sol poente, coado pela vidraçaria phantastica das monumentaes rosaceas, envolve n'um amplexo de ouro, de aljofares, de esmeraldas e de rubis, o tragico marfim em que o Deus expira amarrado á sua cruz sobre o altarmór.

As resoluções papaes, as lettras apostolicas e os concilios nada têm já com o destino do catholicismo. A porção de existencia que elle hoje tem (e não pode haver illussões sobre este ponto) deve-a exclusivamente á arte. E pela minha parte, eu não peço senão que elle continue a ser bello, para que eu continue a consideral-o divino.

Indifferente aos dogmas e aos canones, a religião catholica é para mim como a musica de uma opera que não vou vêr em scena, mas que me apraz ou-

vir ao piano, em familia, e ao som da qual vou accendendo ou apagando na minha alma, como no candieiro da quarta-feira de trevas, as luzes da saudade.

Não jejuo, nem me confesso, nem commungo, mas quando as Paschoas chegam com as amendoas da primavera, mil confusas e alegres recordações de innocencia repicam no meu coração, como as alleluias no campanario da minha freguezia; e sinto que no fundo da minha alma ha uma boa lagrima para agradecer o ramo bento que a minha filha ou a minha neta tenham ido orvalhar de agua lustral, passeando-o em tórno de Jesus, montado na jumentinha com que entrou em Jerusalem.

De resto — como tão bem o demonstrou David Strauss — todas as religiões são divinas, mais ou menos, segundo o gráu em que cada uma d'ellas exprime o desenvolvimento da consciencia do Divino na humanidade, e todas ellas são humanas tanto quanto esse desenvolvimento se realisa através de todas as fraquezas e de todas as miserias da nossa pobre natureza.

INDEX DO TOMO V

I Um Congresso Catholico em Lisboa—O ecclesiastico portuguez e seus principaes aspectos : o padre das missões, o padre d'aldeia, o padre de sala.—A influencia ecclesiastica na familia..	5
II Agua de Nossa Senhora de Lourdes.—Sua analyse chimica e sociologica.....	31
III Os missionarios na cidade da Guarda, e a agiotagem com Deus.....	36
IV O celibato e o casamento dos sacerdotes.....	38
V Da incompatibilidade da voz de soprano com a decencia do culto.—Controversia cirurgica...	42
VI A questão religiosa entre Carnaxide e a Ponte d'Algés.—Protestantes e catholicos.....	47
VII A peregrinação a Roma—Mensagem a sua Santidade.....	65

VIII A primeira communhão de sua alteza o principe real.....	86
IX Diversos flagellos—Chronica de uma inundação.	89
X Um desacato. Meios propostos para apiacar a Divindade.....	123
XI O judaismo contemporaneo—Celebra-se a entrada triumphal da Primavera e a do israelita Camondo em Lisboa, e pergunta-se se valeu a pena de que Jesus morresse....	138
XII A morte de um patriarcha..	151
XIII As santas reliquias e o homem justo que lhes prefere o queijo.....	162
XIV A festa do Natal—A festa das creanças e a historia de uma que se não divertiu.	171
XV Pomposa e tocante cerimonia de uma cardinalisação	190
XVI O milagre de Nossa Senhora Aparecida. Renovação poetica da dicta apparição....	195
XVII O Senhor dos Passos. Seu ultimo desgosto....	200
XVIII As communidades religiosas. A companhia de Jesus.....	202
XIX Um eremita.....	214
XX A ceia da consoada e a missa do Gallo.....	225
XXI Outros episodios do Natal.....	229
XXII Um anjo !.....	235
XXIII Introducção da verruma no culto das sagradas imagens.....	246
XXIV O cego que vê e a paralytica que anda—Milagre de Nossa Senhora de Lourdes—A simples agua benta—Os escapularios.....	247
XXV Uma denegação de sepultura. Imprudente invasão do clero nos actos da vida civil.....	255



